A Vida de Elias

Volume 1
(Capítulos 1 a 12)

A. W. Pink

Tradução
Helio Kirchheim

Observações do Tradutor

1ª) O leitor perceberá que alternamos com frequência a versão bíblica na citação dos textos da Bíblia. Usamos como padrão a versão Revista e Atualizada, da Sociedade Bíblica do Brasil, mas recorremos também a outras três em especial: a **RC** — versão Revista e Corrigida, da Sociedade Bíblica do Brasil; a **BRA** — Tradução Brasileira, da Sociedade Bíblica do Brasil (encontrada na Bíblia Online 3.0); e a **SBTB** — versão Fiel, da Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil. Fazemos isso a contragosto, uma vez que parece estarmos "adaptando" o texto à variação do pensamento do Autor do livro, mas isso é só aparente. O que de fato acontece é que o Autor, o irmão A.W.Pink, usou apenas **uma** tradução — a King James — que não tem equivalente exato em nossa língua. Daí a razão de fazermos uso das outras versões, procurando ser o mais possível fiéis ao original inglês.

2ª) As notas de rodapé são todas do tradutor.

Índice

1. O dramático aparecimento de Elias 4
2. Os céus trancados 15
3. O ribeiro Querite 27
4. O teste da fé 39
5. A torrente secou 53
6. Conduzido a Sarepta 67
7. A extrema necessidade de uma viúva 82
8. O Senhor proverá 96
9. Uma providência sombria 110
10. Mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos 124
11. Frente a frente com o perigo 138
12. O confronto com Acabe 152

Capítulo 1

O Dramático Aparecimento de Elias

Elias surgiu no palco da ação pública durante uma das horas mais escuras da triste história de Israel. Ele nos é apresentado no início de 1 Reis 17, e temos apenas de ler os capítulos anteriores para descobrir o estado deplorável em que se encontrava o povo de Deus. Israel tinha se apartado de Jeová de forma grave e flagrante, e aquilo que se opunha diretamente contra Ele tinha sido estabelecido publicamente. Nunca antes essa nação favorecida tinha se afundado tanto. Haviam-se passado cinquenta e oito anos desde que o reino tinha sido dividido em dois após a morte de Salomão. Durante esse breve período, não menos de sete reis haviam reinado sobre as dez tribos, e todos eles, sem exceção, foram homens perversos. É de fato doloroso traçar o triste curso que seguiram, e ainda mais trágico observar como se tem repetido o mesmo fato na história da cristandade.

O primeiro desses sete reis foi Jeroboão. A respeito dele, lemos que ele "fez dois bezerros de ouro" e disse ao povo: "Basta de subirdes a Jerusalém; vês aqui teus deuses, ó Israel, que te fizeram subir da terra do Egito! Pôs um em Betel e o outro, em Dã. E isso se tornou em pecado, pois que o povo ia até Dã, cada um para adorar o bezerro. Jeroboão fez também santuários nos altos e, dentre o povo, constituiu sacerdotes que não eram dos filhos de Levi. Fez uma festa no oitavo mês, no dia décimo quinto do mês, igual à festa que se fazia em Judá, e sacrificou no altar; semelhantemente fez em Betel e ofereceu sacrifícios aos bezerros que fizera; também em Betel estabeleceu sacerdotes dos altos que levantara" (1 Rs 12.28-32). Observe bem e com cuidado que a apostasia começou com *a corrupção do sacerdócio*, instalando no serviço divino homens que não foram nunca nem chamados nem capacitados por Deus!

Lemos a respeito do próximo rei, Nadabe: "Fez o que era mau perante o SENHOR e andou nos caminhos de seu pai e no pecado com que seu pai fizera pecar a Israel" (1 Rs 15.26). Quem o sucedeu foi o próprio homem que o assassinou, Baasa (1 Rs 15.27). Depois veio Elá, um beberrão, que também foi um assassino (1 Rs 16.8,9). O seu sucessor, Zinri, era culpado de "conspiração" (1 Rs 16.20). Depois dele veio um mercenário militar de nome Onri, a respeito de quem somos informados do seguinte: "Fez Onri o que era mau perante o SENHOR; fez pior do que todos quantos foram antes dele. Andou em todos os caminhos de Jeroboão, filho de Nebate, como também nos pecados com que este fizera pecar a Israel, irritando ao SENHOR, Deus de Israel, com os seus ídolos" (1 Rs 16.25,26). O ciclo maligno se completou com o filho de Onri, porque esse foi ainda mais vil do que aqueles que o precederam.

"Fez Acabe, filho de Onri, o que era mau perante o SENHOR, mais do que todos os que foram antes dele. Como se fora coisa de somenos andar ele nos pecados de Jeroboão, filho de Nebate, tomou por mulher a Jezabel, filha de Etbaal, rei dos sidônios; e foi, e serviu a Baal, e o adorou" (1 Rs 16.30,31). Esse casamento de Acabe com uma princesa pagã era inteiramente de se esperar (porque não se pode pisotear a lei de Deus impunemente), repleto das mais terríveis consequências. Num curto espaço de tempo desapareceu qualquer vestígio da terra de Israel da correta adoração de Jeová e uma grosseira idolatria se tornou desenfreada. Adoravam-se os bezerros de ouro em Dã e em Betel, erigiu-se um templo a Baal em Samaria, os "postes-ídolos" de Baal apareceram por todo lado, e os sacerdotes de Baal passaram a dominar a vida religiosa de Israel.

Declarava-se abertamente que Baal vivia e que Jeová já não existia. É possível perceber o estado revoltante que se havia instalado nesta declaração: "Também Acabe fez um poste-ídolo, de maneira que cometeu mais abominações para irritar ao SENHOR, Deus de Israel, do que todos os reis de Israel que foram antes dele" (1 Rs 16.33). Desacato ao Senhor Deus e perversidade grosseira chegaram ao seu ponto culminante. Isso fica mais evidente do seguinte texto: "Em seus dias, Hiel, o betelita, edificou a Jericó" (v. 34). Isso foi uma terrível insolência, porque no passado já tinha sido escrito: "Naquele tempo, Josué fez o povo jurar e dizer: Maldito diante do SENHOR seja o homem que se levantar e reedificar esta cidade de Jericó; com a perda do seu primogênito lhe porá os fundamentos e, à custa do mais novo, as portas" (Js 6.26). A reconstrução da amaldiçoada Jericó era uma visível provocação de Deus.

Ora, foi em meio a essa escuridão espiritual e degradação que se apresenta no palco da ação pública, com brusca dramaticidade, uma solitária mas impressionante testemunha do Deus vivo. Um famoso comentarista iniciou as suas observações a respeito de 1 Reis 17 dizendo o seguinte: "O mais ilustre profeta, Elias, foi levantado no reino do mais perverso dos reis de Israel". Esse é um breve mas exato resumo da situação de Israel naquele tempo: não apenas isso, mas isso fornece a chave para tudo o que se segue. É de fato lamentável contemplar as terríveis condições que prevaleciam. Havia-se extinguido toda e qualquer luz, havia-se silenciado toda e qualquer voz de testemunho da parte de Deus. A morte espiritual havia-se espalhado sobre tudo, e parecia que Satanás tinha de fato conseguido dominar a situação.

"Então, Elias, o tesbita, dos moradores de Gileade, disse a Acabe: Tão certo como vive o SENHOR, Deus de Israel, perante cuja face estou, nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a minha palavra" (1 Rs 17.1). Deus, triunfantemente, agora levanta uma poderosa testemunha para Si mesmo. Elias nos é aqui apresentado da forma mais abrupta. Não há registro da sua parentela nem de como ele vivia. Não sabemos nem a que tribo ele pertencia, apesar de que o fato de que ele era "dos habitantes de Gileade" indique provavelmente que ele pertencia ou a Gade ou a Manassés, porque Gileade se encontrava entre essas duas tribos. "Gileade se situa ao leste do Jordão: era região deserta e rude; suas colinas estavam cobertas de florestas desordenadas; seus terríveis lugares ermos somente eram interrompidos pelo súbito aparecimento dos riachos das montanhas; seus vales costumavam ser frequentados por ferozes feras selvagens".

Como indicamos acima, Elias nos é apresentado na narrativa divina de uma forma estranha, sem que nos seja dito nada sobre os seus ancestrais ou sobre a sua vida pregressa. Cremos que há uma *razão típica* porque o Espírito não fez nenhuma referência às origens de Elias. Como Melquisedeque, o início e o fim desta história está envolto em mistério sagrado. Da mesma forma que a ausência de qualquer menção do nascimento e da morte de Melquisedeque foi divinamente planejado para prenunciar o eterno Sacerdócio e Majestade de Cristo, assim o fato de que nada sabemos sobre o pai e a mãe de Elias, e depois o fato de que ele foi sobrenaturalmente trasladado

deste mundo sem passar pelos portais da morte, marcam Elias como o precursor típico do eterno Profeta. Dessa forma, a omissão desses detalhes prefiguram a *eternidade* do ofício *profético* de Cristo.

O fato de sermos informados que Elias "era dos habitantes de Gileade" sem dúvida foi registrado como uma informação adicional sobre o seu treinamento natural — algo que sempre exerce poderosa influência na formação do caráter. O povo daquela região montanhosa refletia a natureza do seu ambiente: eles eram ásperos, toscos, solenes e austeros, moravam em rudes vilas e subsistiam cuidando rebanhos de ovelhas. Enrijecido pela vida ao ar livre, vestido de pele de camelo, acostumado a passar a maioria do tempo sozinho, possuidor de robusta força que o capacitava a suportar grande esforço físico, Elias apresentaria marcante contraste com os moradores da cidade nas terras baixas dos vales, e mais especificamente ele se distinguiria dos mimados cortesãos do palácio.

Não temos meios de saber que idade Elias tinha quando o Senhor lhe concedeu a primeira e pessoal revelação de Si mesmo, como também não temos informação sobre o seu treinamento religioso na mocidade. Mas há uma sentença num próximo capítulo que nos capacita a formar uma idéia definida do calibre espiritual do homem — "Tenho sido zeloso pelo SENHOR, Deus dos Exércitos" (1 Rs 19.10). Essas palavras não podem significar menos do que isto: ele tinha profundo amor e preocupação com a glória de Deus, e a glória do *Seu* nome significava para ele mais do que qualquer outra coisa. Em consequência, ele deveria estar sofrendo profundamente e cheio de santa indignação à medida que ficou sabendo mais e mais das terríveis características e da extensão da deserção de Israel de Jeová.

Há pouca dúvida de que Elias devia estar inteiramente familiarizado com as Escrituras, especialmente os primeiros livros do Antigo Testamento. Por conhecer o quanto o Senhor tinha feito por Israel, os sinais do Seu favor. Ao conferir isso, ele deve ter ansiado que eles O agradassem e O glorificassem. Mas quando ficou sabendo que isso estava completamente ausente, e à medida que as notícias chegavam até ele do que estava acontecendo no outro lado do Jordão, à medida que ficava sabendo como Jezabel havia derribado os altares de Deus, matado os Seus servos, e os havia substituído pelos sacerdotes idólatras pagãos, sua alma deve ter-se enchido de horror e seu sangue ferveu de indignação, porque ele era "zeloso pelo SENHOR, Deus dos Exércitos". Quem dera que mais dessa indignação justa nos enchesse e inflamasse hoje!

Provavelmente, a questão que mais atormentava Elias era a seguinte: "Como é que eu devo agir?" O que é que ele, um rude e inculto filho do deserto, poderia fazer? Quanto mais pensava nisso, mais difícil deve ter parecido a situação; e sem dúvida Satanás deve ter soprado em seu ouvido: "Você não pode fazer nada; a situação não tem solução". Mas havia uma coisa que ele podia fazer: entregar-se àquele grande recurso reservado a todas as almas profundamente atormentadas — ele podia *orar*. E ele o fez: conforme Tiago 5.17 nos informa, ele orou "com instância". Ele orou porque estava persuadido de que o Senhor Deus vivia e governava todas as coisas. Ele orou porque reconheceu que Deus é todo-poderoso e que com Ele todas as coisas são possíveis. Ele orou porque sentiu sua própria fraqueza e insuficiência e por isso voltou-se Àquele que é revestido de poder e é infinitamente auto-suficiente.

Mas, para ser eficiente, a oração tem de firmar-se na Palavra de Deus, visto que sem fé é impossível agradar a Deus, e a fé "é (vem) pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus" (Rm 10.17 – RC). Ora, havia uma passagem específica nos livros das Escrituras daquela época que parece ter chamado a atenção de Elias: "Guardai-vos não suceda que o vosso coração se engane, e vos desvieis, e sirvais a outros deuses, e vos prostreis perante eles; que a ira do SENHOR se acenda contra vós outros, e feche ele os céus, e não haja chuva, e a terra não dê a sua messe" (Dt 11.16,17). Era exatamente esse o crime do qual Israel era agora culpado: eles tinham se desviado para adorar

deuses falsos. Suponhamos, então, que Deus não executasse esse juízo ameaçador — não pareceria de fato que Jeová não passava de um mito, uma tradição morta? E Elias era "em extremo zeloso pelo Senhor dos Exércitos", e somos informados que ele "orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra" (Tg 5.17). Por meio disso, aprendemos mais uma vez o que é a verdadeira oração: é a fé que se agarra à Palavra de Deus, alegando-a diante dEle, e dizendo: "faze como falaste" (2 Sm 7.25).

Ele "orou, com instância, para que não chovesse". Será que algum dos leitores está pensando: "Que oração terrível"? Então lhe perguntamos: Não era mais terrível ainda que os favorecidos descendentes de Abraão, Isaque e Jacó desprezassem e se afastassem do Senhor Deus e grosseiramente O insultassem ao adorar Baal? Pretendiam eles que o Deus triúno fechasse os olhos a essas barbaridades? Seria possível calcar aos pés as Suas leis justa sem sofrer as consequências? Deveria Ele recusar-Se a impor os seus justos castigos? Qual seria a idéia que os homens haveriam de conceber do caráter de Deus se Ele desconsiderasse essa provocação visível contra Si mesmo? Que as Escrituras nos respondam: "Visto como se não executa logo a sentença sobre a má obra, o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal" (Ec 8.11). Sim, e não somente isso, mas como Deus declara: "Tens feito estas coisas, e eu me calei; pensavas que eu era teu igual; mas eu te argüirei e porei tudo à tua vista" (Sl 50.21).

Ah, leitor, há uma coisa muito pior do que a calamidade física e o sofrimento; é a delinquência moral e a apostasia espiritual. É lamentável que isso seja tão pouco percebido em nossos dias! O que são os crimes contra o homem em comparação com os soberbos pecados contra Deus? Da mesma forma, o que são os revezes de uma nação se comparados com a perda do favor de Deus? O fato é que Elias tinha um verdadeiro senso de valores: ele era "muito zeloso pelo Senhor Deus dos Exércitos", e por isso orou, com instância, para que não chovesse. Doenças graves requerem medidas drásticas. E à medida que ele orava, Elias obteve certeza de que a sua petição estava sendo atendida, e que ele tinha de ir apresentar-se a Acabe. Qualquer que fosse o perigo que o profeta fosse correr, era preciso que tanto o rei como os seus súditos ficassem sabendo da direta conexão que havia entre a seca e os seus pecados que a tinham provocado.

A tarefa que Elias agora tinha diante de si não era comum, e requeria muito mais do que uma coragem comum. Para um montanhês rústico e inculto, aparecer sem convite diante de um rei que desafiava os céus, era suficiente para desanimar até o mais valente; ainda mais quando a esposa pagã desse rei não se acanhava de assassinar qualquer um que se opusesse à sua vontade. Na verdade, ela já havia matado vários dos servos de Deus. Quais eram então as probabilidades de que esse solitário gileadita escapasse com vida? "...mas o justo é intrépido como o leão" (Pv 28.1): aqueles que se acertaram com Deus nem se amedrontam com dificuldades nem se apavoram diante dos perigos. "Não tenho medo de milhares do povo que tomam posição contra mim de todos os lados" (Sl 3.6); "Ainda que um exército se acampe contra mim, não se atemorizará o meu coração" (Sl 27.3): essa é a espécie de bendita serenidade daqueles cuja consciência está livre de pecado e cuja confiança está posta no Deus vivo.

Havia chegado a hora de executar a sua dura tarefa, e Elias deixa seu lar em Gileade para entregar ao rei Acabe a sua mensagem de juízo. Imagine-o em sua longa e solitária jornada. O que será que lhe passava pela mente? Será que ele se lembrava da missão similar em que Moisés se envolveu, quando foi enviado pelo Senhor para entregar seu ultimato ao soberbo monarca do Egito? Bem, a mensagem que ele carregava não seria mais agradável ao degenerado rei de Israel. Contudo, lembranças desse tipo de forma nenhuma haveriam de deter ou intimidar Elias; em vez disso, o desfecho do que aconteceu a Moisés apenas haveria de fortalecer-lhe a fé. O Senhor Deus não tinha falhado para com o Seu servo Moisés; pelo contrário, tinha estendido a Sua poderosa mão em seu

favor, e no final lhe concedeu pleno êxito. As maravilhosas obras de Deus no passado deveriam sempre encorajar os Seus servos e santos no presente.



Capítulo 2

Os Céus Trancados

"…vindo o inimigo como uma corrente de águas, o Espírito do SENHOR arvorará contra ele a sua bandeira" (Is 59.19 – RC). O que significa o inimigo vir "como uma corrente de águas"? A figura usada aqui é vívida e expressiva: é a figura de uma inundação incomum, que provoca a submersão da terra, implicando em perigo às propriedades e à própria vida, uma inundação que põe em risco tudo que está à sua frente. Essa é uma ilustração que descreve com muita propriedade a situação moral do mundo em geral, e de lugares específicos em diferentes períodos da história. Repetidas vezes um dilúvio de maldade irrompe, uma inundação de proporções tais que se tem a impressão de que Satanás triunfa sobre tudo o que é santo que lhe faça oposição; quando, por meio de uma inundação de idolatria, impiedade e iniquidade, a causa de Deus sobre a terra parece estar em iminente perigo de ser totalmente devastada.

"…vindo o inimigo como uma corrente de águas, …" Um breve olhar de relance no contexto já nos revela o que significa essa expressão. "… esperamos pela luz, e eis que só há trevas; pelo resplendor, mas andamos em escuridão. Apalpamos as paredes como cegos; sim, como os que não têm olhos, andamos apalpando … Porque as nossas transgressões se multiplicaram perante ti, e os nossos pecados testificam contra nós … como o prevaricar, {ou transgredir e negar o Senhor} e o mentir contra o SENHOR, e o retirarmo-nos do nosso Deus, e o falar de opressão e rebelião, e o conceber e expectorar do coração palavras de falsidade. Pelo que o juízo se tornou atrás, e a justiça se pôs longe, porque a verdade anda tropeçando pelas ruas, e a eqüidade não pode entrar. Sim, a verdade desfalece, e quem se desvia do mal arrisca-se a ser despojado" (Is 59.9-15 – RC). No entanto, quando o diabo introduz uma inundação de enganos mentirosos, e o desrespeito à lei de Deus passa a predominar, o Espírito de Deus intervém e frustra o perverso propósito de Satanás.

Os versículos sagrados citados acima descrevem com precisão as terríveis condições que prevaleciam em Israel sob o reinado de Acabe e da sua esposa pagã Jezabel. Por causa das suas múltiplas transgressões, Deus havia entregado o povo à cegueira e escuridão, e um espírito de engano e loucura tomou conta dos seus corações. Em consequência, a verdade se afastou das ruas — brutalmente pisoteada pelas massas. A idolatria se tornou a religião deles: a adoração de Baal era a ordem do dia: a perversidade vicejava por todo lado. O inimigo havia chegado como um verdadeiro dilúvio, e parecia não haver mais nenhuma barreira que pudesse conter os seus efeitos. Foi então que o Espírito do Senhor ergueu uma bandeira contra ele, descontente com os pecados do povo, e havia de visitar os pecados deles. Essa bandeira celestial foi erguida pela mão de Elias.

Deus nunca deixou de conservar testemunhas dEle na terra. Nas mais negras épocas da história humana, o Senhor sempre levantou e manteve um testemunho para Si mesmo. Nem perseguição nem corrupção puderam exterminá-las. Nos dias dos antediluvianos, quando a terra estava cheia de violência, e toda a carne tinha corrompido seu caminho, Jeová tinha um Enoque e um Noé como Seus porta-vozes. Quando os hebreus foram reduzidos a miserável escravidão no Egito, o Altíssimo enviou Moisés e Arão como Seus embaixadores, e em cada período subsequente na história deles, um profeta após o outro lhes foi enviado. Assim também tem sido através de todo o curso da cristandade: nos dias de Nero, nos tempos de Carlos Magno, e mesmo na idade das trevas — apesar da incessante oposição do papado — a lâmpada da verdade não se estinguiu nunca. E assim aqui em 1 Reis 17 nós vemos novamente a imutável fidelidade de Deus à Sua aliança, trazendo à cena alguém zeloso por Sua glória e que não temia denunciar os Seus inimigos.

Havendo já considerado o sentido da função específica desempenhada por Elias, e tendo mostrado a sua misteriosa personalidade, vamos agora considerar o significado do *seu nome*. O profeta possuía um nome admirável, rico em significado. Elias pode ser traduzido como "Deus é Jeová" ou "Jeová é meu Deus". A nação apóstata havia adotado Baal como a sua divindade, mas o nome do nosso profeta proclamava o verdadeiro Deus de Israel. A julgar pela analogia das Escrituras, podemos concluir com segurança que esse nome havia sido dado a ele por seus pais, provavelmente sob impulso profético ou em consequência de orientação divina. Para aqueles que estão familiarizados com a Palavra de Deus, essa não é nenhuma idéia estranha. Lameque chamou seu filho de Noé, dizendo: "Este nos consolará (ou: nos dará descanso) dos nossos trabalhos" (Gn 5.29) — "Noé" significa "descanso" ou "consolo". José deu nomes aos seus filhos que expressavam as providências particulares de Deus para com ele (Gn 41.51,52). O nome que Ana deu a seu filho (1 Sm 1.20), e os que a esposa de Finéias deu aos dela (1 Sm 4.19-22) também ilustram o que estamos afirmando.

Podemos observar que o mesmo princípio se confirma com respeito a muitos *lugares* mencionados nas Escrituras: Babel (Gn 11.9); Berseba (Gn 21.31); Massá e Meribá (Êx 17.7); e Cabul (1 Rs 9.13) são exemplos característicos; de fato, ninguém que deseja entender os escritos sagrados pode dar-se ao luxo de negligenciar uma atenção cuidadosa aos nomes próprios. Essa importância recebe confirmação no exemplo do próprio Senhor, pois quando ordenou ao cego que se lavasse no tanque de Siloé, imediatamente foi acrescentado: "(*que quer dizer* Enviado)" (Jo 9.7). Novamente, quando Mateus registra a ordem dada pelo anjo a José de que o Salvador deveria ser chamado Jesus, o Espírito o moveu a acrescentar o significado desse maravilhoso Nome: "E ela dará à luz um filho, e lhe porás o nome de JESUS, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados. Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta, que diz: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de EMANUEL. (EMANUEL *traduzido é:* Deus conosco)" (1.21-23). Compare também as expressões "que quer dizer" e "se interpreta" em Atos 4.36 e em Hebreus 7.1,2.

Dessa forma, vemos que o exemplo dos apóstolos nos autoriza a extrair instrução dos nomes próprios (talvez não todos, mas há muitos que contêm importantes verdades). Contudo, isso precisa ser feito com moderação e de acordo com a analogia das Escrituras, e não com dogmatismo ou com o propósito de estabelecer alguma nova doutrina. Torna-se imediatamente claro como é apropriada a forma por que o nome Elias corresponde à missão do profeta e à sua mensagem. E como a consideração disso deve tê-lo encorajado! Podemos também juntar ao seu extraordinário nome o fato de que o Espírito Santo designou Elias como "o tesbita", o que muito significativamente quer dizer *aquele que é estrangeiro aqui*. Também temos de perceber um detalhe adicional que ele era "dos habitantes de Gileade", cujo nome significa *rochoso* — por causa das características

montanhosas daquele país. É sempre alguém assim que Deus levanta e usa numa hora crítica: um homem que seja totalmente dEle, separado da perversidade religiosa do seu tempo, e que habita lá no alto; um homem que, no meio de terrível decadência, sustenta no coração o testemunho de Deus.

"Então, Elias, o tesbita, dos moradores de Gileade, disse a Acabe: Tão certo como vive o SENHOR, Deus de Israel, perante cuja face estou, nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a minha palavra" (1 Rs 17.1). Esse evento memorável ocorreu cerca de oitocentos e sessenta anos antes do nascimento de Cristo. Há poucos exemplos, na história sagrada, de tal subitaneidade, tamanha ousadia, e caráter impressionante. Sem aviso prévio e desacompanhado, um homem simples, vestido de roupa humilde, surge diante do rei apóstata de Israel como o mensageiro de Jeová e como arauto de um terrível juízo. Ninguém da corte sabia muita coisa sobre ele, isto se alguém sabia qualquer coisa, porque ele simplesmente emergiu da obscuridade de Gileade para colocar-se à frente de Acabe com as chaves dos céus nas mãos. É assim que Deus utiliza muitas vezes as testemunhas da Sua verdade. Elas vêm e vão atendendo ao Seu comando: não surgem das fileiras dos influentes nem dos estudados. Não são produto do sistema deste mundo, nem o mundo lhes põe coroa de louros na testa.

"Tão certo como vive o SENHOR, Deus de Israel, perante cuja face estou, nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a minha palavra". Há muito mais nessa expressão "como vive o SENHOR, Deus de Israel" do que conseguimos perceber à primeira vista. Repare que não é simplesmente "O Senhor Deus vive", mas "o Senhor Deus de Israel", que também deve ser diferenciado do termo mais amplo "o Senhor dos Exércitos". São pelo menos três coisas que estão em destaque nessa expressão. Primeiro, "o Senhor Deus de Israel" põe uma particular ênfase no relacionamento especial dEle com a nação favorecida: Jeová é o Rei deles, o seu Soberano, Aquele a quem haverão de prestar contas, Aquele com quem entraram em solene aliança. Segundo, Acabe é informado, por meio dessa expressão, que Ele *vive*. Esse tremendo fato sem dúvida nenhuma estava recebendo especial atenção. Durante o reinado de um rei após o outro, Israel havia zombado e desafiado abertamente a Jeová, e nenhuma consequência séria havia seguido esses pecados; e dessa forma havia se estabelecido a falsa idéia de que o Senhor não existia de fato. Terceiro, essa declaração: "o Senhor Deus de Israel vive" apontava um tremendo contraste entre os ídolos sem vida, cuja impotência agora se tornaria evidente — incapazes de defender da ira de Deus os seus iludidos devotos.

Ainda que, por sábias razões que somente Ele conhece, Deus "suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição" (Rm 9.22), contudo Ele fornece claras e suficientes provas por toda parte da história humana que Ele, mesmo agora, governa os perversos e que é o vingador do pecado. Era isso que Deus estava comprovando a Israel naquele momento. Não obstante a paz e a prosperidade que o reino gozava há longo tempo, o Senhor estava grandemente irado com a maneira grosseira com que era publicamente insultado, e havia chegado o tempo em que Ele castigaria severamente o povo rebelde.

Em consequência disso, Ele enviou Elias até Acabe para anunciar a natureza e a duração do Seu castigo. É digno de nota que o profeta chegou com sua aterrorizante mensagem inspirada não para o povo, mas para o próprio rei — o cabeça responsável, aquele que tinha em seu poder as condições de retificar o que estava errado por meio do banimento dos ídolos de entre os seus territórios.

Elias foi agora chamado para entregar uma mensagem extremamente desagradável ao homem mais poderoso de todo o Israel; mas, consciente de que Deus estava com ele, não recuou diante de tal tarefa. Confrontando Acabe repentinamente, Elias tornou evidente que não tinha

medo do rei, apesar da posição deste. As suas primeiras palavras informaram ao degenerado monarca de Israel que ele teria de se haver com o Deus vivo. "Tão certo como vive o SENHOR, Deus de Israel" foi uma verdadeira confissão de fé do profeta, como também chamou a atenção Àquele que Acabe havia renegado. "... perante cuja face estou" (ou seja, de Quem eu sou servo — cfe. Dt 10.8; Lc 1.19): em cujo Nome eu me aproximo de ti, em cuja veracidade e poder eu obedientemente confio, em cuja inefável presença eu estou consciente de que estou agora, e a Quem eu tenho orado e de Quem obtive resposta.

"...nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a minha palavra". Que terrível panorama era esse! Por meio da expressão "as primeiras e as últimas (chuvas)" (Dt 11.14; Jr 5.24), inferimos que, normalmente, a Palestina tinha uma estação seca de vários meses de duração: mas embora não caísse a chuva nesse período, um orvalho descia à noite, e refrescava grandemente a vegetação. Mas nem orvalho nem chuva para cair, e isso por um período de anos, era de fato um terrível juízo. A terra tão rica e fértil, a ponto de ser chamada de terra que "mana leite e mel", com rapidez se tornaria árida e estéril, gerando fome, pestilência e morte. E quando Deus retém a chuva, não há ninguém que a possa criar. "Acaso, haverá entre os ídolos dos gentios algum que faça chover?" (Jr 14.22) — como isso revela a completa impotência dos ídolos, e a loucura daqueles que os reverenciam!

A difícil prova enfrentada por Elias, ao confrontar Acabe, entregando uma mensagem desse calibre, exigiu uma força moral incomum. Isso se torna mais evidente se dirigirmos nossa atenção a um detalhe que parece ter passado completamente despercebido aos comentaristas, detalhe que só se percebe por meio de cuidadosa comparação de Escritura com Escritura. Elias disse ao rei: "...nem orvalho nem chuva haverá nestes anos ..."; ao passo que, em 1 Reis 18.1, lemos o seguinte: "Muito tempo depois, veio a palavra do SENHOR a Elias, no terceiro ano, dizendo: Vai, apresenta-te a Acabe, porque darei chuva sobre a terra". Por outro lado, Cristo declarou: "Na verdade vos digo que muitas viúvas havia em Israel no tempo de Elias, quando o céu se fechou por três anos *e seis meses,* reinando grande fome em toda a terra" (Lc 4.25). Como explicaremos, então, esses seis meses extras? Da seguinte forma: quando Elias foi à presença de Acabe, *já haviam transcorrido* seis meses de seca. Podemos bem imaginar quão furioso ficou o rei quando informado que a terrível seca ainda perduraria por mais três anos!

Sim, a desagradável tarefa à frente de Elias requeria resolução incomum e ousadia, e podemos com razão perguntar: Qual era o segredo da sua coragem extraordinária; a que podemos atribuir a sua força? Alguns rabinos judeus argumentam que ele era um anjo, mas isso não pode ser, visto que o Novo Testamento nos informa claramente que ele era "homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos" (Tg 5.17). Sim, ele não era mais que "um homem", e apesar disso não tremeu na presença de um monarca. Embora fosse homem, tinha contudo o poder de fechar as janelas dos céus, e secar as fontes da terra. Mas a questão permanece: Como se explica a total confiança com que ele prenunciou a prolongada seca, a segurança de que tudo aconteceria conforme a sua palavra? Como foi que alguém tão frágil em si mesmo tornou-se poderoso em Deus a ponto de destruir fortalezas?

Sugerimos uma tripla razão para o segredo da força de Elias. Primeiro, *as suas orações.* "Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos, e orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra, e, por três anos e seis meses, não choveu" (Tg 5.17). Que fique bem claro que o profeta não começou as suas ferventes súplicas *depois* de aparecer diante de Acabe, mas seis meses antes! Aqui, então, reside a explicação da sua certeza e ousadia diante do rei. A oração privada era a fonte do seu poder em público: ele pôde permanecer imperturbável na presença do perverso monarca porque havia se ajoelhado em humildade diante de Deus. Mas também repare

com cuidado que o profeta "orou com instância": a sua devoção não era estéril, formal nem apática, mas era de todo o coração, fervente e eficaz.

Em segundo lugar, *o seu conhecimento de Deus.* Isso é claramente sugerido nas palavras que ele dirige a Acabe: "Tão certo como vive o SENHOR, Deus de Israel". Jeová era para ele uma viva realidade. Por todos os lados, havia cessado o reconhecimento da existência de Deus. Até onde se podiam observar as aparências externas, não havia uma alma em Israel que acreditasse na Sua existência. Mas Elias não era influenciado pela opinião e prática do público. E por que seria, se ele tinha no próprio peito uma experiência que o capacitava a dizer como Jó: "Eu sei que o meu Redentor vive!"[1] Nem a infidelidade nem o ateísmo dos outros consegue abalar a fé daquele que percebeu Deus por si mesmo. É isso que explica a ousadia de Elias, e foi isso que posteriormente provocou a intransigente fidelidade de Daniel e seus três amigos hebreus. Aquele que conhece a Deus de fato é forte (Dn 11.32), e não teme o homem.

Em terceiro lugar, *a sua consciência da presença de Deus.* "Tão certo como vive o SENHOR, Deus de Israel, perante cuja face estou". Elias não somente estava seguro da realidade da existência de Jeová, mas também estava consciente de estar na Sua presença. Embora estivesse diante da pessoa de Acabe, o profeta sabia que estava na presença de Alguém infinitamente maior do que qualquer monarca terreno, Aquele diante de quem os mais altos anjos se curvam em respeitosa adoração. O próprio Gabriel não tinha declaração maior do que essa para fazer (Lc 1.19). Ah, meu leitor, uma bendita segurança como essa nos transporta acima de todo medo. Se o Altíssimo estava com ele, por que deveria o profeta tremer diante de um verme da terra! O Senhor Deus de Israel vive: "perante cuja face estou" claramente revela o fundamento em que repousava a alma de Elias, à medida que desempenhava a sua desagradável tarefa.



[1] Jó 19.25.

Capítulo 3

O Ribeiro Querite

"Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos, e orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra, e, por três anos e seis meses, não choveu" (Tg 5.17). Elias aqui nos é apresentado como exemplo do que pode ser realizado por meio da súplica fervorosa "do justo" (v. 16). Ah, meu leitor, atente bem para o termo usado, pois não é qualquer homem, nem mesmo qualquer cristão, que obtém respostas definidas às suas orações. Longe disso! "O justo" é aquele que está certo com Deus na prática: alguém cuja conduta é agradável à Sua vista, alguém que mantém suas vestes limpas da contaminação do mundo, que está afastado da perversidade religiosa, pois não há maldade no mundo que desonre tanto a Deus e Lhe desagrade tanto como a perversidade religiosa (veja Lc 10.12-15; Ap 11.8). Alguém assim conta com os ouvidos do Céu, pois não há barreira moral entre a sua alma e o Deus que odeia o pecado. "… e aquilo que pedimos dele recebemos, porque guardamos os seus mandamentos e fazemos diante dele o que lhe é agradável" (1 Jo 3.22).

Ele "orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra". Que petição terrível para apresentar diante da Majestade no céu! Era incalculável a privação e o sofrimento que a resposta a essa oração havia de acarretar! A bela terra da Palestina se transformaria num deserto árido e estéril, e os seus habitantes seriam arruinados por uma prolongada fome com todos os horrores que acompanham esse fenômeno. Seria o caso, então, que esse profeta era um estóico frio e insensível, sem afeição natural? De forma nenhuma! O Espírito Santo tomou o cuidado de nos informar nesse mesmo versículo que ele era "homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos", e isso é mencionado imediatamente antes de registrar a sua terrível petição. E o que significa essa descrição nesse contexto? Significa que, embora Elias fosse dotado de ternos sentimentos e calorosa consideração pelos seus semelhantes, contudo em suas orações ele se elevou acima de todo sentimentalismo carnal.

Por que razão Elias orou "para que não chovesse"? Não foi porque ele não se deixava influenciar pelo sofrimento humano, nem porque tivesse um perverso prazer em testemunhar a miséria dos seus vizinhos, mas sim porque ele punha *a glória de Deus* antes de qualquer outra coisa, até mesmo antes dos seus sentimentos naturais. Recorde o que afirmamos num dos capítulos anteriores a respeito das condições espirituais que prevaleciam naquela época em Israel. Não apenas não se encontrava nenhum reconhecimento público de Deus, não, de norte a sul, de leste a oeste, em toda extensão da terra, em todo lado, Ele era abertamente insultado e desafiado pelos adoradores de Baal. Diariamente, a maré da iniquidade subia mais e mais, até ao ponto de ter agora varrido tudo diante de si. E Elias era "muito zeloso pelo SENHOR, Deus dos Exércitos" (19.10 –

RC) e desejava ver o Seu grande Nome defendido e o Seu povo apóstata restaurado. Assim, foi a glória de Deus e o verdadeiro amor a Israel que moveram a sua petição. E o que significa essa descrição nesse contexto? Significa que, embora Elias fosse dotado de ternos sentimentos e calorosa consideração pelos seus semelhantes, contudo em suas orações ele se elevou acima de todo sentimentalismo carnal.

Eis, então, o que caracteriza "o justo" cujas orações são bem-sucedidas diante de Deus: embora seja alguém de ternos afetos, contudo ele põe a honra do Senhor antes de qualquer outra consideração. E Deus prometeu: "aos que me honram, honrarei" (1 Sm 2.30). Contudo, quão frequentemente são verdade a nosso respeito as seguintes palavras: "pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres" (Tg 4.3). Nós "pedimos mal" quando influenciados por sentimentos naturais, quando motivos carnais nos movem, quando considerações egoístas nos impulsionam. Mas como era diferente o caso de Elias! Ele estava profundamente agitado com as terríveis indignidades contra o seu Mestre e desejava ver outra vez restabelecido a Ele o lugar de direito em Israel. "… e, por três anos e seis meses, não choveu". O profeta não se viu desapontado em seu objetivo. Deus nunca Se recusa a agir quando a fé Se dirige a Ele no terreno da Sua própria glória, e claramente era nesse terreno que Elias Lhe havia dirigido as suas súplicas.

"Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna" (Hb 4.16). Foi ali, junto a esse bendito trono, que Elias obteve a força de que tanto precisava naquela hora. Ele não tinha sido chamado somente para manter suas próprias vestes limpas do mal que o cercava, mas também foi chamado a exercer uma santa influência sobre os outros, a agir por Deus numa época degenerada, a empreender um sério esforço para trazer de volta o povo ao Deus dos seus antepassados. Quão indispensável, então, que ele obtivesse a graça do Único que podia habilitá-lo para esse empreendimento difícil e perigoso: era somente dessa forma que ele mesmo se veria liberto do mal, e somente dessa forma ele poderia esperar tornar-se instrumento para a libertação dos outros. Equipado, dessa forma, para o conflito, tomou o caminho do serviço, investido com o poder de Deus.

Cônscio da aprovação do Senhor, certo da resposta à sua petição, consciente de que o Altíssimo estava com ele, Elias corajosamente confronta o perverso Acabe e anuncia o juízo divino sobre o seu reino. Mas façamos uma pausa por um momento, de forma que esse fato significativo penetre as nossas mentes, pois ele nos esclarece a coragem sobre-humana mostrada pelos servos de Deus em todas as eras. O que tornou Moisés tão destemido diante de Faraó? O que fez com que o jovem Davi avançasse ao encontro do poderoso Golias? O que é que deu a Paulo a força para testificar da forma como o fez diante de Agripa? De onde obteve Lutero uma resolução tal que, "ainda que cada telha dos telhados fosse um demônio", ele haveria de prosseguir na sua missão? Em cada um desses casos, a resposta é a mesma: eles obtiveram força sobrenatural de uma fonte sobrenatural: é somente dessa forma que podemos receber vigor para lutar contra os principados e poderes do mal.

"Faz forte ao cansado e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor. Os jovens se cansam e se fatigam, e os moços de exaustos caem, mas os que esperam no SENHOR renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam" (Is 40.29-31). Mas onde é que Elias aprendeu essa importantíssima lição? Não foi nalgum seminário ou escola bíblica, pois se houvesse alguma instituição dessas naquele tempo, com certeza estaria como algumas delas estão em nossos próprios tempos degenerados — nas mãos dos inimigos do Senhor. Nem mesmo podem as escolas da ortodoxia transmitir esse tipo de segredo. Até mesmo os santos homens de Deus não podem ensinar a si mesmos essa lição, quanto mais transmiti-la aos outros.

Ah, meu leitor, da mesma forma que foi "para trás do deserto" (Êx 3.1 – BRA) que o Senhor apareceu a Moisés e o comissionou, assim também ocorreu na solidão de Gileade. Elias comungou com Jeová e foi por Ele treinado para essas árduas tarefas. Ali ele teve de esperar no Senhor, e ali ele obteve força para o seu serviço.

Ninguém a não ser o Deus vivo pode dizer eficazmente a Seu servo: "não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a minha destra fiel" (Is 41.10). Dessa forma, assegurado da presença consciente do Senhor, o Seu servo avança "intrépido como o leão"[2], sem temer o homem, conservado em perfeita calma no meio das mais difíceis circunstâncias. Foi nesse espírito que o tisbita confrontou Acabe: "Tão certo como vive o SENHOR, Deus de Israel, perante cuja face estou". Mas quão pouco sabia aquele monarca apóstata dos treinamentos secretos da alma do profeta antes que ele chegasse para dirigir-se à sua consciência! "...nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a *minha* palavra". Isso tudo é muito impressionante e santo. O profeta falou com a maior segurança e autoridade, pois ele estava entregando a mensagem de Deus — o servo identificando-se com o seu Mestre. Esse deveria sempre ser o comportamento do ministro de Cristo: "nós dizemos o que sabemos e testificamos o que temos visto"[3].

"Veio-lhe a palavra do SENHOR" (1 Rs 17.2). Que maravilha! Contudo, temos de considerar isso à luz do versículo anterior. Dali aprendemos que Elias desempenhou fielmente a sua comissão, e aqui encontramos o Senhor falando outra vez ao Seu servo. Disso tudo estimamos esta nova fala como uma graciosa recompensa daquilo que ocorreu antes. Esse é sempre o caminho do Senhor; Ele Se deleita em comungar com aqueles que se deleitam em cumprir a Sua vontade. É um assunto grandemente proveitoso, estudar esse princípio através das Escrituras. Deus não garante novas revelações até que se obedeça àquelas *já recebidas*. Podemos ver um exemplo disso no princípio da vida de Abraão. "Ora, disse o SENHOR a Abrão: ... vai para a terra que te mostrarei" (Gn 12.1). Em vez disso ele foi apenas até a metade do caminho e se estabeleceu em Harã (11.31); somente quando ele saiu dali e obedeceu por completo, é que Deus novamente lhe apareceu (12.4-7).

"Veio-lhe a palavra do SENHOR, dizendo: Retira-te daqui, vai para o lado oriental e esconde-te junto à torrente de Querite, fronteira ao Jordão" (1 Rs 17.2,3). Vemos exemplificada aqui uma importante verdade prática. Deus dirige os Seus servos passo a passo. Isso tem de ser assim, pois o caminho que eles são chamados a seguir é o caminho da fé, e a fé se opõe tanto à vista como à independência. Não é o caminho do Senhor revelar-nos o percurso todo que temos de seguir. Em vez disso, Ele restringe a Sua luz a um passo por vez, a fim de que sejamos conservados em contínua dependência dEle. Essa é uma das mais salutares lições, contudo é uma que a carne está longe de apreciar, especialmente naqueles que naturalmente são enérgicos e zelosos. Antes que deixasse Gileade para dirigir-se a Samaria para entregar sua solene mensagem, o profeta sem dúvida devia pensar o que haveria de fazer assim que a tivesse entregado. Mas *isso* não era problema dele, naquela hora. Ele estava para obedecer à ordem de Deus e deixou com Ele a responsabilidade de mostrar-lhe o que fazer em seguida.

"Confia no SENHOR de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas" (Pv 3.5,6). Ah, meu leitor, se Elias tivesse se apoiado em seu próprio entendimento, com certeza ocultar-se junto ao ribeiro Querite teria sido a última coisa que ele teria escolhido fazer. Tivesse seguido seus instintos, sim, tivesse ele feito aquilo que a seus olhos parecia trazer mais glória a Deus, não teria ele

[2] Provérbios 28.1.
[3] João 3.11.

começado uma jornada de pregações pelas cidades e vilas de Samaria? Não teria ele sentido que era sua sagrada obrigação fazer tudo ao seu alcance com o fim de despertar a consciência adormecida do público, de forma que as pessoas — horrorizadas com a idolatria prevalecente — faria pressão contra Acabe para que ele pusesse um fim naquilo tudo? Mas não era isso que Deus não queria que ele fizesse. Qual, então, é a conexão do raciocínio e das inclinações naturais com as coisas de Deus? Nenhuma.

"Veio-lhe a palavra do SENHOR". Repare que não está escrito: "Foi-lhe revelada, então, a *vontade* do SENHOR" ou "tornou-se-lhe conhecida a *mente* de Deus". Queremos dar ênfase especial a esse detalhe, pois é um ponto em que há muita confusão hoje. Há muitos que mistificam o assunto por meio de palavreado piedoso a respeito de "obter a mente do Senhor" ou "descobrir a vontade de Deus" para si, o que, se o analisarmos cuidadosamente, não resulta em nada mais do que uma vaga incerteza ou nalguma impressão muito pessoal. A "mente" ou a "vontade" de Deus, meu leitor, nós a conhecemos na *Sua Palavra*, e Ele nunca jamais "quer" alguma coisa para nós que de alguma forma (por mínima que seja) vá de encontro a essa Regra celestial. Mudemos a ênfase, agora. Repare que a Palavra do Senhor veio *a ele*. Não foi necessário que ele fosse atrás para procurá-la! (Veja Dt 30.11-14).

E que "palavra" foi essa que veio até Elias! "Retira-te daqui, vai para o lado oriental e esconde-te junto à torrente de Querite, fronteira ao Jordão" (1 Rs 17.3). De fato, os pensamentos e os caminhos de Deus são inteiramente diferentes dos nossos. Sim, e somente Ele pode manifestá-los (Sl 103.7) a nós. É quase cômico ver como alguns comentaristas se têm desviado do caminho nesse ponto, pois quase todos eles dizem que a ordem de Deus tinha como objetivo prover *proteção* para o Seu servo. À medida que prosseguia a seca mortífera, crescia mais e mais a confusão de Acabe, e, à medida que ele se lembrava das palavras do profeta de que não haveria nem orvalho nem chuva de acordo com a sua palavra, seu ódio contra o profeta não conhecia limites: Elias, então, precisava de um refúgio se é que a sua vida tinha de ser preservada. Contudo Acabe não tentou matá-lo na próxima vez em que se encontraram (1 Reis 18.17-20)! Se alguém argumentar: "Isso foi porque a mão restritiva de Deus se manifestou sobre o rei", concordaremos plenamente, e perguntaremos: "E Deus não era capaz de reprimir o rei também durante esse intervalo todo?"

Não, a razão dessa ordem do Senhor ao Seu servo tem de ser procurada nalgum outro lugar, e com certeza isso não é difícil de ser averiguado. Se todos concordamos que a dádiva da Palavra e do Espírito Santo para aplicá-la é a maior dádiva que um povo pode receber, e que logo em seguida, vem o envio dos Seus servos capacitados, concordaremos que possivelmente a maior calamidade que pode se abater sobre alguma terra é Deus retirar dali aqueles que Ele designou para ministrar às almas. Dessa forma, desaparece toda incerteza. A seca que se abateu sobre o reino de Acabe foi um castigo de Deus, e em harmonia com isso Deus ordenou ao profeta: "Vá para longe daqui". A remoção do ministério da Sua verdade é um claro sinal do desagrado de Deus, uma indicação de que Ele está lidando em juízo com um povo que O provocou à ira.

É importante destacar que a palavra hebraica traduzida como "esconde-te" (1 Rs 17.3) é totalmente diferente da que se encontra em Josué 6.17,25 (quando Raabe esconde os espias) e em 1 Reis 18.4,13. A palavra usada com relação a Elias poderia ser mais bem traduzida assim: "volta-te para o oriente e *ausenta-te*", como aparece em Gênesis 31.49. Já nos tempos antigos o salmista havia perguntado: "Por que nos rejeitas, ó Deus, para sempre? Por que se acende a tua ira contra as ovelhas do teu pasto" (74.1). E o que é que o levou a fazer essa triste pergunta? O que havia acontecido para que ele percebesse que a ira de Deus ardia contra Israel? Isto: "Deitam fogo ao teu santuário; … Queimaram todos os lugares santos de Deus na terra. Já não vemos os nossos

símbolos; *já não há profeta"* (vv. 7-9). A remoção dos meios públicos de graça era o claro sinal do desagrado de Deus.

Ah, meu leitor, por menos que isso seja entendido hoje em dia, não há prova maior e mais solene de que Deus está ocultando a Sua face de um povo ou de uma nação do que quando Ele os priva das inestimáveis bênçãos daqueles que fielmente ministram a eles a Sua santa Palavra, pois assim como as misericórdias celestes excedem as terrenas, assim também as calamidades espirituais são muito mais terríveis do que as materiais. O Senhor declarou através de Moisés: "Goteje a minha doutrina como a chuva, destile a minha palavra como o orvalho, como chuvisco sobre a relva e como gotas de água sobre a erva" (Dt 32.2). E agora todo orvalho e toda chuva seriam negados da terra de Acabe, não apenas do mundo físico, mas também do espiritual. Aqueles que ministravam a Sua Palavra foram removidos da cena de ação pública (cf. 1 Rs 18.4).

Se for necessária outra prova de que é bíblica a nossa interpretação de 1 Reis 17.3, remetemos o leitor ao seguinte texto: "Embora o Senhor vos dê pão de angústia e água de aflição, contudo, *não se esconderão mais os teus mestres;* os teus olhos verão os teus mestres" (Is 30.20). O que poderia ser mais claro do que isso? Visto que o Senhor esconder os Seus mestres era a pior perda que o Seu povo podia sofrer; aqui Ele lhes diz que a Sua ira seria temperada com misericórdia, de forma que, embora Ele lhes dê pão de adversidade e água de aflição, contudo Ele não mais os privaria daqueles que ministravam às suas almas. Finalmente, queremos lembrar ao leitor as palavras de Cristo de que havia uma "grande fome" na terra nos dias de Elias (Lc 4.25), e relacionar a essas palavras a seguinte passagem: "Eis que vêm dias, diz o SENHOR Deus, em que enviarei fome sobre a terra, não de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do SENHOR. Andarão de mar a mar e do Norte até ao Oriente; correrão por toda parte, procurando a palavra do SENHOR, e não a acharão" (Am 8.11,12).

Capítulo 4

O Teste da Fé

"Veio-lhe a palavra do SENHOR, dizendo: Retira-te daqui, vai para o lado oriental e esconde-te junto à torrente de Querite, fronteira ao Jordão" (1 Rs 17.2,3). Como ressaltamos no último capítulo, não foi apenas para prover um abrigo seguro para Elias, para proteger o Seu servo da ira de Acabe e Jezabel, que Jeová deu essa ordem ao profeta, mas para comunicar o seu imenso desagrado contra o Seu povo apóstata: retirar o profeta da cena de ação pública foi um juízo adicional sobre a nação. Não podemos deixar de apontar essa trágica analogia, que hoje mais ou menos prevalece na cristandade. Durante as duas ou três últimas décadas[4], Deus removeu alguns eminentes e fiéis servos Seus por meio da morte, e Ele não somente não os substituiu levantando outros em seu lugar, mas um número cada vez maior dos que ainda permanecem estão sendo enviados ao isolamento por Ele.

Foi tanto para a glória de Deus como para o próprio bem do profeta que o Senhor lhe ordenou: "Retira-te daqui, … e esconde-te". Foi um chamado à separação. Acabe era um apóstata, e a sua consorte era pagã. A idolatria abundava em toda parte. Jeová era publicamente desonrado. Era impossível que o homem de Deus tivesse simpatia ou comunhão com uma situação horrível dessas. O isolamento do mal é absolutamente essencial se quisermos nos manter "incontaminados do mundo" (Tg 1.27). Não apenas separação da maldade secular, *mas da corrupção religiosa também.* O mandamento: "E não sejais cúmplices nas obras infrutíferas das trevas" (Ef 5.11) é a exigência de Deus em cada dispensação. Elias se manteve como fiel testemunha do Senhor numa época em que a nação toda se afastava dEle; e, depois de ter entregado o Seu testemunho ao cabeça responsável, o profeta tinha agora de retirar-se. Voltar as costas a tudo o que desonra a Deus é uma obrigação essencial.

Mas para onde haveria de ir Elias? Anteriormente, ele tinha habitado na presença do Senhor Deus de Israel. Ele pôde dizer: "perante cuja face estou", quando pronunciou a sentença de juízo diante de Acabe, e ele continuaria habitando no lugar secreto do Altíssimo. O profeta não foi deixado aos seus próprios planos ou escolhas, mas foi dirigido a um lugar apontado pelo próprio Deus — fora do acampamento, longe de todo o sistema religioso. O povo degenerado de Israel chegaria a conhecê-lo apenas como uma testemunha *contra* eles. Ele não teria lugar entre eles, e não tomaria parte nem na vida social nem na vida religiosa da nação. Ele seguiria "para o oriente": o lado de onde vêm as luzes da manhã, pois aquele que é regulado pelos preceitos de Deus "não andará nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida" (Jo 8.12). "…junto à torrente de Querite, fronteira ao

[4] O Autor escreveu este livro na primeira metade do século XX.

Jordão". O Jordão assinalava os limites da terra. Isso era uma figura da morte, e a morte espiritual, agora, pairava sobre Israel.

Mas que mensagem de esperança e conforto o "Jordão" não apresentava para aquele que andava com o Senhor! Quão apropriadamente ele falava ao coração daquele cuja fé era saudável! Não tinha sido exatamente ali que Jeová havia Se mostrado forte em favor do Seu povo nos dias de Josué? Não fora o Jordão o exato lugar que testemunhara o poder miraculoso de Deus quando Israel deixou o deserto para trás de si? Foi ali que o Senhor disse a Josué: "Hoje, começarei a engrandecer-te perante os olhos de todo o Israel, para que saibam que, como fui com Moisés, assim serei contigo" (Js 3.7). Foi ali que "o Deus vivo" fez as águas se amontoarem (v. 13), de forma que "todo o Israel passou a pé enxuto, atravessando o Jordão" (v. 17). Eram essas coisas que, sem sombra de dúvida, enchiam a mente do tisbita quando o seu Mestre lhe ordenou para *esse* exato lugar. Se a sua fé estava sendo exercitada, o seu coração estava em perfeita paz, sabendo que um Deus que opera milagres não haveria de falhar para com ele ali.

Foi também para o próprio bem pessoal do profeta que o Senhor agora lhe ordenava "esconde-te". Havia um outro perigo que o ameaçava, diferente da fúria de Acabe. O sucesso das suas súplicas poderia tornar-se uma armadilha, levando-o a encher-lhe o coração de orgulho, e até mesmo endurecê-lo contra a calamidade que desolava a terra. Anteriormente ele estava envolvido em oração secreta, e então por um breve momento ele professou uma boa confissão diante do rei. O futuro reservava-lhe, contudo, ainda mais honrado serviço, porque chegaria o dia quando ele haveria de testemunhar por Deus não apenas na presença de Acabe, mas ele frustraria os planos e derrotaria por completo as hostes de Baal e, até certo ponto pelo menos, faria com que a nação errante voltasse outra vez ao Deus dos seus pais. Mas essa hora ainda não estava pronta, nem mesmo Elias estava.

O profeta precisava de treinamento adicional para estar apto para falar outra vez por Deus em público. Ah, meu leitor, o homem que o Senhor usa tem de ser mantido bem perto do chão: ele tem de experimentar disciplina severa, a fim de que a carne seja totalmente mortificada. São necessários mais três anos de reclusão para o profeta. Quão humilhante é isso! É lamentável que o homem seja tão pouco confiável: como pode ser tão desajeitado para lidar com alguma posição de honra em que seja colocado! Quão rapidamente o 'eu' levanta a cabeça, e o instrumento está pronto para crer que é algo mais do que mero instrumento! Quão lamentavelmente fácil é fazer do próprio serviço que Deus nos confia um pedestal para nos projetarmos a nós mesmos. Mas Deus não reparte a Sua glória com ninguém, e por isso Ele "esconde" aqueles que podem ser tentados a tomar para si alguma glória indevida. É somente quando somos retirados da vista do público e assumimos nosso lugar sozinhos com Deus que podemos aprender a nossa própria insignificância.

Vemos essa importante lição salientada claramente no trato de Cristo com os Seus amados apóstolos. Em certa ocasião, eles retornaram até Ele, regozijando-se com o sucesso e cheios de si mesmos. Eles "lhe relataram tudo quanto haviam feito e ensinado" (Mc 6.30). É extremamente instrutiva a Sua resposta serena: "Vinde repousar um pouco, à parte, num lugar deserto" (v. 31). Esse continua sendo o Seu gracioso remédio para quaisquer dos Seus servos que possam se inchar com a própria importância, e imaginar que a Sua causa sobre a terra sofreria severo dano se *eles* fossem removidos do trabalho. Deus, muitas vezes, diz aos Seus servos: "Retira-te daqui, … e esconde-te". Às vezes o propósito de Deus se realiza na frustração das suas esperanças ministeriais, às vezes por meio da aflição de uma enfermidade que os prostra de cama, ou por meio de alguma severa privação. Feliz é aquele que, nessa ocasião, pode dizer de coração: "Seja feita a vontade do Senhor".

Todo servo que Deus Se digna a usar precisa passar pelo teste de Querite, antes que esteja pronto para o triunfo do Carmelo. Esse é um dos princípios imutáveis dos caminhos de Deus. José sofreu as injúrias tanto da cisterna como da prisão antes de tornar-se governador de todo o Egito, abaixo apenas do próprio rei. Moisés gastou um terço da sua longa vida "atrás do deserto"[5] antes que Jeová lhe desse a honra de liderar Seu povo para fora da casa da servidão. Davi teve de aprender a suficiência do poder de Deus no campo antes que se adiantasse para matar Golias à vista dos exércitos reunidos de Israel e dos filisteus. Assim também aconteceu com o perfeito Servo: trinta anos de reclusão e silêncio antes que começasse Seu breve ministério público. Assim também o chefe dos Seus embaixadores: um tempo na solidão da Arábia foi seu aprendizado antes de tornar-se o apóstolo dos gentios.

Mas não existe algum outro ângulo do qual possamos contemplar essa aparentemente estranha ordem: "Retira-te daqui, … e esconde-te"? Não foi isso um real e severo teste da submissão do profeta à vontade de Deus? Dizemos "severa" porque para um homem rude essa solicitação era muito mais exigente do que ir à presença de Acabe. Alguém com disposição fervorosa acharia muito mais difícil gastar três anos em reclusão inativa do que estar engajado nalgum serviço público. Este escritor pode testificar de longa e penosa experiência que, ser removido para um canto[6] (Is 30.20), é prova muito mais severa do que dirigir-se a grandes congregações cada noite, mês após mês. No caso de Elias, essa lição é óbvia: ele precisa aprender pessoalmente a prestar obediência implícita ao Senhor antes de estar qualificado a comandar os outros em Seu nome.

Vamos agora olhar mais de perto o lugar específico que Deus selecionou como aquele onde o Seu servo haveria de residir temporariamente: "junto à torrente de Querite". Ah, era uma torrente e não um rio — uma torrente que poderia secar a qualquer momento. É raro que Deus coloque os Seus servos, ou mesmo o Seu povo, no meio da luxúria e da abundância: estar saciado com as coisas deste mundo significa, por vezes demais, o afastamento das afeições do próprio Doador. "Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!"[7] É o nosso *coração* que Deus requer, e muitas vezes isso é posto à prova. A maneira como lidamos com as perdas temporais no geral manifesta a diferença entre o verdadeiro cristão e o mundano. Este último se vê totalmente aniquilado com os reveses financeiros, e frequentemente comete suicídio. Por quê? Porque se foi tudo o que era seu e nada restou pelo que viver. Em contraste, o crente genuíno pode ser severamente abalado e por algum tempo profundamente deprimido, mas ele recobrará o equilíbrio e dirá: "Deus ainda é a minha porção e eu de nada sentirei falta".

Em lugar de um rio, muitas vezes Deus nos dá uma torrente, a qual pode jorrar hoje e secar amanhã. Por quê? Para nos ensinar a não descansar em nossas bênçãos, mas no próprio Abençoador. Contudo, não é nesse exato ponto que tantas vezes falhamos — nosso coração fica muito mais ocupado com as dádivas do que com o Doador. Não é exatamente essa a razão por que o Senhor não nos confia um rio? — porque isso inconscientemente tomaria o lugar dEle em nosso coração. "Mas, engordando-se o meu amado, deu coices; engordou-se, engrossou-se, ficou nédio e abandonou a Deus, que o fez, desprezou a Rocha da sua salvação" (Dt 32.15). E essa mesma tendência perversa existe dentro de nós. Às vezes pensamos que estamos sendo tratados com dureza porque Deus nos dá uma torrente em vez de um rio, mas isso acontece porque conhecemos

---

[5] Êxodo 3.1, RC.

[6] A tradução do Autor (King James), em Isaías 30.20, usa a expressão *"into a corner",* que traz a idéia de ser deixado nalgum canto, "deixado de escanteio", como se diz popularmente.

[7] Marcos 10.23.

tão pouco nosso próprio coração. Deus ama demais os Seus para deixar perigosas facas nas mãos das crianças.

E como o profeta haveria de subsistir num lugar desses? De onde viria a sua comida? Ah, Deus tomará conta disso. Ele proverá o sustento dele: "Beberás da torrente" (v. 4). O que quer que aconteça com Acabe e seus idólatras, Elias não vai perecer. Nos mais difíceis dos piores tempos, Deus vai mostrar-Se forte para com os Seus. Qualquer outro pode passar fome, mas os Seus serão alimentados: "o seu pão lhe será dado, as suas águas serão certas" (Is 33.16). Contudo, quão absurdo parece ao bom senso pedir a alguém que permaneça indefinidamente junto de uma torrente! Sim, mas foi *Deus* que deu essa ordem, e os mandamentos divinos não são para discutir, mas para obedecer. Dessa forma, Elias foi chamado a confiar em Deus em oposição à vista, à razão, a todas as aparências exteriores, a confiar no próprio Senhor e esperar pacientemente por Ele.

Eu "... ordenei aos corvos que *ali mesmo* te sustentem" (v. 4). Repare nas palavras em itálico. Talvez o profeta preferisse vários outros refúgios, mas ele teria de ir a Querite se quisesse o suprimento de Deus: por todo o tempo que permanecesse ali, Deus Se comprometia a prover para ele. Daí, então, a grande importância da seguinte questão: "Estou no lugar que Deus (por meio da Sua Palavra ou providência) designou para mim?" Se a resposta é sim, Ele com toda certeza haverá de suprir cada uma das minhas necessidades. Mas se, à semelhança do filho mais moço, eu viro as costas para Ele e marcho para um país distante, então, à semelhança daquele pródigo eu com certeza padecerei necessidade. Quantos servos de Deus têm se esforçado em circunstâncias difíceis ou modestas, com o orvalho do Espírito na alma e a bênção do Céu sobre seu ministério, quando então chega um convite de algum outro campo que parece oferecer um leque de ação mais amplo (e um salário maior!), e uma vez que ele cede à tentação, o Espírito é entristecido e chega ao fim a sua utilidade no reino de Deus.

O mesmo princípio se aplica ao cidadão comum do povo de Deus: eles têm de estar "no caminho" (Gn 24.27), às ordens de Deus se quiserem receber os suprimentos dEle. "Seja feita a Tua vontade" vem antes de "O pão nosso de cada dia nos dá hoje". Mas quantos cristãos nominais nós já conhecemos pessoalmente que moravam em certa cidade para onde Deus enviou um dos Seus servos qualificados, que os alimentavam com "o mais fino trigo", e as suas almas passaram a prosperar. Veio, então, uma tentadora oferta de negócios de algum lugar distante, que melhoraria a posição deles neste mundo. A oferta foi aceita, mudaram de lugar a sua tenda, unicamente para entrar num deserto espiritual, onde não havia disponível nenhum ministério que os edificasse. Em consequência disso, suas almas começaram a passar fome, foi arruinado o seu testemunho de Cristo, e sobreveio um período de infrutífera apostasia. Assim como Israel antigamente tinha de seguir a nuvem para que obtivesse os suprimentos do maná, assim nós temos de estar no lugar ordenado por Deus se quisermos que nossas almas sejam regadas e nossa vida espiritual prospere.

Passemos agora a examinar os *instrumentos* escolhidos por Deus para ministrar as necessidades físicas do Seu servo. Eu "... ordenei aos corvos que ali mesmo te sustentem". Há várias idéias sugeridas nesse texto. Primeiro, veja aqui tanto a soberania como a absoluta supremacia de Deus; a Sua soberania na escolha feita, a Sua supremacia no Seu poder de executá-la. Ele é a Sua própria lei. "Tudo quanto aprouve ao SENHOR, ele o fez, nos céus e na terra, no mar e em todos os abismos" (Sl 135.6). Ele proibiu o Seu povo de comer corvos, classificando-os como impuros, sim, para que fossem "uma abominação" para eles (Lv 11.15; Dt 14.14). Contudo Ele mesmo faz uso deles para levar comida ao Seu servo. Quão diferentes são os caminhos de Deus dos nossos! Ele empregou a própria filha de Faraó para socorrer o menino Moisés, e um Balaão para pronunciar uma das Suas mais extraordinárias profecias. Ele usou a queixada de um asno na mão de Sansão para destruir os filisteus, e uma funda e uma pedra para vencer o herói deles.

Eu "… ordenei aos corvos que ali mesmo te sustentem". Oh! Que Deus é o nosso Deus! Os pássaros do céu e os peixes do mar, as feras selvagens do campo, sim, os próprios ventos e ondas Lhe obedecem. Sim: "Assim diz o SENHOR, o que outrora preparou um caminho no mar e nas águas impetuosas, uma vereda; o que fez sair o carro e o cavalo, o exército e a força — jazem juntamente lá e jamais se levantarão; estão extintos, apagados como uma torcida. Não vos lembreis das coisas passadas, nem considereis as antigas. Eis que faço coisa nova, que está saindo à luz; porventura, não o percebeis? Eis que porei um caminho no deserto e rios, no ermo. Os animais do campo me glorificarão, os chacais e os filhotes de avestruzes; porque porei águas no deserto e rios, no ermo, para dar de beber ao meu povo" (Is 43.16-20). Dessa forma, o Senhor fez com que aves de rapina, que vivem de carniça, alimentassem o profeta.

Mas admiremos, além do poder de Deus, a Sua *sabedoria*. A comida de Elias foi providenciada parcialmente de forma natural e parcialmente de forma sobrenatural. Havia água na torrente, assim ele tinha acesso fácil a ela. Deus não vai operar nenhum milagre para evitar que alguém tenha dificuldades, ou para que se torne indiferente e preguiçoso, sem esforçar-se por conseguir o próprio sustento. Mas no deserto não havia comida: como é que o profeta haveria de consegui-la? Deus vai fornecê-la de forma miraculosa: "ordenei aos corvos que ali mesmo te sustentem". Se fossem usadas pessoas para levar-lhe alimento, possivelmente teriam divulgado o seu esconderijo. Se algum cão ou algum animal doméstico fosse até lá toda manhã e toda tarde, alguém poderia ter visto essas frequentes viagens de ida e volta, carregando comida, e ter a curiosidade despertada, passando a investigar o caso. Mas *aves* voando com carne para o deserto não iriam despertar suspeita: quem as visse concluiria que estavam levando comida para os filhotes. Veja, então, quanto cuidado Deus tem com o Seu povo, quão cuidadoso Ele é nos planos que faz a respeito deles. Ele sabe o que põe em risco a segurança deles e provê de acordo com isso.

"…esconde-te junto à torrente de Querite, … ordenei aos corvos que ali mesmo te sustentem". Vai imediatamente; sem acolher nenhuma dúvida, sem nenhuma hesitação. Embora fosse contrário ao seu instinto natural, essas aves de rapina têm de obedecer à ordem de Deus. Isso não nos deve surpreender nem parecer irreal. Foi o próprio Deus que as criou, deu-lhes o seu instinto peculiar, e Ele sabe como dirigir e controlar esse mesmo instinto. Ele tem poder para suspender ou alterá-lo conforme a Sua boa vontade. A natureza é exatamente aquilo que Deus quis que fosse, e depende totalmente dEle para continuar a existir. Ele sustenta todas as coisas pela palavra do Seu poder. Nele e por Ele as aves e as feras, como também o homem, amam, movem-se e têm sua existência; e por isso Ele pode, quando assim Lhe parecer bem, tanto suspender como alterar a lei que Ele impôs a qualquer das Suas criaturas. "Por que se julga incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos?" (At 26.8).

Ali no seu humilde esconderijo, o profeta teve de residir por muitos dias, embora não estivesse sem a garantia da preciosa promessa do sustento: o suprimento da provisão necessária tinha sido garantida por Deus. O Senhor tomaria conta do Seu servo enquanto estivesse escondido da vista pública, e iria alimentá-lo diariamente pelo Seu poder miraculoso. Contudo, era um verdadeiro teste da *fé* do profeta Elias. Quem jamais ouviu de tais instrumentos sendo utilizados — aves de rapina trazendo comida em tempos de fome! Seriam confiáveis os corvos? Não seria mais provável que eles devorassem a comida eles mesmos, em vez de trazê-la ao profeta? Ah, a confiança dele não devia estar nas aves, mas na clara palavra dAquele que não pode mentir: "eu ordenei aos corvos". Era no Criador e não na criatura, no próprio Senhor e não nos instrumentos que o coração de Elias devia estar apoiado. Como é abençoado ser elevado acima das "circunstâncias" e ter na promessa infalível de Deus uma segura certeza do Seu cuidado.



Capítulo 5

A Torrente Secou

"Retira-te daqui, vai para o lado oriental e esconde-te junto à torrente de Querite, fronteira ao Jordão. Beberás da torrente; e ordenei aos corvos que ali mesmo te sustentem" (1 Rs 17.3,4). Repare bem na sequência aqui: primeiro o mandamento de Deus, depois a preciosa promessa: Elias tem de cumprir a ordem de Deus a fim de ser alimentado de forma sobrenatural. A maioria das promessas de Deus são condicionais. E isso não explica a razão por que muitos de nós não obtêm nada de bom das promessas, uma vez que falhamos no cumprimento das suas condições? Deus jamais haverá de premiar nem a incredulidade nem a desobediência. Lamentavelmente, nós é que somos nossos piores inimigos, e perdemos muito devido à nossa perversidade. Tentamos mostrar no capítulo anterior os planos de ação elaborados aqui por Deus, revelando a Sua soberania, Seu poder todo-suficiente, e Sua bendita sabedoria; e como esses planos demandavam do profeta tanto submissão como fé. Prosseguiremos, agora, com os acontecimentos seguintes.

"Foi, pois, e fez segundo a palavra do SENHOR; retirou-se e habitou junto à torrente de Querite, fronteira ao Jordão" (1 Rs 17.5). A ordem de Deus a Elias não foi somente um grande teste para a submissão e a fé do profeta, mas foi também uma dura demanda sobre a *humildade* dele. Se ele estivesse dominado pelo orgulho, poderia ter dito: "Por que deveria eu seguir essas instruções? Seria covardia 'esconder-me'. Eu não estou com medo de Acabe; eu não vou me isolar". Ah, meu leitor, algumas das ordens de Deus são humilhantes demais para a arrogante carne e sangue. É possível que os Seus discípulos não tenham se impressionado nem considerado como uma política valente para ser seguida, quando Cristo lhes disse: "Quando, porém, vos perseguirem numa cidade, *fugi* para outra" (Mt 10.23). No entanto, foram essas as Suas ordens, e é necessário obedecer a Ele. E por que deveria qualquer servo dEle resistir a uma ordem como "esconde-te", quando a respeito do próprio Mestre nós lemos o seguinte: "Jesus se ocultou" (Jo 8.59). Ah, Ele nos deixou exemplo em todas as coisas.

Além do mais, a obediência ao mandamento de Deus afetava imensamente o aspecto *social* da natureza de Elias. Há poucos que conseguem suportar a solidão: para a maioria das pessoas, é uma severa prova ser privado do contato com seus semelhantes. Os não-convertidos não conseguem viver sem companhia: a convivência com pessoas que pensam como eles se faz necessária para conseguirem silenciar uma consciência inquieta e banir pensamentos perturbadores. E isso não é parecido com a grande maioria mesmo dos que se dizem cristãos? "Eis que estou convosco todos os dias" tem pouco significado real para a maioria de nós. Quão diferente era o contentamento, a alegria e o proveito encontrados na prisão por Bunyan e por Madame Guyon no seu confinamento solitário! Ah, Elias podia ser apartado dos seus semelhantes, mas não podia ser

separado do próprio Senhor. "Foi, pois, e fez segundo a palavra do SENHOR". Sem hesitação nem demora, o profeta cumpriu a ordem de Deus. Bendita sujeição à vontade de Deus, essa: entregar a mensagem de Jeová ao próprio rei, ou depender dos corvos, tanto fazia — ele estava igualmente pronto para uma coisa e outra. Por mais irracional que pudesse parecer a ordem ou por mais desagradável que lhe parecesse o cenário, o tisbita prontamente obedeceu. Quão diferente foi isso do que aconteceu com Jonas, que fugiu da palavra do Senhor; sim, e quão diferentes as consequências — um ficou preso por três dias e três noites no ventre da baleia, o outro, por fim, levado ao Céu sem atravessar os portais da morte! Os servos de Deus não são todos iguais, nem quanto à fé, nem quanto à obediência, nem quanto aos frutos. Oh, que todos nós possamos estar prontos a obedecer à Palavra do Senhor assim como Elias estava.

"Foi, pois, e fez segundo a palavra do SENHOR". O profeta nem se demorou em obedecer à orientação de Deus, nem duvidou que Deus haveria de suprir todas as suas necessidades. É motivo de grande alegria poder obedecer-Lhe nas circunstâncias difíceis e confiar nEle na escuridão. Mas por que razão não haveríamos de confiar plenamente em Deus e descansar na Sua promessa? Será alguma coisa difícil demais para o Senhor? Alguma vez já falhou alguma das Suas promessas? Então não abriguemos nenhum indício de incredulidade a respeito do Seu cuidado para conosco no futuro. Passarão os céus e a terra, mas nunca jamais passarão as Suas promessas. Os tratos de Deus com Elias foram registrados para nossa instrução: Oh, que eles falem bem alto ao nosso coração, repreendendo nossa perversa desconfiança e levando-nos a clamar com sinceridade: "Senhor, aumenta-nos a fé". O Deus de Elias ainda vive, e não decepciona a ninguém que conta com a Sua fidelidade.

"Foi, pois, e *fez* segundo a palavra do SENHOR". Elias não só pregou a Palavra de Deus, mas ele a pôs em prática. Essa é a urgente necessidade de nossos dias. Há muito falatório, mas pouco agir segundo os mandamentos de Deus. Há muita atividade no campo religioso, mas excessivas vezes essa atividade ocorre sem autorização da lei de Deus, e muitas vezes é completamente contrária a ela. "Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos" (Tg 1.22) — essa é a incessante exigência dAquele com quem havemos de tratar! Obedecer é melhor que sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura de carneiros[8]. "Filhinhos, não vos deixeis enganar por ninguém; aquele que *pratica* a justiça é justo" (1 Jo 3.7). É lamentável ver o tanto de gente que se engana nesse exato ponto: eles tagarelam sobre a justiça, mas não a praticam. "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus" (Mt 7.21).

"Os corvos lhe traziam pela manhã pão e carne, como também pão e carne ao anoitecer; e bebia da torrente" (1 Rs 17.6). Que prova de que "quem fez a promessa é fiel" (Hb 10.23)! É mais fácil a natureza toda mudar o seu curso do que falhar uma das promessas de Deus. Oh, que conforto encontramos aqui para o coração confiante: aquilo que Deus prometeu, Ele com certeza haverá de executar. Nossa incredulidade fica totalmente sem justificativa, nossas dúvidas se tornam indizivelmente malignas. Muito da nossa falta de confiança é causada porque as promessas de Deus não são suficientemente reais e claras em nossa mente. Será que meditamos nas promessas do Senhor da forma como deveríamos fazer? Se fôssemos mais "apegados" a Deus (Jó 22.21 – BRA), se nós O "puséssemos" de forma mais definida diante do nosso coração (Sl 16.8 – BRA), não teriam as Suas promessas muito maior peso e poder sobre nós?

"E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades" (Fp 4.19). Não tem sentido perguntar: Como? O Senhor possui dez mil

[8] 1 Samuel 15.22.

formas de cumprir a Sua palavra. Talvez algum leitor esteja vivendo nesse exato momento em profunda carência, sem reservas financeiras nem provisão de alimento. Sim, sem saber de onde virá a próxima refeição. Mas se você é filho dEle, Deus não vai falhar com você, e se a sua confiança está posta nEle, de forma alguma será desapontada. De uma forma ou de outra, "O Senhor proverá". "Temei o SENHOR, vós os seus santos, pois nada falta aos que o temem. Os leõezinhos sofrem necessidade e passam fome, porém aos que buscam o SENHOR bem nenhum lhes faltará" (Sl 34.9,10); "buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas (comida e vestuário) vos serão acrescentadas" (Mt 6.33). Essas promessas foram feitas a nós, para nos incentivar a nos apegarmos a Deus e fazermos a Sua vontade.

"Os corvos lhe traziam pela manhã pão e carne, como também pão e carne ao anoitecer" (1 Rs 17.6). Se aprouvesse ao Senhor, Ele poderia ter alimentado Elias por meio de anjos, em vez de usar corvos. Havia, naquele tempo, um certo Obadias, homem hospitaleiro, que reservou em segredo uma mesa numa caverna, para cem profetas de Deus (1 Rs 18.4). Além do mais, havia sete mil israelitas fieis que não tinham dobrado os joelhos a Baal. Qualquer um deles sem dúvida teria considerado uma grande honra poder sustentar alguém tão eminente como Elias. Mas Deus preferiu usar os pássaros do ar. Por quê? Não teria sido para dar tanto ao tisbita como a nós uma notável prova do Seu absoluto controle sobre todas as criaturas, e por meio disso nos dar uma prova de que Ele é digno de confiança nas mais graves necessidades? E o mais impressionante é isto: que Elias foi mais bem alimentado do que os profetas que Obadias sustentou, pois eles comiam apenas "pão e água" (1 Rs 18.4), enquanto Elias, além de pão e água, comia também carne.

Embora Deus talvez não faça uso de corvos literais ao ministrar hoje aos Seus servos e ao Seu povo que estejam em necessidade, contudo Ele muitas vezes opera tão certamente e maravilhosamente em determinar que os egoístas, os invejosos, os de coração empedernido, e os que são grosseiramente imorais prestem assistência àqueles que são Seus. Ele tem poder para fazê-lo, e muitas vezes os induz, contrariamente a suas disposições naturais e aos seus hábitos mesquinhos, a lidar com gentileza e liberalidade para com nossas necessidades. Ele tem o coração de todos nas mãos, e os inclina para onde queira a Sua vontade (Pv 21.1). Como devemos ser gratos ao Senhor por nos enviar as Suas provisões por meio de tais instrumentos! Não temos dúvida de que um bom número de nossos leitores poderia dar testemunho semelhante, fazendo suas as palavras deste escritor: Quantas vezes, no passado, Deus, das mais inesperadas maneiras, proveu as nossas necessidades: se os corvos nos tivessem trazido alimento, não nos teriam surpreendido tanto quanto as pessoas usadas por Deus para fazê-lo.

"Os corvos lhe traziam pela manhã pão e carne, como também pão e carne ao anoitecer". Repare bem: não se mencionam nem vegetais, nem frutas, nem doces. Não havia nada luxuoso, mas somente o estritamente essencial. "Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes" (1 Tm 6.8), mas será que é assim conosco? Lamentavelmente, vê-se muito pouco desse contentamento piedoso em nossos dias, mesmo entre o povo do Senhor. Quantos não há que põe o coração nas coisas que são os ídolos dos ímpios. Por que razão os nossos jovens estão insatisfeitos com o padrão de conforto que bastava aos nossos pais? É necessário negar a si mesmo se quisermos seguir Aquele que não tinha nem onde reclinar a cabeça.

"… e bebia da torrente" (1 Rs 17.6). Não vamos negligenciar essa informação, porque, nas Escrituras, nenhum detalhe é insignificante. A água da torrente era provisão de Deus tão verdadeira e definidamente como o pão e a carne que os corvos traziam. Não teria o Espírito Santo registrado esse detalhe a fim de nos ensinar que as misericórdias comuns da providência (como nós as chamamos) são também dádivas de Deus? Se temos recebido suprimento do necessário para sustentar nosso corpo, então temos reconhecê-lo e ser gratos para com Deus. Mas quanto há,

mesmo entre cristãos professos, que se sentam à mesa para as refeições *sem* primeiro suplicar a bênção de Deus, e levantam-se sem Lhe agradecer por aquilo que acabaram de receber. Nesse assunto, também, Cristo nos deixou exemplo, visto que na ocasião em que alimentou a multidão, somos informados que: "... Jesus tomou os pães e, tendo dado graças, distribuiu-os entre eles" (Jo 6.11). Não deixemos de fazer o mesmo.

"E sucedeu que, passados dias, o ribeiro se secou, porque não tinha havido chuva na terra" (1 Rs 17.7 – RC). Considere cuidadosamente estas três palavras: "E sucedeu que". Elas dizem muito mais do que simplesmente informar que algo aconteceu: elas significam que o decreto de Deus a respeito da seca agora estava cumprido. "E sucedeu que" na boa providência de Deus, que ordena todas as coisas conforme o conselho da Sua vontade, e sem Cuja permissão nada acontece, nem mesmo um pardal cai sobre a terra (Mt 10.29). Isso deve confortar de modo especial os filhos de Deus, e deixá-los certos quanto a sua segurança. Com referência a Deus, não existe acaso — onde quer que esse termo ocorra na Bíblia, é sempre com referência ao homem, referindo-se a alguma coisa que acontece sem a interferência humana. Tudo o que acontece neste mundo ocorre exatamente como Deus ordenou desde o princípio (At 2.23). Empenhe-se para lembrar esse fato, prezado leitor, a próxima vez que você estiver em dificuldade e perigo. Se você é do povo de Deus, Ele já proveu para toda e qualquer contingência na Sua "Aliança eterna", e as Suas misericórdias são "fiéis" (2 Sm 23.5; Is 55.3).

"Mas, passados dias" (1 Rs 17.7). Lightfoot entende que essa expressão significa "depois de um ano", o que com frequência é o sentido daquela expressão nas Escrituras. De qualquer forma, depois de um certo intervalo de tempo, a torrente secou. Krummacher afirma que o próprio nome Querite significa "secura, aridez", como se esta torrente costumasse secar mais rápido que as outras. É mais provável que fosse uma fonte vinda das montanhas, que descia um estreito desfiladeiro. A sua água era suprida de forma costumeira da natureza, pela providência ordinária, mas naquele momento o curso da natureza foi alterado. O propósito de Deus estava cumprido, e a hora de o profeta sair para outro esconderijo havia chegado. O fato de o ribeiro secar foi um poderoso lembrete a Elias da transitoriedade de tudo o que é deste mundo. "...a aparência deste mundo passa" (1 Co 7.31), e por isso "não temos aqui cidade permanente" (Hb 13.14). Em todas as coisas aqui em baixo estão estampadas a mudança e a decadência: não há nada estável debaixo do sol. Por essa razão, deveríamos estar preparados para mudanças súbitas em nossas circunstâncias.

Os corvos continuaram a trazer ao profeta pão e carne a cada manhã e a cada final de tarde, mas ele não poderia subsistir sem água. Mas por que razão Deus não haveria de suprir água de forma miraculosa, assim como o fez com a comida? Com toda certeza Ele poderia tê-lo feito. Ele poderia ter feito sair água da rocha, como fez com Israel, e com Sansão na caverna (Jz 15.18,19 – RC). Sim, mas o Senhor não está preso a nenhum método, mas tem uma variedade de caminhos para atingir um mesmo objetivo. Às vezes Deus age de uma certa forma, outras vezes de outra, empregando hoje este meio e amanhã aqueloutro, a fim de executar os Seus planos. Deus é soberano, e não está preso nem a leis nem a rotinas. Ele sempre age segundo a Sua boa vontade, e Ele o faz para mostrar a Sua completa suficiência, para demonstrar a Sua múltipla sabedoria, e para demonstrar a grandeza do Seu poder. Deus não está limitado a nada, e se Ele fecha uma porta, com facilidade Ele abre outra.

"...a torrente secou". Querite não haveria de jorrar para sempre; não, nem mesmo para o profeta. O próprio Elias precisava sentir quão terrível era a calamidade que ele tinha anunciado. Ah, meu leitor, não é nada incomum que Deus permita que os seus próprios amados sejam envolvidos nas calamidades públicas dos transgressores. É verdade que Ele faz uma real distinção tanto na utilidade como na finalidade dos seus açoites, mas não no sofrimento deles. Nós vivemos

num mundo que está debaixo da maldição de um Deus Santo, e por isso "o homem nasce para a aflição, Tão certamente como as faíscas voam para cima"[9]. Nem mesmo é possível escapar da tribulação enquanto formos deixados neste cenário. O próprio povo de Deus, ainda que seja objeto do Seu amor eterno, não está isento, pois "Muitas são as aflições do justo"[10]. Por quê? Por várias razões, e com vários objetivos: um deles é afastar o nosso coração das coisas daqui de baixo, e levar-nos a pôr as nossas afeições nas coisas lá de cima.

"...a torrente secou". Aparentemente, isso foi uma grande infelicidade; para o raciocínio carnal, isso foi uma verdadeira calamidade. Vamos tentar visualizar Elias ali em Querite. A seca estava em todo lugar, a fome grassava em toda a terra: e agora até aquela torrente começava a secar. Dia após dia as águas gradualmente diminuíam até ao ponto de se tornarem em breve um mero filete, e então pararam por completo. Será que ele foi ficando ansioso e deprimido? Será que disse: "O que eu vou fazer? Será que devo ficar aqui e morrer? Será que Deus me esqueceu? Será que dei um passo errado, afinal, ao vir para cá?" Tudo dependia de quão firmemente a sua *fé* permanecia em exercício. Se a fé estava ativa, então ele admirava a bondade de Deus em fazer aquele suprimento de água durar por tanto tempo. Quão melhor é para nós, em vez de lamentar as nossas perdas, louvarmos a Deus por nos conceder as Suas misericórdias por tanto tempo — especialmente quando nos lembramos que elas nos são apenas *emprestadas,* e que não merecemos nem mesmo a menor delas.

Embora habitasse no lugar designado por Deus, Elias não estava isento daqueles intensos exercícios de alma que são sempre a disciplina necessária de uma vida de fé. É verdade que os corvos tinham, em obediência à ordem de Deus, visitado Elias todos os dias, suprindo-lhe alimento de manhã e de tarde, e a torrente havia fluído em seu curso tranquilo. Mas a fé tinha de ser testada — e desenvolvida. O servo de Deus não podia ficar sentado ao abrigo do vento, mas tinha de prosseguir de classe em classe na escola do Senhor; e, havendo aprendido (por meio da graça) as difíceis lições de uma, ele tinha agora de avançar para atracar-se com outras mais difíceis ainda. Talvez o leitor esteja agora vendo secar-se a torrente da popularidade, da saúde que falha, dos negócios diminuindo, das amizades se reduzindo. Ah, uma torrente que seca é uma verdadeira tribulação.

Por que Deus permite a torrente secar? Para nos ensinar a confiar nEle, e não nas Suas dádivas. Como regra geral, Ele não provê, por muito tempo, para o Seu povo, da mesma forma e pelos mesmos meios, a fim de que eles não descansem *neles* e fiquem na expectativa de ajuda desses meios. Mas cedo ou mais tarde Deus nos mostra quão dependentes somos *dEle*, até mesmo para o suprimento das misericórdias de todos os dias. Mas o coração do profeta tinha de ser testado, para mostrar se a sua confiança estava em Querite ou no Deus vivo. E assim também acontece no Seu trato para conosco. Com quanta frequência nós *pensamos* que nossa confiança está no Senhor, quando na realidade estamos descansando em circunstâncias cômodas; e quando elas se tornam desagradáveis, quanta fé nos resta?



[9] Jó 5.7, BRA.
[10] Salmo 34.19.

Capítulo 6

Conduzido a Sarepta

"...aquele que crer, não se apressará" (Is 28.16 – BRA). Essa é uma regra que, observada, é para nós tanto sabedoria como bem-estar em toda a variedade de situações da nossa vida — regra necessária mais do que nunca para o povo de Deus, nestes tempos loucos de pressa e confusão. Talvez o seu emprego mais útil seja em relação à nossa leitura e estudo da Palavra de Deus. Não é tanto a quantidade de tempo que gastamos com as Escrituras, mas a proporção em que *meditamos* com reverência naquilo que estamos lendo, que basicamente determina o grau de benefício que a alma recebe dessa prática. Pelo fato de mudar de um versículo para outro, por falhar em visualizar vivamente em nossa mente os detalhes que se apresentam no texto, e por não nos esforçarmos para descobrir as lições práticas que se podem extrair dos eventos históricos, acabamos sendo grandes perdedores. É quando nos colocamos no lugar daquele a respeito de quem estamos lendo e quando pensamos o que possivelmente nós teríamos feito naquelas circunstâncias, que recebemos o maior auxílio.

O estágio a que chegamos na vida de Elias é uma ilustração do que temos em vista no parágrafo anterior. No final do último capítulo, tínhamos chegado ao ponto em que "passados dias, *a torrente secou*": não vamos nos apressar muito para considerar o que veio em seguida; em vez disso, deveríamos tentar visualizar a situação do profeta e refletir sobre a tribulação que lhe sobreveio. Imagine o tisbita ali no seu humilde isolamento. Dia após dia a água da torrente diminuindo de forma constante. Será que as suas esperanças também diminuíam no mesmo ritmo? Será que as suas canções de adoração se tornaram mais débeis e menos frequentes à medida que a torrente diminuía seu ritmo e barulho sobre o leito rochoso? Será que ele pendurou a harpa nos salgueiros[11] à medida que se entregava a ansiosos pensamentos e impacientemente andava pra cá e pra lá? Não há nada nas Escrituras que nos informe sobre isso. Deus mantém em perfeita paz aquele cuja mente está firme nEle[12]. Sim, mas para isso acontecer, o coração tem de estar firmemente confiado nEle.

Ah, esse é o ponto: será que confiamos no Senhor em circunstâncias aflitivas, ou somos apenas "cristãos de tempo bom"? É de temer que, se nós estivéssemos ali naquela torrente que secava, a nossa mente teria se perturbado, e em vez de esperar pacientemente pelo Senhor, nos teríamos preocupado e feito planos, perguntando-nos o que seria melhor fazer em seguida. Então, certo dia, Elias acordou e achou a torrente completamente seca, e o seu suprimento de mantimento completamente interrompido! O que deveria ele fazer agora? Permanecer ali e morrer? Porque ele

[11] Salmo 137.2.
[12] Isaías 26.3, RC.

não tinha como sobreviver muito tempo sem nada para beber. Não teria ele de tomar o assunto nas próprias mãos e fazer o melhor que tinha condições de fazer por si mesmo? Não seria melhor desdizer tudo o que havia feito e arriscar-se à vingança de Acabe, do que permanecer onde estava e morrer de sede? Acaso duvidamos que Satanás o tenha importunado com essas tentações nessa hora de provação?

O Senhor tinha lhe ordenado: "esconde-te junto à torrente de Querite", e acrescentou: "ordenei aos corvos que *ali mesmo* te sustentem". E é impressionantemente abençoado ver que ele *permaneceu* ali mesmo depois que o suprimento de água acabou. O profeta não se moveu dali enquanto não recebeu instrução definida do Senhor para mudar de residência. Assim foi também com Israel, antigamente, no deserto, à medida que se dirigiam à terra prometida: "Segundo o dito do SENHOR, os filhos de Israel partiam e segundo o dito do SENHOR assentavam o arraial; todos os dias em que a nuvem parava sobre o tabernáculo, assentavam o arraial. E, quando a nuvem se detinha muitos dias sobre o tabernáculo, então, os filhos de Israel tinham cuidado da guarda do SENHOR *e não partiam.* E era que, quando a nuvem poucos dias estava sobre o tabernáculo, segundo o dito do SENHOR, se alojavam e, segundo o dito do SENHOR, partiam. Porém era que, quando a nuvem desde a tarde até à manhã ficava ali e a nuvem se alçava pela manhã, então, partiam; quer de dia quer de noite, alçando-se a nuvem, partiam. Ou, quando a nuvem sobre o tabernáculo se detinha dois dias, ou um mês, *ou um ano,* … os filhos de Israel se alojavam *e não partiam"* (Nm 9.18-22). E isso está claramente registrado para instrução nossa e para nos confortar, e fazer o mesmo significará para nós tanto sabedoria como bem-estar.

"Então, lhe veio a palavra do SENHOR, dizendo: Dispõe-te, e vai a Sarepta, que pertence a Sidom, e demora-te ali, onde ordenei a uma mulher viúva que te dê comida" (1 Rs 17.8,9). Será que isso não deixa evidente quão sem sentido e quão desnecessário era qualquer planejamento carnal por parte do profeta, se ele tivesse agido dessa forma? Deus não tinha Se "esquecido de ser gracioso" nem haveria de deixar o Seu servo sem a direção e orientação necessárias, quando chegasse a hora de lhe conceder isso. Como isso deve falar alto ao nosso coração — nós que estamos por demais cheios de nossos próprios planos e imaginações. Em vez de dizer: "Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa"[13], nós planejamos alguma forma de sair de nossas dificuldades e depois pedimos que o Senhor abençoe nossos planos. Se um Samuel não chega no momento que esperamos, tentamos forçar as coisas (1 Sm 13.12).

Contudo, repare bem que, antes que chegasse a nova Palavra de Deus a Elias, tanto a sua fé como a sua paciência tinham sido postas à prova. Ao dirigir-se a Querite, o profeta agiu sob as ordens de Deus, e por essa razão estava debaixo do especial cuidado de Deus. Poderia ele ter sofrido, então, algum grande dano debaixo dessa tutela? Ele tinha de permanecer, portanto, onde estava até que Deus o orientasse para deixar aquele lugar, sem importar-se com quão desagradáveis viessem a se tornar as suas condições. Assim também é conosco. Quando se torna claro que Deus nos pôs onde estamos, ali devemos "permanecer" (1 Co 7.20), mesmo que nossa permanência ali se faça acompanhar de dificuldades e de evidente perigo. Se, por outro lado, Elias tivesse deixado Querite por sua própria vontade, como teria ele podido contar com o Senhor para estar com ele tanto para providenciar as suas necessidades como para livrá-lo dos seus inimigos? Isso também se aplica a nós, hoje, com a mesma eficácia.

Vamos considerar agora a nova provisão que Deus graciosamente supriu para o Seu servo nessa retirada. "Então, lhe veio a palavra do SENHOR" (1 Rs 17.8). Quantas vezes a Sua palavra veio até nós: às vezes, diretamente; às vezes, através de algum dos Seus servos; e perversamente

[13] Salmo 62.5.

nos temos recusado a obedecer-lhe. Se não o fizemos em palavras, contudo os nossos caminhos têm se assemelhado aos dos judeus rebeldes, que, em resposta à amorosa censura de Jeremias, replicaram: "Quanto à palavra que nos anunciaste em nome do SENHOR, não te obedeceremos a ti" (Jr 44.16). Em outras ocasiões, temos agido como aqueles de quem se fala em Ezequiel 33.31,32: "Eles vêm a ti, como o povo costuma vir, e se assentam diante de ti como meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra; pois, com a boca, professam muito amor, mas o coração só ambiciona lucro. Eis que tu és para eles como quem canta canções de amor, que tem voz suave e tange bem; porque ouvem as tuas palavras, *mas não as põem por obra"*. E por quê? Porque a Palavra de Deus contradiz nossa vontade perversa e requer aquilo que é contrário à nossa inclinação natural.

"Então, veio a ele a palavra do SENHOR, dizendo: Levanta-te, e vai a Sarepta, que é de Sidom, e habita ali" (1 Rs 17.8,9 – RC). Isso significava que Elias tinha de ser disciplinado por meio de mais provações e humilhações. Em primeiro lugar, o nome do lugar para onde Deus ordena que o Seu servo se dirija é profundamente sugestivo, pois "Sarepta" significa "refinamento", e vem de uma raiz que significa "crisol", ou "cadinho" — o lugar onde os metais são derretidos. Ali se apresentava diante de Elias não apenas mais um teste da sua fé, mas também o *refinamento* dela, pois um "crisol" serve para separar a escória do ouro fino. A experiência que agora se apresentava ao nosso profeta era muito difícil e desagradável à carne e ao sangue, pois ir de Querite a Sarepta implicava numa jornada de cento e vinte quilômetros pelo deserto. Ah, o lugar do refinamento não é facilmente alcançado, e implica naquilo de que tudo em nós naturalmente recua.

Também temos de reparar com atenção que Sarepta estava "em Sidom": isso significa que estava em território gentio, fora da terra da Palestina. Nosso Senhor deu ênfase a esse detalhe (no primeiro registro de um discurso público Seu) como sendo uma das mais antigas sugestões do favor que Deus pretendia estender aos gentios, quando disse que "muitas viúvas havia em Israel" naquele tempo (Lc 4.25,26), que talvez (ou talvez não) teriam com boa vontade acolhido e socorrido o profeta; mas ele não foi enviado a nenhuma delas — que acusação severa contra a nação escolhida; foram todas preteridas! Mas o que é ainda mais notável é o fato de que "Sidom" era o próprio lugar de onde viera Jezabel, a perversa corruptora de Israel (1 Rs 16.31)! São muito estranhos os caminhos de Deus, e contudo são sempre ordenados com infinita sabedoria! Como disse Matthew Henry: "A fim de mostrar a Jezabel a impotência da sua maldade, Deus provê um esconderijo para o Seu servo no próprio país dela".

Também é surpreendente reparar a pessoa específica que Deus selecionou para hospedar Elias. Não foi um comerciante rico ou alguém da liderança de Sidom, mas uma pobre viúva — desolada e dependente — que Deus tornou tanto disposta como capaz de ministrar ao profeta. Esse é comumente o caminho de Deus, para a Sua própria glória: usar e dar glória às "coisas loucas do mundo"[14]. Quando comentamos a respeito dos corvos que trouxeram pão e carne ao profeta enquanto ele habitou junto à torrente, chamamos atenção à soberania de Deus e ao tipo estranho de instrumentos que Ele Se agradou em usar. A mesma verdade é ilustrada de forma viva aqui: uma pobre viúva! Uma gentia! Uma moradora de Sidom, lugar de onde veio Jezabel! Não pense que é algo estranho, então, meu leitor, se o trato de Deus com você é o exato oposto daquilo que você esperava. O Senhor é a Sua própria lei, e o que Ele requer de nós é confiança absoluta e submissão sem restrições.

"…eis que eu ordenei ali a uma mulher viúva que te sustente" (1 Rs 17.9 – RC). A situação de necessidade extrema do homem é a oportunidade de Deus: quando Querite seca, então se abre

[14] 1 Coríntios 1.27.

Sarepta. Com isso devemos aprender a nos refrear das preocupações sobre o futuro. Lembre-se, querido leitor, de que o amanhã trará consigo o Deus do amanhã. "… não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a minha destra fiel" (Is 41.10): essas são promessas certas e fiéis — porque são a Palavra dAquele que não pode mentir — a morada da nossa alma; use essa Palavra para replicar a toda questão de incredulidade e toda calúnia maldosa do diabo. Repare que novamente Deus não enviou Elias a um rio, mas a uma "torrente" — não a uma pessoa rica, de grandes recursos, mas a uma pobre viúva de recursos limitados. Ah, o Senhor queria que o Seu servo continuasse a depender unicamente dEle, da mesma forma que já estava dependendo do *Seu* poder e da *Sua* bondade até aquele momento.

Isso foi de fato uma grande provação para Elias, não apenas enfrentar uma longa jornada através do deserto, mas ingressar numa experiência totalmente contrária aos seus sentimentos naturais, ao seu treinamento religioso e às suas inclinações espirituais — tornar-se dependente de uma gentia numa cidade pagã. Foi-lhe exigido que deixasse a terra dos seus pais, para morar temporariamente no quartel-general dos adoradores de Baal. É necessário percebermos a verdade que o plano de Deus para Elias requeria dele uma *obediência* incondicional. Aqueles que pretendem andar com Deus precisam não somente confiar totalmente nEle, mas têm de estar preparados para serem inteiramente regulados pela Sua Palavra. Não somente a nossa fé precisa ser treinada por meio de uma grande variedade de providências, mas também a nossa obediência, por meio dos mandamentos de Deus. É vão supor que se pode desfrutar a aprovação de Jeová a não ser que estejamos sujeitos aos Seus preceitos. "Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura de carneiros" (1 Sm 15.22). Na mesma hora em que desobedecemos, desfaz-se a nossa comunhão com Deus, e o castigo se torna a nossa porção devida.

Elias precisa ir a Sarepta para morar ali. Mas como poderá ele subsistir ali, se ele não conhece ninguém naquele lugar? Ora, ele pode ir porque o Mesmo que lhe deu a ordem também fez os devidos arranjos para que ele seja recebido e mantido naquela cidade. "Eis que ordenei ali a uma mulher viúva que te sustente" (1 Rs 17.9 – BRA). Isso não significa necessariamente que o Senhor revelou a Sua mente a ela — a sequência dos acontecimentos deixa claro o contrário. Em vez disso, entendemos que essas palavras significam que Deus decretou essa situação em Seus desígnios, e iria efetuar tudo por meio das Suas providências — compare com as Suas palavras: "(eu) ordenei aos corvos que ali mesmo te sustentem" (1 Rs 17.4). Quando Deus chama alguém do Seu povo para ir a algum lugar, essa pessoa pode descansar, certa de que Ele já proveu para ela em Seu propósito predeterminado. Deus, secretamente, inclinou essa viúva a receber e sustentar o Seu servo. Todos os corações estão nas mãos do Senhor, e Ele os inclina para onde Ele quer[15]. Ele pode incliná-los para nos mostrarem favor e proceder gentilmente para conosco, mesmo que sejamos completamente estranhos para eles. Muitas vezes, em locais bem diferentes do mundo, essa tem sido a experiência deste autor.

O chamado de Deus para que Elias fosse a Sarepta não só foi uma provação para a fé e a obediência de Elias, mas também a sua *humildade* foi posta à prova. Ele foi chamado para receber caridade das mãos de uma viúva desolada. Quão humilhante para o orgulho, tornar-se dependente de uma das mais pobres dentre os pobres. Quão embaraçoso para toda a autoconfiança e autosuficiência, aceitar esmola de alguém que aparentemente não tinha suficiente nem para suas próprias necessidades mais urgentes! Ah, precisamos da ajuda da pressão das circunstâncias, para nos curvarmos diante daquilo que é repugnante às nossas inclinações naturais. Mais de uma vez, no passado, sentimos muito ter de receber dádivas e socorro daqueles que tinham poucos bens deste mundo, mas fomos confortados pela seguinte palavra: "também algumas mulheres que haviam sido

[15] Provérbios 21.1.

curadas de espíritos malignos e de enfermidades ... e muitas outras, as quais *lhe* prestavam assistência com os seus bens" (Lc 8.2,3). A "viúva" nos fala de fraqueza e desolação: Israel estava viúva naquele tempo, e por isso Elias foi levado a senti-lo em sua própria alma.

"Então, ele se levantou e se foi a Sarepta" (1 Rs 17.10). Nisso, Elias deu prova de que era de fato servo de Deus, pois o caminho de um *servo* é o caminho da obediência: no momento em que abandona esse caminho, ele cessa de ser um servo. O servo e a obediência são tão inseparavelmente ligados como o trabalhador e o trabalho. Há muitos, hoje, que falam a respeito do seu serviço *para* Cristo, como se Ele precisasse da assistência deles, como se a causa dEle não fosse prosperar se eles não a patrocinassem e promovessem — como se a arca santa inevitavelmente fosse cair no chão a não ser que mãos não santas a segurem. Isso tudo está errado, seriamente errado — isso tudo é produto do orgulho alimentado por Satanás. A coisa extremamente necessária (para nós!) é servir a Cristo, submissão ao Seu jugo, rendição à Sua vontade, sujeição aos Seus mandamentos. Qualquer outro "serviço cristão", diferente do andar em Seus preceitos, é invenção humana, é energia carnal, é "fogo estranho".

"Então, ele se levantou e se foi a Sarepta" (1 Rs 17.10). Como posso eu ministrar as coisas santas de Deus a não ser que eu mesmo esteja trilhando o caminho da obediência? O judeu dos dias de Paulo era consciente da sua própria importância, contudo não trazia nenhuma glória a Deus. "estás persuadido de que és guia dos cegos, luz dos que se encontram em trevas, instrutor de ignorantes" (Rm 2.19,20). Então o apóstolo faz um verdadeiro exame da conduta desse homem: "tu, pois, que ensinas a outrem, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas?" (v. 21). O princípio ali anunciado é penetrante e de ampla aplicabilidade. Cada um de nós que prega o Evangelho deveria medir com muita atenção a si mesmo. Tu que pregas que Deus requer a verdade no íntimo, és um homem de palavra? Tu que ensinas que devemos conduzir nossos negócios com honestidade diante dos homens, tens alguma conta por pagar? Tu que exortas os crentes a que sejam perseverantes na oração, quanto tempo gastas no lugar secreto? Se não, não te surpreendas se os teus sermões produzem pouco efeito.

Da tranquilidade do campo à difícil tarefa de confrontar o rei; da presença de Acabe à solidão de Querite; da torrente que secou para Sarepta. Os transtornos e os deslocamentos da Providência são necessários, se queremos que nossa vida espiritual prospere. "Despreocupado esteve Moabe desde a sua mocidade e tem repousado nas fezes do seu vinho; não foi mudado de vasilha para vasilha" (Jr 48.11). É sugestiva a figura usada aqui. Pelo fato de Moabe ter ficado em paz por muito tempo, tornou-se letárgico e débil. Ou, à semelhança de suco de uva não refinado, estragou-se. Deus estava mudando Elias "de vasilha para vasilha", de forma que a escuma pudesse vir à tona e ser removida. Essa movimentação do nosso ninho, essa constante mudança das nossas circunstâncias, não são experiência agradável, mas é algo essencial se quisermos ser preservados de "repousar em nossas fezes"; mas lamentavelmente, longe de apreciarmos os graciosos desígnios do Refinador, quantas vezes somos petulantes, e murmuramos quando Ele nos transfere de uma vasilha para outra.

"Então, ele se levantou e se foi a Sarepta" (1 Rs 17.10). Ele não fez nenhuma objeção, mas fez como lhe foi ordenado. Ele não se demorou, mas se pôs imediatamente a caminho da sua desagradável jornada. Ele estava tão disposto a ir a pé, como se Deus lhe tivesse providenciado uma carruagem. Ele estava tão pronto a atravessar um deserto como se Deus lhe tivesse dito para deleitar-se num jardim ensombreado. Ele estava tão disposto a pedir ajuda a uma viúva gentia como se Deus lhe tivesse dito que voltasse aos seus amigos em Gileade. Pode parecer, à mente carnal, que ele estava colocando a cabeça na boca do leão — provocando um desastre certo ao dirigir-se à terra de Sidom, onde os agentes de Jezabel deveriam ser muitos. Mas uma vez que Deus lhe havia

ordenado que fosse, para ele era certo obedecer (e errado era não obedecer), e por isso ele podia contar com a proteção de Deus.

Note bem que o Senhor não deu a Elias nenhuma informação a respeito da sua futura residência e forma de sustento, além de lhe dizer que seria em Sarepta e por meio de uma viúva. Num tempo de fome, deveríamos ser profundamente gratos pelo suprimento do Senhor, e ficar totalmente satisfeitos em deixar com Ele a forma em que isso vai acontecer. Se o Senhor Se responsabiliza por nos guiar na jornada da nossa vida, temos de ficar contentes com a Sua forma de fazê-lo passo a passo. É raro que Ele nos revele muita coisa com antecipação. Na maioria das vezes, sabemos pouco ou nada antecipadamente. Como poderia ser diferente, se vamos andar *pela fé?* Temos de confiar plenamente nEle para o pleno desenvolvimento do Seu plano a nosso respeito. Mas se de fato estamos andando com Deus, tomando cuidado para que nossos caminhos estejam de acordo com a Sua Palavra, gradualmente Ele tornará claras as coisas. As Suas providências haverão de resolver nossas dificuldades, e aquilo que não sabemos agora, haveremos de saber mais tarde. Foi assim que aconteceu com Elias.



Capítulo 7

A Extrema Necessidade de Uma Viúva

"Então, lhe veio a palavra do SENHOR, dizendo: Dispõe-te, e vai a Sarepta, que pertence a Sidom, e demora-te ali, onde ordenei a uma mulher viúva que te dê comida" (1 Rs 17.8,9). Repare bem a conexão entre os dois versículos. O sentido espiritual deles talvez fique mais claro para o leitor se pusermos o assunto da seguinte forma: nossas ações têm de ser reguladas pela Palavra de Deus, se quisermos que nossa alma seja nutrida e fortificada. Essa foi uma das notórias lições ensinadas a Israel no deserto: o alimento deles e o repouso somente podiam ser obtidos enquanto viajavam no caminho da obediência (Nm 9.18-23 — repare bem nas sete vezes em que aparece a expressão "Segundo o mandado do SENHOR" nessa passagem). Ao antigo povo de Deus não se permitia ter qualquer plano próprio: o Senhor dispunha tudo para eles — quando deveriam andar e quando deveriam ficar acampados. Caso se recusassem a seguir a nuvem, não haveria maná para eles.

Assim também foi com Elias, porque Deus estabeleceu a mesma regra tanto para os ministros como para aqueles a quem eles ministram: eles têm de praticar o que pregam, ou então ai deles. Ao profeta não foi permitido ter vontade própria para decidir por quanto tempo deveria permanecer em Querite ou quando deveria partir dali. A Palavra de Jeová determinou tudo para ele, e por *obedecer* a essa Palavra ele recebeu o *sustento*. Que verdade penetrante e importante nós temos aqui para cada cristão: o caminho da obediência é o único caminho da bênção e da riqueza espiritual. Ah, será que não descobrimos aqui mesmo a causa da nossa pobreza e a explicação para nossa falta de fruto? Não é porque temos sido tão cheios de vontade própria ao ponto de nossa alma padecer fome e nossa fé se enfraquecer? Não será porque tem havido tão pouca negação de nós mesmos, tão pouco do tomar a cruz e seguir Cristo, que estamos tão doentes e sem gozo?

Não há nada que ministre tanto em favor da saúde e do gozo de nossa alma como estar em sujeição à vontade dAquele com quem haveremos de tratar. E o pregador tem de prestar atenção a este princípio também, tanto quanto o cristão comum. O pregador precisa ele mesmo trilhar o caminho da obediência se quiser ser usado por Aquele que é santo. Do contrário, como poderia Elias ter dito depois com tanta segurança no monte Carmelo: "Se o Senhor é Deus, segui-o", se ele previamente tivesse seguido um caminho de auto-congratulação e insubordinação? Como já destacamos no capítulo anterior, aquilo que está naturalmente relacionado à "prestação de serviço" é a obediência. As duas coisas estão indissoluvelmente unidas: tão logo eu deixe de obedecer ao meu Senhor, deixo de ser o Seu "servo". Fazendo essa associação, lembremo-nos que um dos mais nobres títulos de nosso Rei era "*O Servo* de Jeová". Nenhum de nós pode sequer almejar um alvo

maior do que aquele que era a inspiração do Seu coração: "Eis-me aqui, ó Deus, para fazer a Tua vontade".

Mas temos de admitir com franqueza que o caminho da obediência a Deus está longe de ser fácil para a nossa natureza: ele diariamente nos chama à negação própria, e por isso só pode ser percorrido à medida que se fixam os olhos firmemente no Senhor e a consciência se encontra em sujeição à Sua Palavra. É verdade que em guardar os Seus mandamentos "há grande recompensa" (Sl 19.11), pois o Senhor jamais será devedor ao homem; entretanto isso exige que se ponha de lado a razão carnal, e ir para Querite e ali ser alimentado pelos corvos — como pode um intelecto orgulhoso entender isso? E agora se exige dele que vá a uma cidade distante e pagã, para ali ser sustentado por uma viúva desamparada, que estava ela mesma a ponto de morrer de fome. Ah, meu leitor, o caminho da fé é totalmente oposto ao que chamamos "bom senso" e, se você sofre da mesma doença deste autor, então sabe que muitas vezes é mais difícil crucificar a razão do que repudiar os trapos da justiça própria. "Então, ele se levantou e se foi a Sarepta; chegando à porta da cidade, estava ali uma mulher viúva apanhando lenha" (v. 10). Ela era tão pobre que não tinha combustível, nem mesmo tinha algum servo que saísse para lhe apanhar lenha. Que alento poderia Elias obter do que estava vendo? Nenhum; em vez disso, tudo contribuiria para enchê-lo de dúvidas e medo, se ele se ocupasse das circunstâncias exteriores. "Então, ele se levantou e se foi a Sarepta; chegando à porta da cidade, estava ali uma mulher viúva apanhando lenha; ele a chamou e lhe disse: Traze-me, peço-te, uma vasilha de água para eu beber. Indo ela a buscá-la, ele a chamou e lhe disse: Traze-me também um bocado de pão na tua mão. Porém ela respondeu: Tão certo como vive o SENHOR, teu Deus, nada tenho cozido; há somente um punhado de farinha numa panela e um pouco de azeite numa botija; e, vês aqui, apanhei dois cavacos e vou preparar esse resto de comida para mim e para o meu filho; comê-lo-emos e morreremos" (vv. 10-12): foi isso que o profeta encontrou, quando chegou ao destino divinamente indicado! Coloque-se no lugar dele, querido leitor — não teria você considerado uma cena dessas como deprimente e inquietante?

Mas Elias "não consultou carne e sangue"; por isso não se desanimou ao contemplar essa tão pouco promissora situação. Em vez disso, o seu coração foi sustentado pela imutável Palavra dAquele que não pode mentir. A confiança de Elias repousava não em circunstâncias favoráveis ou em boa aparência, mas na fidelidade do Deus vivo; e por isso a sua fé não precisava do apoio das coisas que o cercavam. As aparências podem ser escuras e funestas, mas o olho da fé penetra as nuvens negras e vê acima delas o sorridente rosto do seu Provedor. O Deus de Elias era o Altíssimo, com quem todas as coisas são possíveis. Eu "ordenei a uma mulher viúva que te dê comida": era *nisso* que o coração dele repousava. Em que é que o *seu* coração repousa? Você está em paz nesta cena instável? Você tomou posse para si mesmo de alguma das Suas firmes promessas? "Confia no SENHOR e faze o bem; habitarás na terra e, verdadeiramente, *serás* alimentado" (Sl 37.3 – RC). "Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia. Pelo que não temeremos, ainda que a terra se mude" (Sl 46.1,2 – RC).

Mas vamos retornar às circunstâncias exteriores com que Elias se deparou ao chegar a Sarepta. "Então, ele se levantou e se foi a Sarepta; chegando à porta da cidade, estava ali uma mulher viúva apanhando lenha". Deus havia dito ao Seu servo que fosse até lá e havia prometido que uma viúva o sustentaria, mas não lhe disse o nome dela, nem onde morava, nem como a identificaria entre as outras pessoas. Ele confiou que Deus lhe daria maior luz quando chegasse ali; e não se desapontou. Ele foi recebido pela própria pessoa que o haveria de acolher. Aparentemente esse encontro foi inteiramente casual, já que nada havia sido combinado entre eles. "… *estava ali* uma mulher viúva"; veja como o Senhor, na Sua providência, controla todos os acontecimentos, de

forma que essa mulher específica estivesse à porta da cidade no exato momento em que o profeta chegou!

Repare em como ela se apresenta como se viesse para encontrá-lo: contudo ele não a conhecia, nem ela o conhecia. Tudo parece acidental, e contudo foi inteiramente decretado e ordenado por Deus, de forma que se cumprisse a Sua palavra dita ao profeta. Ah, meu leitor, não existe acontecimento neste mundo, nem grande nem pequeno, que ocorra por acaso. "Eu sei, ó SENHOR, que não cabe ao homem determinar o seu caminho, nem ao que caminha o dirigir os seus passos" (Jr 10.23). Que bênção é ter a certeza de que "O SENHOR firma os passos do homem bom" (Sl 37.23). É pura incredulidade desvincular de Deus as coisas comuns da vida. Todas as nossas circunstâncias e experiências são dirigidas pelo Senhor, "Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!" (Rm 11.36). Cultive o hábito santo de ver a mão de Deus em tudo o que lhe acontece.

"...chegando à porta da cidade, estava ali uma mulher viúva". Como isso ilustra mais uma vez um princípio a que, com frequência, chamamos a atenção do leitor — que, quando Deus trabalha, Ele sempre opera em *ambas* as extremidades da linha. Se Jacó envia os filhos ao Egito em busca de alimento em tempo de fome, José é movido a providenciá-lo para eles. Se os espias israelitas entram em Jericó, aí está Raabe que se levanta para escondê-los. Se Mordecai está orando ao Senhor por proteção ao Seu povo ameaçado, o rei Assuero perde o sono, e acaba encontrando os registros reais que favorecem Mordecai e seus companheiros. Se o eunuco etíope está desejoso por entender a Palavra de Deus, Filipe é enviado para explicá-la a ele. Se Cornélio está orando para entender o Evangelho, Pedro é encarregado de pregá-lo a ele. Elias não tinha recebido nenhuma informação sobre onde morava essa viúva, mas a providência de Deus cronometrou os passos dela de tal forma que ela o encontrou à entrada da cidade. Como encorajam a fé esses fatos!

Aqui estava, então, a viúva: mas como Elias saberia que era ela aquela que Deus havia ordenado que o ajudasse? Bem, ele tinha de fazer um teste, como teve de fazer o servo de Abraão com Rebeca, quando foi enviado para buscar uma esposa para Isaque: Eliezer orou para que a moça a quem ele dissesse "dá-me um pouco de água do teu cântaro" e que ela respondesse "Bebe, e também tirarei água para os teus camelos, seja essa a mulher que o SENHOR designou para o filho de meu senhor" (Gn 24). Rebeca surgiu e preencheu essas condições. Assim também aqui: Elias testou a mulher para ver se ela era benevolente: "Traze-me, peço-te, uma vasilha de água para eu beber". Exatamente como Eliézer considerou que somente alguém possuído de bondade seria uma companheira adequada para o filho do seu senhor, assim Elias estava convicto que somente uma pessoa de mente generosa poderia sustentá-lo num tempo de fome e seca.

Ele "a chamou e lhe disse: Traze-me, peço-te, uma vasilha de água para eu beber". Repare o comportamento gracioso e cheio de respeito de Elias. O fato de que ele era um profeta de Jeová não o autorizava a tratar essa pobre viúva de maneira arrogante e autoritária. Em vez de mandar, ele disse: "peço-te". Que repreensão temos aqui àqueles que são orgulhosos e impertinentes. Devemos tratar a todos com cortesia: "sede todos ... afáveis" (1 Pe 3.8 – RC) é um dos preceitos divinos a todos os crentes. E como foi severo o teste a que Elias submeteu essa pobre mulher: trazer-lhe uma vasilha de água para ele beber! Contudo ela não fez nenhuma objeção nem exigiu um alto preço por aquilo que, naquela ocasião, se havia tornado um luxo custoso; não, ela não o fez, mesmo que Elias fosse um completo estrangeiro, alguém de outra raça. Maravilhemo-nos aqui com o poder de Deus, que consegue mover o coração humano para agir bondosamente para com os Seus servos.

"Indo ela a buscá-la." Sim, ela deixou de apanhar lenha para si mesma e, em atenção imediata ao pedido desse estrangeiro, partiu para buscar-lhe água. Aprendamos a imitá-la no respeito, e estejamos sempre prontos para agir com bondade para com nossos semelhantes. Se não

temos os recursos necessários para dar aos necessitados, devemos estar prontos a trabalhar para consegui-los (Ef 4.28). Um copo de água fria, embora não nos custe nada mais do que o trabalho de ir buscá-lo, de forma nenhuma deixará de receber o seu galardão. "Indo ela a buscá-la, ele a chamou e lhe disse: Traze-me também um bocado de pão na tua mão" (1 Rs 17.11). O profeta fez esse pedido para testá-la ainda mais — e que teste: repartir com ele a sua última refeição — e também para facilitar a conversa que teria com ela mais adiante.

"Traze-me também um bocado de pão na tua mão" (1 Rs 17.11). Que pedido egoísta isso não pareceu! Muito provavelmente, a natureza humana se ressentiria de um pedido desses a alguém de tão escassos recursos. Mas na realidade era Deus visitando-a na hora da sua mais profunda necessidade. "Por isso, o SENHOR espera, para ter misericórdia de vós, e se detém, para se compadecer de vós, porque o SENHOR é Deus de justiça; bem-aventurados todos os que *nele esperam"* (Is 30.18). Mas essa viúva primeiro tinha de ser provada, da mesma forma que outra mulher gentia, mais tarde, foi provada pelo Senhor encarnado (Mt 15). Deus, de fato, iria suprir todas as necessidades dela, mas será que ela confiaria nEle? Dessa mesma forma, muitas vezes, Ele permite que as coisas piorem antes que haja alguma melhoria. Ele "espera para ter misericórdia". Por quê? Para nos conduzir ao fim de nós mesmos e dos nossos recursos, até que tudo pareça perdido e estejamos em desespero: para que possamos, com maior clareza, discernir a Sua mão libertadora.

"Porém ela respondeu: Tão certo como vive o SENHOR, teu Deus, nada tenho cozido; há somente um punhado de farinha numa panela e um pouco de azeite numa botija; e, vês aqui, apanhei dois cavacos e vou preparar esse resto de comida para mim e para o meu filho; comê-lo-emos e morreremos" (1 Rs 17.12). Os efeitos da terrível fome e seca na Palestina foram também sentidos nos países adjacentes. Com referência ao "azeite" que essa viúva possuía, em Sarepta de Sidom, J.J.Blunt, em sua admirável obra "Undesigned Coincidences in the Old and New Testament"[16], traz um capítulo muito esclarecedor. Ele ressalta que, na divisão da terra de Canaã, a região de *Sidom* foi designada para *Aser* (Js 19.28). Daí o autor conduz o leitor de volta a Deuteronômio 33, lembrando que, quando Moisés abençoou as doze tribos, ele disse: "Bendito seja Aser entre os filhos de Jacó, agrade a seus irmãos e banhe em *azeite* o pé" (Dt 33.24) — indicando a fertilidade daquela região e qual seria o seu principal produto. Dessa forma, após um longo período de fome, era muito provável que se encontrasse azeite *ali*. Por isso, quando comparamos Escritura com Escritura, vemos a sua perfeita harmonia.

"…vês aqui, apanhei dois cavacos e vou preparar esse resto de comida para mim e para o meu filho; comê-lo-emos e *morreremos"* (1 Rs 17.12). Pobre alma: reduzida à necessidade extrema e final, sem nada mais além de uma dolorosa morte encarando-a face a face! A linguagem dela era da razão carnal, e não a linguagem da fé; da incredulidade e não da confiança no Deus vivo; sim, e muito natural, naquelas circunstâncias. Até aquele momento, ela nada sabia da palavra dita a Elias: "eis que eu ordenei ali a uma mulher viúva que te sustente" (1 Rs 17.9 – RC). Não, ela pensava que havia chegado o fim de tudo. Ah, meu leitor, quão melhor é Deus do que os nossos medos. Os hebreus incrédulos pensavam que passariam fome no deserto, mas não passaram. Certa vez, Davi disse em seu coração: "Ora, ainda algum dia perecerei pela mão de Saul" (1 Sm 27.1 – RC), mas isso não aconteceu. Os apóstolos pensaram que se afogariam no mar tempestuoso, mas isso não ocorreu.

"Fosse gasta metade do fôlego, nas preocupações,
Enviando súplicas aos Céus,

[16] Algo como "Coincidências Não Intencionais do Antigo e do Novo Testamento".

Com mais frequência se ouviriam as alegres canções
Relatando tudo o que o Senhor por mim já fez."

"Porém ela respondeu: Tão certo como vive o SENHOR, teu Deus, nada tenho cozido; há somente um punhado de farinha numa panela e um pouco de azeite numa botija; e, vês aqui, apanhei dois cavacos e vou preparar esse resto de comida para mim e para o meu filho; comê-lo-emos e morreremos" (1 Rs 17.12). Para a vista natural, para a razão humana, parece impossível que ela pudesse sustentar qualquer pessoa. Em pobreza extrema, ela chegara ao final das suas provisões. E os seus olhos não estavam postos em Deus (como também não estão os nossos, até que o Espírito opere em nosso interior!) mas na panela, e *ela* estava falhando; em consequência, nada mais havia na sua mente a não ser a *morte*. A incredulidade e a morte estão unidas de forma inseparável. A confiança dessa viúva estava posta na panela e na botija e, além delas, ela não divisava nenhuma esperança. Até aquele momento, ela nada conhecia da felicidade de ter comunhão com Aquele a quem somente pertencem "as saídas para escapar da morte" (Sl 68.20 – RC). Ela ainda não era capaz de "em esperança, crer contra a esperança" (Rm 4.18 – RC). Misericórdia, que coisa frágil é essa esperança que se apóia em nada mais do que uma panela de farinha.

Como somos inclinados a nos apoiar em coisas tão sem valor como uma panela de farinha! E enquanto fizermos isso, as nossas expectativas serão sempre insuficientes e passageiras. Contudo, por outro lado, é preciso lembrar que a menor medida de farinha nas mãos de Deus é, para a fé, tão suficiente e eficaz como "os gados sobre milhares de outeiros"[17]. Mas lamentavelmente, é raro ver a fé sendo exercitada de modo sadio. Por excessivas vezes somos como os discípulos quando, na presença da multidão faminta, exclamaram: "Está aí um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas *isto* que é para tanta gente?" (Jo 6.9) — essa é a linguagem da incredulidade, do raciocínio carnal. A fé não se ocupa com as dificuldades, mas com Aquele com quem as coisas são possíveis. A fé não se ocupa com as circunstâncias, mas com o Deus das circunstâncias. Foi isso o que aconteceu com Elias, como veremos na sequência.

E que teste foram para a fé de Elias essas tristes palavras da pobre viúva! Considere a situação que agora se apresentou aos seus olhos. Uma viúva e o seu filho padecendo fome; alguns gravetos, um punhado de farinha, e um pouco de azeite entre eles e a morte. Apesar disso, Deus havia dito a ele: "eu ordenei ali a uma mulher viúva que *te sustente*" (1 Rs 17.9). Quantos não exclamariam: 'Quão profundamente misterioso é isso tudo, que experiência difícil essa do profeta!' Pois, em vez de tornar-se um peso para ela, ele é que deveria ajudá-la. Ah, mas como Abraão, antes dele, "não duvidou, por incredulidade, da promessa de Deus; mas, pela fé, se fortaleceu"[18]. Ele sabia que o Dono dos céus e da terra havia decretado que ela *haveria* de sustentá-lo e que, mesmo não havendo farinha nem azeite nenhum, isso de forma alguma lhe desanimava o espírito ou o atemorizava. Oh, meu leitor, se você conhece, por experiência própria, alguma coisa da bondade, do poder e da fidelidade de Deus, cuide para que a sua confiança nEle permaneça inabalável, quaisquer que sejam as aparências.

"Aquele que o ajudou até aqui,
Vai ajudá-lo em toda a caminhada,
E lhe dará, a cada dia, razão para erguer
Um novo Ebenézer ao Seu louvor."

---

[17] Salmo 50.10, BRA.
[18] Romanos 4.20.

"... vês aqui, apanhei dois cavacos e vou preparar esse resto de comida para mim e para o meu filho; comê-lo-emos e morreremos" (1 Rs 17.12). Observe com atenção que essa mulher não se omitiu no cumprimento da sua responsabilidade. Até o final de tudo, ela foi diligente, fazendo uso dos meios que tinha à mão. Em vez de dar lugar ao completo desespero, sentada nalgum canto retorcendo as mãos, ela estava ativamente ocupada, apanhando cavacos para aquela que ela cria ser a sua última refeição. Esse detalhe não é insignificante, mas é um fato que temos de guardar na mente. A preguiça, em nenhuma circunstância, se justifica, e muito menos nalguma emergência. Sim, quanto mais desesperadora é a situação, tão maior a necessidade de nos estimularmos ao movimento. Dar lugar à depressão nunca jamais traz algum benefício. Cumpra a sua responsabilidade até o final, mesmo que isso seja a preparação para a sua última refeição. A viúva foi ricamente recompensada pelo seu labor diligente. Foi enquanto ela estava *no caminho do dever* (as responsabilidades domésticas!), que Deus, por meio do Seu servo, a encontrou e a abençoou.

Capítulo 8

O Senhor Proverá

Neste capítulo, veremos como o profeta se portou num ambiente e em circunstâncias completamente diferentes daquelas em que estava envolvido anteriormente. Até aqui vimos um pouco de como ele se portou em público: sua coragem e dignidade espiritual diante de Acabe; e também como ele agiu privadamente: a sua vida secreta diante de Deus junto à torrente de Querite — obediente à palavra do Senhor, pacientemente aguardando as Sua próximas instruções. Mas aqui o Espírito nos concede uma visão de como Elias se conduziu na casa da viúva de Sarepta, revelando a suficiência da graça de Deus para os Seus servos e para o Seu povo em toda e qualquer situação em que se encontrarem. Lamentavelmente, com quanta frequência o servo de Deus que é firme e público e fiel nas suas devoções secretas, falha de modo lamentável na esfera doméstica, no círculo familiar. Isso não deveria acontecer; e não aconteceu com Elias.

O assunto a que acabamos de nos referir talvez exija algumas observações, que faremos sem pretender exaurir o assunto, mas apenas exemplificá-lo. Por que razão o servo de Deus com frequência está em muito maior desvantagem em casa do que quando está no púlpito ou em seu quarto de oração? Em primeiro lugar, quando sai para desempenhar as suas obrigações públicas, ele se arma para a batalha contra o inimigo; mas ele retorna ao lar com a energia emocional gasta, para repousar e recuperar-se. É nessa ocasião que ele fica mais propenso a descontrolar-se e irritar-se com coisas insignificantes. Em segundo lugar, quando ministra em público, ele está consciente de que está se opondo aos poderes do mal, mas no círculo familiar ele está cercado por aqueles que o amam, e ele fica de guarda baixa, sem perceber que Satanás pode usar os seus amigos para obter vantagem sobre ele. Em terceiro lugar, estar consciente da própria dedicação em público pode ter estimulado o seu orgulho, e um espinho na carne — a dolorosa percepção de falhar no lar — pode ser necessário para humilhá-lo. Contudo, não há justificativa para conduzir-se de forma desonrosa a Deus no círculo doméstico, da mesma forma que isso não se justifica no púlpito.

Em nosso último capítulo, chegamos ao ponto onde Elias — em resposta à ordem de Jeová — deixou seu refúgio em Querite, atravessou o deserto e pontualmente chegou às portas de Sarepta, onde o Senhor havia (secretamente) ordenado a uma mulher viúva que o sustentasse. Ele a encontrou na entrada da cidade, embora em circunstâncias completamente desesperadoras ao olhar carnal. Essa mulher, em vez de acolher alegremente o profeta, falou tristemente da iminente morte sua e de seu filho. Em vez de ser amplamente aparelhada para ministrar a Elias, ela lhe conta que tudo o que lhe restava era "somente um punhado de farinha numa panela e um pouco de azeite numa botija". Que teste para a fé! Quão absurdo parecia que o homem de Deus devesse esperar sustento da casa *dela*. Não mais absurdo do que ter sido exigido de Noé construir uma arca antes

que houvesse qualquer chuva, e muito menos algum sinal de um dilúvio; não mais absurdo do que exigir que Israel simplesmente rodeasse as muralhas de Jericó repetidas vezes. O caminho da obediência só pode ser trilhado à medida que a fé é posta em exercício.

"Elias lhe disse: Não temas; vai e faze o que disseste" (1 Rs 17.13). Que palavra graciosa, essa, para aquietar o coração da pobre viúva! Não temas as consequências, nem para ti nem para teu filho, ao fazer uso dos meios que tens à mão, por mais escassos que sejam. "...mas primeiro faze dele para mim um bolo pequeno e traze-mo aqui fora; depois, farás para ti mesma e para teu filho" (v. 13). Que teste difícil foi esse! Será que alguma vez alguma viúva foi tão provada como essa de Sarepta? Fazer "primeiro" para ele um bolo foi, sem dúvida nenhuma, nas circunstâncias extremas dela, uma das mais difíceis ordens que ela jamais recebeu. Não parecia essa ordem estar vindo da mais profunda essência do egoísmo? Será que as leis de Deus e as dos homens exigem um sacrifício desse tamanho? Deus não nos pede mais do que amar nosso próximo como a nós mesmos; em lugar nenhum Ele nos pede que o amemos *mais* do que a nós mesmos. Mas aqui está a ordem: "*primeiro* faze dele *para mim* um bolo"!

"Porque assim diz o SENHOR, Deus de Israel: A farinha da tua panela não se acabará, e o azeite da tua botija não faltará, até ao dia em que o SENHOR fizer chover sobre a terra" (1 Rs 17.14). Ah, isso faz toda a diferença: isso removeu o ferrão daquela exigência, mostrando que a origem dela não era egoísta. O que acontecia é que se pedia dela uma porção do pouquinho que ela ainda tinha, mas Elias lhe diz que ela não precisava hesitar em cedê-lo, visto que, apesar de o caso parecer desesperador, Deus tomaria conta dela e do seu filho. Repare com que confiança absoluta o profeta fala: não havia incerteza, mas positiva e inabalável certeza de que o suprimento deles não haveria de diminuir. Ah, Elias tinha aprendido uma valiosa lição em Querite — aprendido por experiência: ele tinha provado a fidelidade de Jeová junto da torrente, e por isso ele estava agora qualificado a acalmar os receios e confortar o coração dessa pobre viúva — compare com 2 Coríntios 1.3,4 — texto que revela o segredo de todo ministério eficaz.

Repare o título especial dado aqui à Divindade. A mulher tinha dito: "Tão certo como vive o SENHOR, teu Deus" (1 Rs 17.12), mas isso não era suficiente. Elias declarou: "assim diz o SENHOR, Deus de Israel" — essa mulher gentia tinha de chegar ao ponto de perceber a humilhante verdade que "a salvação vem dos judeus" (Jo 4.22). "O SENHOR, Deus de Israel", de cujas maravilhosas obras tu deves ter ouvido tantas vezes; Aquele que do soberbo Faraó fez um escabelo para Seus pés, que trouxe o Seu povo a pé enxuto pelo mar Vermelho, que miraculosamente os sustentou por quarenta anos no deserto, e que em favor deles subjugou os cananitas. Alguém assim com certeza merece confiança quando se trata do pão diário. O "SENHOR, Deus de Israel" é Aquele cuja promessa jamais falha, pois "a Glória de Israel não mente, nem se arrepende, porquanto não é homem, para que se arrependa" (1 Sm 15.29). Com Alguém assim pode-se contar com toda a segurança.

"Porque assim diz o SENHOR, Deus de Israel: A farinha da panela não se acabará, e o azeite da botija não faltará, até ao dia em que o SENHOR dê chuva sobre a terra" (1 Rs 17.14 – RC). Deus lhe deu a Sua promessa, para nela repousar: será que a viúva descansaria nessa Palavra? Será que ela de fato confiaria nEle? Repare em como era específica a promessa: não era algo mal e mal, como 'Deus não vai te deixar morrer de fome', ou 'com certeza suprirá todas as tuas necessidades'. Em vez disso, era como se Ele tivesse dito: A farinha da *tua* panela não se acabará nem o azeite da *tua* botija faltará[19]. E se a *nossa* fé é do tipo sustentado por Deus, ela nos levará a confiar na promessa dEle, a nos entregar sem reservas ao Seu cuidado, e a agir corretamente diante

[19] Tanto isso é assim, que a RA traduz esse versículo desta forma: "Porque assim diz o SENHOR, Deus de Israel: A farinha da tua panela não se acabará, e o azeite da tua botija não faltará, até ao dia em que o SENHOR fizer chover sobre a terra".

dos nossos semelhantes e para com eles. Mas repare como a fé precisa permanecer em exercício: não foi prometida nem providenciada nenhuma nova panela de farinha: era somente um "punhado" que não se acabava — aparentemente uma quantidade inadequada para a família, mas inteiramente suficiente com Deus. A expressão "...até ao dia em que o SENHOR dê chuva sobre a terra" evidenciou a firme fé do próprio profeta.

"Foi ela e fez segundo a palavra de Elias; assim, comeram ele, ela e a sua casa muitos dias" (1 Rs 17.15). Podemos exclamar, como nosso Senhor o fez: Ó mulher, grande é a tua fé! Ela poderia ter objetado várias desculpas ao pedido do profeta, especialmente por não conhecê-lo, mas por maior que fosse o teste, a sua fé no Senhor se igualava a ele (ao tamanho do teste). A sua confiança simples de que Deus haveria de tomar conta deles superou todas as objeções do raciocínio carnal. Porventura ela não nos lembra uma outra mulher gentia, a siro-fenícia, uma descendente dos cananitas idólatras, que muito tempo depois se alegrou com a chegada de Cristo aos arredores de Tiro, e que suplicou a Sua ajuda em favor da filha endemoninhada? Com surpreendente fé ela superou cada obstáculo, e obteve uma porção do pão destinado aos filhos, a cura da sua filhinha (Mt 15). Que esses exemplos nos levem a suplicar de coração: "Senhor, aumenta-nos a fé", pois ninguém pode fazer a nossa fé aumentar, a não ser Aquele que a concede.

"Foi ela e fez segundo a palavra de Elias; assim, comeram ele, ela e a sua casa muitos dias. Da panela a farinha não se acabou, e da botija o azeite não faltou, segundo a palavra do SENHOR, por intermédio de Elias" (1 Rs 17.15,16). Ela nada perdeu por causa da sua generosidade. Seu pequeno suprimento de farinha e azeite era suficiente apenas para uma simples refeição e então ela e o filho haveriam de morrer. Mas a disposição dela de ministrar ao servo de Deus lhe trouxe o suficiente, não apenas para muitos dias, mas até que a seca chegasse ao fim. Ela deu a Elias do melhor que tinha, e por sua bondade para com o profeta Deus supriu para a família dela durante todo tempo de fome. Quão verdadeira é esta palavra: "Quem recebe um profeta, no caráter de profeta, receberá o galardão de profeta" (Mt 10.41). Mas a nem todos do povo de Deus se concede o privilégio de socorrer um *profeta*; contudo eles podem socorrer os *pobres* de Deus. Não está escrito: "Quem se compadece do pobre, empresta a Jeová, Que lhe retribuirá o seu benefício" (Pv 19.17 – BRA)? E novamente: "Bem-aventurado o que acode ao necessitado; o SENHOR o livra no dia do mal" (Sl 41.1). Deus jamais será devedor ao homem.

"Foi ela e fez segundo a palavra de Elias; assim, comeram ele, ela e a sua casa muitos dias. Da panela a farinha não se acabou, e da botija o azeite não faltou" (1 Rs 17.15,16). Aqui novamente vemos exemplificado o fato de que o recebimento da bênção de Deus e a obtenção do alimento (figuradamente, o alimento espiritual) é resultado da *obediência*. Essa mulher atendeu o pedido do servo de Deus, e grande foi a sua recompensa. Você, meu leitor, está apreensivo quanto ao futuro? Receoso de que, quando as suas forças faltarem e vier a idade avançada, você possa se ver sem o necessário para a vida? Então permita-nos relembrá-lo que não há necessidade para esses medos. "...buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas (necessidades temporais) vos serão acrescentadas" (Mt 6.33). "Temei o SENHOR, vós os seus santos, pois nada falta aos que o temem" (Sl 34.9). "...o SENHOR Deus ... nenhum bem sonega aos que andam retamente" (Sl 84.11). Mas repare bem que cada uma dessas promessas é *condicional:* a sua parte é dar a Deus o primeiro lugar na vida, temê-lO, obedecer-Lhe e honrá-lO em todas as coisas, e Ele, por Sua vez, garante que o seu pão e a sua água serão certos.

Está o leitor inclinado a replicar: "Esse tipo de conselho é mais fácil ouvir do que obedecer. É mais simples ser lembrado das promessas de Deus do que descansar sobre elas"? Talvez algum outro se sinta inclinado a dizer: "Ah, você não sabe quão desesperadoras são as minhas circunstâncias, quão escuro é o cenário, quão violentamente Satanás está injetando dúvidas na

minha mente". Tudo bem, mas por mais desesperador que seja o seu caso, nós sinceramente imploramos que pense na viúva de Sarepta: é improvável que a sua situação seja tão extrema quanto a dela, e contudo ela não morreu de fome. Aquele que põe Deus em primeiro lugar sempre contará com a presença dEle, em tudo. Coisas que parecem atuar contra nós, contribuem juntamente para o nosso bem, nas Suas maravilhosas mãos. Qualquer que seja a sua necessidade, caro amigo, não se esqueça do Deus de Elias. "...assim, comeram ele, ela e a sua casa muitos dias". Aqui vemos Elias morando em segurança na humilde moradia dessa pobre viúva. Embora a comida fosse frugal, contudo era suficiente para preservar a vida do corpo. Não há nenhum indício de que Deus tenha provido qualquer variação de dieta durante esses "muitos dias", como também nenhuma insinuação encontramos de que o profeta tenha ficado insatisfeito com a exigência de comer um só tipo de comida por tão longo período. É aqui que obtemos o primeiro vislumbre de como ele se comportou no ambiente da família. Ele foi um bendito exemplo do seguinte preceito divino: "Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes" (1 Tm 6.8). E de onde vinha esse contentamento? Vinha de um coração submisso e calmo, que descansava em Deus: sujeição à Sua vontade soberana, satisfação com a porção que Ele nos designa, enxergando a *Sua* mão tanto no conceder como no negar (a provisão).

"Da panela a farinha não se acabou, e da botija o azeite não faltou" (1 Rs 17.16). Com certeza, a viúva não tinha motivos para queixar-se do severo teste a que a sua fé havia sido submetida. Deus, que mandara o Seu profeta para hospedar-se com ela, pagou bem as refeições dele — ao prover alimento à família dela enquanto os seus vizinhos passavam fome, e concedendo-lhe a companhia e a instrução do Seu servo. Quem seria capaz de enumerar todas as bênçãos que sobrevieram à alma dela por meio da edificante convivência com Elias e das respostas às orações dele? A disposição dela era benévola e generosa, pronta a conceder alívio às necessidades alheias e a ministrar às necessidades dos servos de Deus; e a sua liberalidade retornou a ela cem vezes mais. Deus concede misericórdia aos que são misericordiosos. "Porque Deus não é injusto para ficar esquecido do vosso trabalho e do amor que evidenciastes para com o seu nome, pois servistes e ainda servis aos santos" (Hb 6.10).

"Da panela a farinha não se acabou, e da botija o azeite não faltou" (1 Rs 17.16). Antes que percamos de vista um belo tipo que encontramos neste texto, esforcemo-nos agora para enxergar além do que é aparente. A "farinha" com certeza é uma figura de Cristo, divinamente selecionada, o "grão de trigo" que morreu (Jo 12.24), triturado entre a pedra superior e a inferior do moinho do juízo de Deus, para tornar-Se para nós o "Pão da vida". Isso fica claro nos primeiros capítulos de Levítico, onde encontramos as cinco grandes ofertas estabelecidas para Israel, as quais apresentam a pessoa e a obra do Redentor; a oferta de "fina flor" de farinha (Lv 2) retratando as perfeições da Sua humanidade. Também é claro que o "azeite" é um símbolo do Espírito Santo, em Suas operações de unção, iluminação e conforto. Um estudo muito abençoado é investigar através das Escrituras os textos em que aparece o "azeite" (ou 'óleo'), e os tipos a que se referem.

Da mesma forma que a pequena família de Sarepta não foi sustentada apenas com farinha ou apenas com azeite, mas pelos dois juntos, assim o crente é sustentado espiritualmente sempre tanto por Cristo como pelo Espírito Santo. Nós não conseguiríamos nos alimentar de Cristo, sim, jamais sentiríamos a nossa necessidade de nos alimentar dEle, se não fosse a graciosa influência do Espírito de Deus. Tanto um como o Outro nos são indispensáveis: Cristo para nós, o Espírito em nós; Um sustentando a nossa causa no alto, o Outro ministrando para nós aqui em baixo. O Espírito está aqui para "testificar" de Cristo (Jo 15.26), para "glorificar" a Cristo (Jo 16.14), e por essa razão o Salvador acrescentou: "Ele ... há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar". Não será por essa razão que a "farinha" (por três vezes consecutivas) é mencionada primeiro no tipo? Esta não é a

única passagem em que vemos os dois tipos justapostos: repetidas vezes, nas belas prefigurações do Antigo Testamento, lemos do "azeite" (ou 'óleo') colocado sobre o sangue (Êx 29.21; Lv 14.14-17 etc.).

"Da panela a farinha não se acabou, e da botija o azeite não faltou" (1 Rs 17.16). Havia uma permanente multiplicação de ambos, de acordo com o imenso poder de Deus, que operava um contínuo milagre: não temos aqui um perfeito paralelo entre este fato e a multiplicação sobrenatural operada pelo Salvador, dos cinco pães de cevada e dois peixinhos, enquanto os discípulos distribuíam e a multidão comia (Mt 14.19,20)? Mas vamos outra vez tornar nossos olhos do tipo para o Antítipo. A farinha que não diminui, o suprimento ininterrupto, tudo aponta para Cristo como Aquele que nutre a nossa alma. A provisão que Deus fez para o Seu povo na pessoa do Senhor Jesus perdura sempre a mesma através dos séculos: podemos chegar a Ele vez após vez e, embora recebamos dEle "graça sobre graça", contudo a Sua "plenitude" (Jo 1.16) permanece a mesma "ontem, hoje e para sempre"[20]. "... e da botija o azeite não faltou" — prefigura a grandiosa verdade que o Espírito Santo está conosco até o fim da nossa peregrinação (Ef 4.30).

Mas chamamos outra vez a atenção para o fato de que Deus não deu uma nova panela de farinha e nova botija de azeite a essa família em Sarepta, e também não encheu as vasilhas até a boca. Há uma outra lição importante para nós nesse fato. Deus lhes deu o suficiente para seu uso diário; não lhes deu de uma só vez suprimento adiantado para um ano ou mesmo provisão para uma semana. Da mesma forma, não existe isso de acumular para nós mesmos um estoque de graça para uso futuro. Nós temos de ir constantemente a Cristo para novos suprimentos de graça. Aos israelitas foi expressamente proibido estocar o maná: eles tinha de sair a cada manhã para colhê-lo outra vez. Não há como obtermos sustento suficiente para nossa alma no domingo, que dure por toda a semana, mas temos de nos alimentar da Palavra de Deus a cada manhã. Assim também, embora tenhamos sido regenerados pelo Espírito de uma vez por todas, contudo Ele nos renova no homem interior "de dia em dia" (2 Co 4.16).

"...segundo a palavra do SENHOR, por intermédio de Elias" (1 Rs 17.16). Isso ilustrava e representava um princípio vital: nenhuma palavra dEle cairá por terra, mas todas as coisas "que Deus falou por boca dos seus santos profetas desde a antiguidade" (At 3.21) com toda certeza se cumprirão. Isso é tanto solene como abençoado. Solene, porque as ameaças das Sagradas Escrituras não são sem fundamento, mas são as fiéis advertências dAquele que não pode mentir. Tão certo como a declaração de Elias: "nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a minha palavra" (1 Rs 17.1) se cumpriu ao pé da letra, assim o Altíssimo executará cada juízo anunciado. Ele tem proclamado advertências contra os perversos. Abençoado, porque tão certo como a farinha da viúva e o azeite não faltaram, de acordo com a Sua palavra através de Elias, assim também cada promessa que Ele fez aos Seus santos ainda vai cumprir-se perfeitamente. A incontestável veracidade, a imutável fidelidade e o onipotente poder de Deus para cumprir a Sua Palavra, é o sólido fundamento em que a fé pode, com segurança, repousar.



[20] Hebreus 13.8.

Capítulo 9

Uma Providência Sombria

"Vejo mudanças e decadência por todo lado."[21] Nós vivemos num mundo em que nada é estável, e onde a vida está sujeita a estranhas vicissitudes. Não podemos, e não devemos, esperar que as coisas se desenvolvam suavemente para nós por muito tempo, enquanto habitamos nesta terra de pecado e mortalidade. Isso não condiz com o presente estado de coisas da nossa sorte como criaturas decaídas, pois "o homem nasce para a aflição, Tão certamente como as faíscas voam para cima"[22]. Também não seria bom para nós, se fôssemos poupados por completo da aflição. Embora sejamos filhos de Deus, e objetos do Seu favor especial, contudo isso não nos livra das adversidades comuns da vida. Doença e morte podem entrar em nossa casa a qualquer hora: elas podem atacar nossa própria pessoa ou àqueles que nos são chegados e caros, e somos obrigados a nos curvar às dispensações soberanas dAquele que governa sobre todos. Isso são afirmações bem conhecidas, nós sabemos, contudo contêm uma verdade que temos sempre de lembrar, por mais indigesta que seja.

Embora estejamos bem familiarizados com o fato mencionado acima, e o vejamos ilustrado todos os dias por todo lado, contudo somos relutantes e lentos em reconhecer a sua aplicação *a nós mesmos*. A natureza humana é assim: ansiamos por desconsiderar o que é desagradável, e nos persuadimos que, se a nossa presente sorte é feliz, ela vai permanecer assim por algum tempo. Mas não importa quão saudáveis sejamos, quão vigorosa a nossa constituição, quão bem providos estejamos financeiramente, não devemos pensar que nossa montanha seja tão forte que não possa ser movida (Sl 30.6,7). Em vez disso, temos de nos treinar para segurar as misericórdias temporais sem muita força, e fazer uso dos nossos relacionamentos e consolações desta vida como se não os tivéssemos (1 Co 7.30), lembrando-nos que "a aparência deste mundo passa". Nosso descanso não está aqui e, se fizermos o nosso ninho nalguma árvore terrena, mais cedo ou mais tarde perceberemos que a floresta toda virá abaixo.

---

[21] O Autor refere-se, provavelmente, ao belo hino do ministro e poeta escocês Henry Francis Lyte, escrito em meados do seu último ano de vida (Lyte nasceu em 1793, e faleceu em novembro de 1847). O texto foi inspirado em Lucas 24.29, onde os dois viajantes da estrada de Emaús suplicam ao Senhor Jesus: "Fica conosco, porque é tarde, e o dia já declina". Mas "Comigo Habita", como foi traduzido para o português, não é um hino para o anoitecer do dia; o 'anoitecer' do hino é uma metáfora para o final da vida, uma transição do "curto dia" para o "amanhecer do céu", do qual Lyte mesmo se aproximava rapidamente por causa da sua saúde debilitada. O texto é uma oração suplicando a presença atenciosa de Deus quando os amigos falham, quando tudo parece mudar e corromper-se, quando o diabo ataca, quando a morte se aproxima, e quando passamos desta vida para a glória celeste.
[Fontes: http://www.hymnary.org/text/abide_with_me_10 e http://www.cvvnet.org/cgi-bin/jesusmidi?Portuguese+HINO+ha397 , acessados em 04 de novembro de 2009].

[22] Jó 5.7, BRA.

Como muitos, antes deste acontecimento, a viúva de Sarepta pode ter sido tentada a pensar que todas as suas tribulações tinham passado. Ela podia, com razão, esperar uma bênção vinda do fato de acolher o servo de Deus na casa dela, e ela de fato recebeu uma bênção concreta e generosa. Por tê-lo acolhido, ela e o filho receberam suprimento por meio de um milagre de Deus num tempo de fome por "muitos dias"; e talvez ela tenha concluído, por causa disso, que ela não tinha mais nada a temer no futuro. Contudo a próxima coisa registrada em nossa narrativa é o seguinte: "Depois disto, adoeceu o filho da mulher, da dona da casa, e a sua doença se agravou tanto, que ele morreu" (1 Rs 17.17). A linguagem usada para exprimir esse tocante incidente sugere que o filho dela foi atingido de repente, e com tal intensidade que ele faleceu rapidamente, antes que Elias tivesse oportunidade de orar por sua restauração.

Como são misteriosos os caminhos de Deus! A estranheza desse incidente se torna mais evidente se o ligarmos com o versículo imediatamente anterior: "Da panela a farinha se não acabou, e da botija o azeite não faltou, conforme a palavra do SENHOR, que falara pelo ministério de Elias. E, depois *destas coisas*, sucedeu que adoeceu o filho desta mulher" (1 Rs 17.16,17 – RC). Tanto ela quanto o filho tinham sido alimentados miraculosamente por um considerável intervalo de tempo, e agora ele é subitamente cortado da terra dos viventes, lembrando-nos das palavras de Cristo a respeito daquilo que se seguiu a um milagre de outrora: "Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram" (Jo 6.49). Mesmo que o sorriso de Deus esteja sobre nós e Ele esteja mostrando-Se forte em nosso favor, isso não nos garante imunidade contra as aflições que são a herança da carne e do sangue. Enquanto formos deixados neste vale de lágrimas, precisamos buscar graça para "alegrar-nos com tremor" (Sl 2.11).

Por outro lado, essa viúva com certeza errou se tinha concluído que, por lhe ter sido tirado o filho, ela havia perdido o favor de Deus e que essa estranha dispensação era um sinal seguro da Sua ira. Não está escrito que "o Senhor corrige o que ama e açoita a qualquer que recebe por filho" (Hb 12.6)? Mesmo quando temos as mais evidentes manifestações da boa vontade de Deus — como essa mulher recebeu pela presença de Elias sob o seu teto e o milagre diário do sustento — temos de estar preparados para o olhar de censura e desaprovação da Providência. Não devemos ficar chocados se nos depararmos com doloridas aflições enquanto estivermos trilhando o caminho do dever. Não foi assim com José, vez após vez? E com Daniel também? E, acima de tudo, não foi assim com o próprio Redentor? — assim também com os Seus apóstolos. "Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo" (1 Pe 4.12).

Repare bem que essa pobre alma tinha recebido sinais especiais do favor de Deus antes que fosse lançada na fornalha da aflição. Muitas vezes, acontece que Deus exercita o Seu povo com as mais pesadas provações quando eles acabaram de receber das Suas mais ricas bênçãos. Contudo aqui o olhar ungido pode discernir as Suas ternas misericórdias. Essa observação surpreende você, caro leitor? Você pergunta: "Como pode ser isso?" Isso ocorre porque o Senhor, na Sua infinita graça, muitas vezes *prepara* os Seus filhos para o sofrimento usando o recurso de previamente conceder-lhes grande gozo espiritual: dando-lhes sinais claros da Sua bondade, enchendo-lhes o coração com o Seu amor, e difundindo-lhes uma paz indescritível na mente. Havendo provado na prática a bondade de Deus, eles estão mais bem preparados para deparar-se com a adversidade. Além disso, a paciência, a esperança, a mansidão e as outras graças espirituais só podem ser desenvolvidas no fogo: a fé dessa viúva precisava, então, ser provada ainda mais severamente.

A perda do filho foi uma dura aflição para essa pobre mulher. Seria difícil para qualquer mãe, mas era especialmente mais severo para ela, porque ela tinha sido anteriormente reduzida à viuvez, e agora não havia mais ninguém que pudesse sustentá-la e confortá-la nos anos da sua

velhice. Todas as suas afeições se concentravam no filho, e com a sua morte todas as suas esperanças foram destruídas: a sua última brasa havia agora de fato sido apagada (2 Sm 14.7), pois não restava ninguém para preservar o nome do seu marido na terra. No entanto, como no caso de Lázaro e de suas irmãs, esse golpe pesado era "para a glória de Deus" (Jo 11.4), e se destinava a garantir-lhe um sinal ainda mais evidente do favor do Senhor. Assim também foi com José e com Daniel, a quem nos referimos acima: foram severas e dolorosas as suas provas, contudo na sequência Deus lhes conferiu uma honra maior. Oh, que o Senhor nos conceda fé para nos agarrarmos ao "depois" de Hebreus 12.11!

"Então, disse ela a Elias: Que fiz eu, ó homem de Deus? Vieste a mim para trazeres à memória a minha iniquidade e matares o meu filho?" (1 Rs 17.18). Misericórdia, que criaturas pobres, falhas e pecadoras nós somos! Quão miseravelmente retribuímos a Deus as Suas abundantes misericórdias! Quando se põe sobre nós a Sua mão disciplinadora, quantas vezes nos rebelamos, em vez de nos submetermos obedientemente. Em vez de nos humilharmos debaixo da potente mão de Deus e Lhe suplicarmos que nos mostre o porquê da Sua contenda conosco (Jó 10.2), estamos muito mais prontos a culpar alguma outra pessoa como a causa dos nossos problemas. Foi o que aconteceu com essa mulher. Em vez de pedir a Elias que orasse com e por ela — para que Deus a capacitasse a entender onde ela havia "errado" (Jó 6.24), para que Ele Se agradasse em santificar essa aflição para o bem da alma dela, e capacitá-la a glorificá-lO "no fogo"[23] (Is 24.15) — ela repreendeu o profeta. Quão tristemente nós falhamos no uso dos nossos privilégios.

"Então, disse ela a Elias: Que fiz eu, ó homem de Deus? Vieste a mim para trazeres à memória a minha iniquidade e matares o meu filho?" (1 Rs 17.18). Isso contrasta completamente com a calma que ela demonstrou quando Elias a encontrou a primeira vez. A súbita calamidade que se abateu sobre ela sobreveio como uma dolorosa surpresa e, nessas circunstâncias, quando a tribulação nos ataca repentinamente de modo inesperado, é difícil manter o espírito sob controle. Quando estamos sob repentinas e severas provas, necessitamos de muita graça para nos preservar da impaciência, de explosões mal-humoradas, e para pôr em prática uma confiança inabalável e uma completa submissão a Deus. Nem todos os santos estão aptos para dizer juntamente com Jó: "...temos recebido o bem de Deus e não receberíamos também o mal? ... o SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR!" (Jó 2.10, 1.21). Mas longe de nos justificarmos com base no tropeço da viúva, temos de nos julgar a nós mesmos sem piedade, e com pesar devemos confessar esses pecados a Deus.

A pobre viúva estava profundamente aflita com a perda que havia sofrido, e a sua forma de falar com Elias é uma estranha mistura de fé e incredulidade, soberba e humildade. Foi a erupção inconsistente de uma mente perturbada, como se pode perceber pela incoerência e tolice da argumentação. Primeiro, ela pergunta ao profeta: "Que fiz eu, ó homem de Deus?" — o que eu fiz para te desagradar? Onde foi que te ofendi? Ela desejava nunca ter posto os olhos nele, se ele tinha sido o responsável pela morte do filho. Contudo, em segundo lugar, ela o reconhece como "homem de Deus" — alguém que tinha sido separado para o serviço de Deus. Ela com certeza já sabia, a essa altura, que a terrível seca sobreviera a Israel em resposta às orações do profeta, e ela provavelmente concluíra que a sua própria aflição viera dessa mesma forma. Em terceiro lugar, ela se humilhou, perguntando: "Vieste a mim para trazeres à memória *a minha iniquidade...*?" — possivelmente uma referência ao fato de que ela anteriormente adorava Baal.

[23] A tradução inglesa usada pelo Autor, A King James, registra da seguinte forma Isaías 24.15: "Wherefore glorify ye the LORD in the fires, even the name of the LORD God of Israel in the isles of the sea", ou seja: "Por essa razão, glorificai vós o SENHOR no fogo, ...".

Muitas vezes, Deus utiliza as aflições para nos trazer a lembrança de pecados cometidos outrora. Na rotina comum da vida, é fácil avançar de dia em dia sem nenhum exame detalhado de consciência diante do Senhor, em especial quando nossa panela está transbordando. Somente quando estamos de fato andando bem junto dEle, ou quando somos atingidos por algum castigo especial da Sua mão, que nossa consciência fica sensível diante dEle. Mas quando a morte entrou na família dela, veio à tona a questão do pecado dela, porque a morte é o salário do pecado (Rm 6.23). A atitude mais segura, quando consideramos nossas perdas, é compreendê-las como a voz de Deus falando ao nosso coração pecaminoso, e diligentemente examinar-nos a nós mesmos, arrepender-nos de nossas iniquidades, e prontamente confessá-las ao Senhor, a fim de obtermos o Seu perdão e purificação (1 Jo 1.9).

É nesse ponto específico que aparece muitas vezes a diferença entre um incrédulo e um crente. Quando aquele é visitado por algum difícil transtorno ou perda, o orgulho e a justiça própria do seu coração se manifesta rapidamente nas suas palavras: "Não sei o que é que eu fiz para merecer isto. Eu sempre tento fazer o que é certo; eu não sou pior do que os meus vizinhos que foram poupados desse tipo de tristeza — por que eu tenho de sofrer esse tipo de calamidade?" Mas quão diferente é o caso daquele que verdadeiramente foi humilhado. Ele não confia mais em si mesmo, ciente dos seus próprios fracassos, e pronto a temer que tenha desagradado ao Senhor. Alguém assim haverá de considerar diligentemente os seus caminhos (Ag 1.5), revendo a maneira como vinha conduzindo a vida e examinando cuidadosamente o seu comportamento no presente, a fim de descobrir o que fez ou está fazendo de errado, para poder consertá-lo. É somente assim que se aliviam os medos da mente e a paz de Deus se confirma na alma.

É esse trazer à memória os nossos múltiplos pecados e condenar a nós mesmos por causa deles que nos tornará doces e submissos, pacientes e conformados. Foi isso que aconteceu com Arão que, quando o juízo de Deus caiu tão duramente sobre a família dele, "guardou silêncio" (Lv 10.3 – BRA). Também foi assim com o velho e pobre Eli, que falhou em reprovar e disciplinar os seus filhos, pois quando foram sumariamente mortos, ele exclamou: "É o SENHOR; faça o que bem lhe aprouver" (1 Sm 3.18). A perda de um filho pode, às vezes, lembrar aos pais os pecados cometidos há muito tempo. Foi assim com Davi, quando ele perdeu o filho pela mão de Deus, que o removeu por causa da sua perversidade (2 Sm 12). Não importa quão pesada a perda, quão profunda a tristeza, quando está em seu perfeito juízo, a linguagem do santo será sempre esta: "Bem sei, ó SENHOR, que os teus juízos são justos e que com fidelidade me afligiste" (Sl 119.75).

Embora a viúva e seu filho tenham sido mantidos vivos por muitos dias, miraculosamente sustentados pelo poder de Deus, enquanto o restante do povo sofria, contudo ela estava menos comovida com a beneficência de Deus do que com o fato de Ele ter-lhe tirado o filho: "Que fiz eu, ó homem de Deus? Vieste a mim para trazeres à memória a minha iniquidade e matares o meu filho?" (1 Rs 17.18). Ao mesmo tempo que ela parece reconhecer Deus na morte do filho, ela não consegue livrar-se do pensamento de que a presença do profeta era responsável pelo acontecido. Ela atribui a sua perda a Elias: como se ele se tivesse encarregado de ir até ela com o propósito de infligir-lhe punição por causa do pecado dela. Da mesma forma que ele tinha sido enviado até Acabe para declarar a seca sobre Israel por causa do pecado deles, assim ela agora temia a presença dele, com receio até de vê-lo. Lamentavelmente, como somos propensos a errar os motivos das nossas aflições e atribuí-las a causas incorretas.

"Ele lhe disse: Dá-me o teu filho" (1 Rs 17.19). No parágrafo inicial do nosso último capítulo, mostramos como a segunda metade de 1 Reis 17 nos apresenta uma descrição da vida doméstica de Elias, o seu comportamento no lar da viúva de Sarepta. Primeiro, ele mostrou seu contentamento com a comida simples, não expressando insatisfação com um cardápio invariável dia

após dia. E aqui vemos como ele se conduziu sob grande provocação. A petulante explosão dessa mulher perturbada foi algo cruel para com o homem que havia trazido libertação à casa dela. As suas palavras — "Vieste a mim para trazeres à memória a minha iniquidade e matares o meu filho?" — não tinham razão de ser e eram injustas, e bem poderiam ter gerado uma resposta amarga. E com certeza teria sido assim, não estivesse a graça repressora de Deus operando nele, visto que Elias, por natureza, era de temperamento esquentado.

A interpretação errônea da viúva quanto à presença de Elias em seu lar era suficiente para abalar qualquer pessoa. É maravilhoso reparar que não houve nenhuma resposta irada ao seu julgamento impensado, mas em vez disso uma "resposta branda" para dissipar a ira dela. Se alguém nos fala irrefletidamente, isso não é motivo para descermos ao seu nível. O profeta não tomou conhecimento da pergunta acalorada que ela fez, evidenciando com isso que ele era um seguidor dAquele que é "manso e humilde de coração", a respeito de Quem lemos o seguinte: "pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje" (1 Pe 2.23). "Elias viu que ela estava em extrema agonia, e que ela falou em grande angústia de espírito; por isso, sem tomar conhecimento das suas palavras, ele calmamente lhe disse: 'Dá-me o teu filho'; levando-a ao mesmo tempo à expectativa da restauração do seu filho por meio da intercessão dele" (J. Simpson).

Talvez alguém pense que as últimas palavras acima são inteiramente especulativas; pessoalmente, cremos que elas estão inteiramente asseguradas pelas Escrituras. Em Hebreus 11.35, lemos o seguinte: "Mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos". Lembramos que essa afirmação se encontra no grande capítulo da fé, onde o Espírito apresentou algumas das maravilhosas realizações e façanhas daqueles que confiaram no Deus vivo. Menciona-se um caso após outro, e então agrupam-se algumas pessoas, dizendo: "...os quais, *por meio da fé*, subjugaram reinos ... Mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos"[24]. Não há dúvida que se faz referência, aqui, ao caso que estamos tratando em 1 Reis 17, e ao caso similar da sunamita (2 Rs 4.17-37). Aqui, então, temos outro exemplo onde o Novo Testamento lança luz sobre as Escrituras do Antigo, capacitando-nos a obter uma noção mais completa daquilo que estamos agora considerando.

A viúva de Sarepta, embora fosse gentia, era uma filha de Sara, a quem havia sido entregue a fé dos eleitos de Deus. Esse tipo de fé é sobrenatural, o seu autor e seu objeto são sobrenaturais. Não somos informados a respeito de quando essa fé foi gerada no interior dela — muito provavelmente durante a estadia de Elias no lar dela, porque "a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus" (Rm 10.17 – RC). O caráter sobrenatural da fé dela foi evidenciado pelos seus frutos sobrenaturais, pois foi em resposta à sua fé (bem como em resposta à intercessão de Elias) que o seu filho lhe foi restaurado. O mais impressionante é que, tanto quanto nos informa a Palavra, não houve nenhum caso anterior de alguém morto haver sido trazido outra vez à vida. No entanto, Aquele que fez com que um punhado de farinha não acabasse e um pouquinho de azeite numa botija não faltasse enquanto bastavam para sustentar três pessoas por "muitos dias", com toda certeza Ele também *podia* ressuscitar os mortos. É assim que a fé raciocina: não há nada impossível para o Altíssimo.

Talvez alguém argumente que não há, nesta narrativa, nenhuma indicação a respeito da fé da viúva quanto à ressurreição do filho dela, pelo contrário só se vê o desespero da mulher. Está certo, contudo isso de forma nenhuma se opõe ao que destacamos acima. Não se diz nada, em Gênesis, a respeito da fé de Sara para gerar um filho, mas só se menciona o ceticismo dela. O que há no livro de Êxodo que nos sugira que os pais de Moisés tivessem exercido fé em Deus quando depositaram o

[24] Hebreus 11.33-35.

filho no cesto de vime calafetado com betume? — contudo, veja Hebreus 11.23. Qualquer pessoa que tente encontrar qualquer coisa no livro de Juízes que sugira que Sansão era um homem de fé, se verá em dificuldades, contudo Hebreus 11.32 deixa bem claro que sim, Sansão era um homem de fé. Mas se nada se diz no Antigo Testamento a respeito da fé da viúva de Sarepta, também temos de reparar que as palavras indelicadas dela para com Elias não foram registradas no Novo Testamento — assim como também não encontramos o pecado de incredulidade de Sara ou a impaciência de Jó — porque eles foram apagados pelo sangue do Cordeiro.

Capítulo 10

Mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos[25]

Vamos agora considerar um dos incidentes mais notáveis do Antigo Testamento — a ressurreição do filho da viúva de Sarepta. É um incidente inacreditável para o incrédulo, contudo aquele que possui um pouco que seja de familiaridade com o Senhor não encontrará nenhuma dificuldade nisso. Quando Paulo fazia sua defesa diante de Agripa, o apóstolo lhe perguntou: "Por que se julga incrível entre vós (não só que um morto seja restaurado à vida, mas) que *Deus* ressuscite os mortos?" (At 26.8). Ah, é ali que o crente põe toda a ênfase: na absoluta suficiência dAquele a quem ele haverá de prestar contas. Traga à cena o Deus vivo, e não importa quão drástica e desesperadora seja a situação, todas as dificuldades desaparecem à uma, pois nada é impossível para Ele. Aquele que gerou a vida, Aquele que mantém viva a nossa alma (Sl 66.9) pode vivificar os mortos.

Os descrentes de hoje (à semelhança dos saduceus de antigamente) talvez zombem da verdade divinamente revelada da ressurreição, mas o cristão não faz isso. Por quê? Porque ele experimentou na própria alma o poder ressuscitador de Deus: ele foi trazido da morte para a vida, espiritualmente. Mesmo que Satanás possa injetar dúvidas vis em sua mente, e por um momento abale a sua confiança na ressurreição do Senhor Jesus, contudo ele em breve recupera a postura; ele conhece a bênção dessa grande verdade, e quando vê que a graça outra vez o livrou do poder das trevas, ele exclamará alegremente com o apóstolo: "Cristo vive em mim". Além disso, quando ele nasceu de novo, foi implantado um princípio sobrenatural no seu coração — o princípio da fé — e esse princípio fez com que ele recebesse as Sagradas Escrituras em plena confiança de que elas são de fato a Palavra dAquele que não pode mentir, e por isso ele crê *tudo* o que os profetas disseram.

Aqui está o que confunde e leva os sábios deste mundo a tropeçar, mas que é simples para o cristão. A preservação de Noé e de sua família na arca, a passagem de Israel pelo mar Vermelho a pé enxuto, a sobrevivência de Jonas no ventre da baleia, não são dificuldade para ele de forma nenhuma. Ele sabe que a Palavra de Deus é infalível, pois essa verdade já se comprovou na sua própria experiência. Havendo provado por si mesmo que o Evangelho de Cristo é "o poder de Deus para salvação", ele não tem razão por quê duvidar de nada que se encontra registrado na Sagrada Escritura com respeito aos prodígios do Seu poder no mundo material. O crente está plenamente certo de que nada é difícil demais para o Criador dos céus e da terra. Não é que ele seja alguém

[25] Hebreus 11.35.

intelectualmente ingênuo, que aceita credulamente aquilo que é de todo contrário à razão. O que acontece é que, no cristão, a razão foi restaurada ao seu funcionamento normal: com isso, segue-se forçosamente a volta do relacionamento com o Deus todo-poderoso e o reconhecimento da atuação da Sua mão sobrenatural.

O assunto todo dos milagres é, por meio disso, reduzido ao seu fator mais simples. Muita coisa culta mas sem sentido tem sido escrita sobre o assunto: as leis da natureza, a sua supressão, a atuação de Deus contrária a essas leis, e a exata natureza de um milagre. Pessoalmente, definiríamos um milagre como algo que ninguém a não ser o próprio Deus pode operar. Com isso, não estamos subestimando os poderes de Satanás, ou desconsiderando passagens como Apocalipse 16.14 e 19.20. Para este autor, é suficiente que a Sagrada Escritura afirma o seguinte a respeito do Senhor: "ao único que opera grandes maravilhas" (Sl 136.4). Quanto aos "grandes sinais e maravilhas" operados pelos falsos cristos e pelos falsos profetas, a sua natureza e propósito são "enganar" (Mt 24.24), visto que são "prodígios *da mentira"* (2 Ts 2.9), da mesma forma que as suas predições são falsas. Aqui nós descansamos: somente Deus faz grandes maravilhas, e como é *Deus* que as faz, é exatamente isso que a fé espera dEle.

Em nosso último capítulo, ocupamo-nos com a dolorosa aflição que sobreveio à viúva de Sarepta com a súbita morte do seu filho, e o efeito imediato que isso provocou nela. Afetada até o mais íntimo do seu ser, ela voltou-se contra Elias e o acusou de ser a causa da sua pesada perda. O profeta não replicou de forma rude à acusação descortês e injusta, mas em vez disso pediu: "Dá-me o teu filho". Repare que ele não exigiu o corpo do menino como um dominador, mas de forma cortês ele o solicitou à mãe que lho concedesse. Cremos que, com isso, o propósito de Elias era acalmar as emoções dela e conduzi-la a 'esperar contra a esperança e crer' (Rm 4.18), como muito tempo antes Abraão fizera, quando creu no "Deus que vivifica os mortos " (Rm 4.17), visto que era (em parte) em resposta à fé dela que ela receberia, pela ressurreição, o seu morto (Hb 11.35).

"...tomou-o dos braços dela, e o levou para cima, ao quarto, onde ele mesmo se hospedava, e o deitou em sua cama" (1 Rs 17.19). Esse era evidentemente um quarto na parte superior da casa, reservado para o uso do profeta, assim como Eliseu tinha o seu numa outra casa (2 Rs 4.10). Para ali ele agora se retira, em busca de privacidade, como Pedro subiu ao eirado[26], e Cristo Se dirigiu ao jardim[27]. O próprio profeta devia estar muito oprimido e desconcertado diante do triste evento que surpreendera a sua anfitriã. Elias, embora austero na execução dos deveres, tinha por baixo um espírito carinhoso (como é comum acontecer com homens firmes), cheio de benignidade e sensível às necessidades alheias. Torna-se evidente, pela sequência dos acontecimentos, que Elias sofreu com o fato de que aquela que fora tão gentil com ele tivesse de ser tão duramente afligida agora que ele viera hospedar-se com ela, e a agonia dele se agravava pelo fato de ela o considerar responsável pela perda que sofrera.

Não se deve perder de vista que essa sombria dispensação provocou um verdadeiro teste da fé de Elias. Jeová é o Deus da viúva, e recompensa aqueles que ajudam o Seu povo, especialmente aqueles que mostram benevolências aos Seus servos. Por que, então, haveria de sobrevir uma tragédia sobre aquela que suprira um refúgio ao profeta? Não havia ele vindo pela instrução do próprio Senhor, como um mensageiro da misericórdia para a casa dela? Sim, ele havia se mostrado tudo isso; mas isso tinha sido esquecido por ela debaixo da pressão do momento, pois agora ele é considerado emissário da ira, um vingador do pecado dela, o matador do seu filho único. Pior ainda, não sentia ele que a honra do seu Senhor estava também envolvida nisso tudo? Que o nome

[26] Atos 10.9.
[27] João 18.1.

do Senhor seria caluniado! Não poderia a viúva dizer: "É assim que Deus paga aos que tratam bem os Seus servos?"

É impressionante ver como Elias reagiu a esse teste. Quando a viúva questionou se a morte do seu filho se devia à presença dele, ele não se entregou a especulações carnais, e não tentou desvendar o profundo mistério que se apresentava tanto a ele como a ela. Em vez disso, ele retirou-se ao seu quarto, para ficar a sós com Deus, para derramar diante dEle a sua perplexidade. Isso é sempre o que devemos fazer, pois o Senhor não é apenas "socorro bem presente nas tribulações"[28], mas a Sua Palavra requer que O busquemos em primeiro lugar (Mt 6.33). "Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa"[29] aplica-se com dobrada intensidade em tempos de perplexidade e agonia. Vão é o socorro do homem; inúteis são as conjecturas carnais. Na hora da Sua mais severa prova, o próprio Salvador retirou-Se até mesmo dos Seus discípulos e derramou o coração diante do Pai em secreto. Não foi permitido à viúva testemunhar a devoção mais profunda da alma do profeta diante do seu Senhor.

"...então, clamou ao SENHOR" (1 Rs 17.20). Embora Elias não entendesse o significado desse mistério, ele sabia muito bem o que fazer na sua dificuldade. Ele dirigiu-se ao seu Deus e derramou a sua queixa diante dEle. Ele buscou socorro com grande ardor e insistência, argumentando humildemente com Ele a respeito da morte da criança. Mas repare bem na reverente linguagem dele: ele não pergunta: "Por que infligiste sobre nós esta triste situação?" Em vez disso, ele diz: "Ó SENHOR, meu Deus, também até a esta viúva, com quem me hospedo, afligiste, matando-lhe o filho?" (v. 20). O *porquê* da situação não era da sua conta. Não nos cabe questionar os caminhos do Altíssimo, nem inquirir curiosamente as Suas decisões secretas. Para nós, é suficiente saber que o Senhor não comete erros, que Ele tem uma boa e suficiente razão para fazer tudo o que faz, e por essa razão devemos obedientemente nos submeter à Sua vontade soberana. As perguntas do homem: "Por que Ele faz isto?" e "Por que fizeste aquilo?" são reputadas como "discutir com Deus" (Rm 9.19,20).

Na maneira de Elias dirigir-se a Deus podemos notar, primeiro, como ele recorreu ao relacionamento especial que Ele mantinha com o profeta: "Ó SENHOR, *meu* Deus", ele clamou. Isso foi uma alegação do seu interesse pessoal em Deus, pois essas palavras expressam sempre relacionamento de aliança. Ser capaz de dizer: "Ó SENHOR, *meu* Deus" vale mais do que ouro ou rubis. Em segundo lugar, ele reconheceu a verdadeira fonte da calamidade: "Ó SENHOR, meu Deus, também até a esta viúva, com quem me hospedo, *[Tu] afligiste,* matando-lhe o filho?" (1 Rs 17.20) — ele viu a morte atacando por ordem de Deus: "Sucederá algum mal à cidade, sem que o SENHOR o tenha feito?" (Am 3.6). Que conforto, quando somos capacitados a perceber que nenhum mal sobrevém aos filhos de Deus a não ser aquele que Ele permite. Em terceiro lugar, ele contestou a severidade da aflição: este mal sobreveio não apenas a uma mulher, nem mesmo a uma mãe, mas "a esta viúva" — a quem Tu socorres de forma especial. Além do mais, ela é aquela "com quem me hospedo": a minha bondosa benfeitora.

"E, estendendo-se três vezes sobre o menino, clamou ao SENHOR e disse: Ó SENHOR, meu Deus, rogo-te que faças a alma deste menino tornar a entrar nele" (1 Rs 17.21). Seria isso uma prova da humildade do profeta? Quão admirável ver um tão grande homem gastar tanto tempo e atenção naquela atitude simples, e se colocar em estreito contato com aquilo que, cerimonialmente, o deixava impuro! Teria sido esse ato uma indicação da sua própria afeição pela criança, e para mostrar quão profundamente agitado ele estava com a sua morte? Era um sinal do fervor do seu apelo a Deus, como se ele quisesse, se fosse possível, pôr vida no corpo da criança, vida e calor do

[28] Salmo 46.1.
[29] Salmo 62.1,5.

seu próprio corpo? Não é isso que a repetição por três vezes nos leva a pensar? Será que era um sinal daquilo que Deus haveria de fazer pelo Seu poder e por obra da Sua graça ao trazer os pecadores da morte para a vida, o Espírito Santo envolvendo-os e comunicando-lhes a Sua própria vida? Se era isso, não temos aqui mais do que uma indicação de que, aqueles a quem Ele emprega como instrumentos na conversão, precisam tornar-se eles mesmos como criancinhas, descendo eles mesmos ao nível daqueles a quem ministram, e não colocar-se num pedestal como se fossem seres superiores?

"...clamou ao SENHOR e disse: Ó SENHOR, meu Deus, rogo-te que faças a alma deste menino tornar a entrar nele" (1 Rs 17.21). Como isso nos prova que Elias estava acostumado a esperar grandes bênçãos da parte de Deus, em resposta às suas súplicas, considerando que nada era difícil demais para Ele, nada grande demais para Ele conceder em resposta à oração. Sem dúvida nenhuma, essa petição foi motivada pelo Espírito Santo, contudo foi uma maravilhosa decorrência da fé com que o profeta antecipava a restauração da criança à vida, pois não há registro nas Escrituras de ninguém que tenha sido ressuscitado dos mortos antes dessa ocasião. E lembre-se, leitor cristão, que isso está registrado para nossa instrução e encorajamento: muito pode, por sua eficácia, a súplica de um justo[30]. Junto ao trono da graça, aproximamo-nos de um grande Rei; que sejam grandes, portanto, as petições que fizermos. Quanto mais a fé conta com o infinito poder e suficiência do Senhor, tanto mais Ele é honrado.

"O SENHOR atendeu à voz de Elias; e a alma do menino tornou a entrar nele, e reviveu" (1 Rs 17.22). Que grande prova foi essa, de que "os olhos do Senhor repousam sobre os justos, e os seus ouvidos estão abertos às suas súplicas" (1 Pe 3.12). Que demonstração do poder e da eficácia da oração! Nosso Deus é um Deus que ouve a oração, um Deus que responde às orações: refugiemo-nos, pois, nEle, qualquer que seja nossa aflição. Por mais desesperador que seja o nosso caso aos olhos humanos, nada é difícil demais para o Senhor. Ele é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos[31]. Mas, peçamos "com fé, em nada duvidando; pois o que duvida é semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento. Não suponha esse homem que alcançará do Senhor alguma coisa" (Tg 1.6,7). "E esta é a confiança que temos para com ele: que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve" (1 Jo 5.14). Sem dúvida precisamos — todos nós — suplicar com mais fervor: "Senhor, ensina-nos a orar"[32]. A não ser que esse seja um dos efeitos das considerações que estamos fazendo aqui, teremos sido bem pouco beneficiados com o nosso estudo.

Temos de clamar: "Senhor, ensina-nos a orar", mas também temos de meditar cuidadosamente nas porções da Palavra que relatam casos de intercessão eficaz, para podermos aprender os segredos da oração bem-sucedida. Quanto a esse assunto, devemos notar os seguintes pontos: Primeiro, Elias retirou-se ao seu próprio quarto, a fim de estar sozinho com Deus. Segundo, o seu fervor: ele "clamou ao Senhor" — isso não eram meras palavras. Terceiro, a sua firmeza quanto ao interesse pessoal que ele tinha pelo Senhor, expresso no seu interesse pessoal no Senhor, ao declarar o seu relacionamento de aliança: "Ó SENHOR, *meu* Deus". Quarto, ele se animou com os atributos de Deus: neste caso específico, a soberania e a supremacia de Deus — "Ó SENHOR, meu Deus, também até a esta viúva, com quem me hospedo, *[Tu] afligiste,* matando-lhe o filho?" Em quinto lugar, o seu fervor e insistência, evidenciados quando se estendeu sobre o menino não menos que três vezes. Em sexto lugar, o seu apelo à terna misericórdia de Deus: a *viúva*

[30] Tiago 5.16.
[31] Efésios 3.20.
[32] Lucas 11.1.

"com quem me hospedo". Finalmente, foi uma oração específica: "rogo-te que faças a alma deste menino tornar a entrar nele" (1 Rs 17.21).

"...e a alma do menino tornou a entrar nele, e reviveu" (1 Rs 17.22). Essas palavras são importantes para estabelecer claramente e de forma definitiva a distinção que existe entre a alma e o corpo, uma distinção tão real como a que existe entre a casa e os que nela habitam. As Escrituras nos dizem que, no dia em que criou o homem, o Senhor Deus primeiro lhe formou o corpo "do pó da terra" e, depois, Ele "soprou-lhe nas narinas o fôlego de vida", e somente então o homem passou a ser "alma vivente" (Gn 2.7). A linguagem usada nessa ocasião dá prova clara de que a alma é distinta do corpo, que ela não morre com o corpo, que ela existe num estado distinto depois da morte do corpo, e que ninguém senão Deus pode restaurá-la ao seu *habitat* original (compare com Lc 8.55). Em consequência disso, podemos observar que essa petição de Elias e a resposta de Deus tornam absolutamente claro que a criança estava morta de fato.

É importante entender que a era dos milagres cessou, de forma que não podemos esperar que nossos mortos sejam restaurados à vida de forma sobrenatural. Contudo o cristão deve olhar para o futuro com absoluta segurança de reencontrar os seus amados e amigos que partiram antes dele em Cristo. O espírito deles não está morto, nem adormecido como alguns erroneamente afirmam, mas retornou a Deus, que o deu (Ec 12.7), e se encontram agora num estado que é "muito melhor" (Fp 1.23), o que não poderia ser verdade se estivessem nalgum lugar sem a consciente comunhão com o Amado deles. Estão ausentes do corpo, mas estão "presentes com o Senhor" (2 Co 5.8), e na Sua presença há "plenitude de alegria" (Sl 16.11). Quanto ao corpo, eles aguardam aquele grande Dia, quando serão transformados à imagem do corpo glorioso de Cristo.

"Elias tomou o menino, e o trouxe do quarto à casa, e o deu a sua mãe, e lhe disse: Vê, teu filho vive" (1 Rs 17.23). Qual não deve ter sido a alegria que encheu o coração do profeta, à medida que testemunhava a miraculosa resposta à sua intercessão! Como devem ter sido fervorosas as expressões de louvor a Deus que lhe brotaram dos lábios por essa manifestação adicional da Sua bondade em libertá-lo do seu sofrimento. Mas não havia tempo a perder: a tristeza e a tensão da pobre viúva tinham de ser aliviadas. Por essa razão, Elias levou a criança de imediato para baixo e o entregou a sua mãe. Quem pode imaginar a alegria dela quando viu o filho restaurado outra vez à vida? Como a maneira de agir do profeta nos lembra aquilo que nosso Senhor fez logo depois do milagre de restaurar a vida do filho único da viúva de Naim, pois somos informados que, assim que ele se sentou e passou a falar, o Salvador "o restituiu a sua mãe" (Lc 7.15).

"Então, a mulher disse a Elias: Nisto conheço agora que tu és homem de Deus e que a palavra do SENHOR na tua boca é verdade" (1 Rs 17.24). Isso é maravilhoso. Em vez de entregar-se às suas emoções naturais, parece que ela ficou inteiramente absorvida pelo poder de Deus, que estava sobre o Seu servo, fato que agora assentou firmemente a convicção dela da missão divina do profeta, e a certeza da verdade que ele havia proclamado. Ela havia recebido plena demonstração de que Elias era de fato um profeta do Senhor, e que o seu testemunho era verdadeiro. Temos de lembrar que ele se apresentou inicialmente a ela como "homem de Deus" (repare as palavras dela no verso 18), e por isso era essencial que ele provasse que era isso mesmo. E isso tinha sido feito com a restauração da vida do filho dela. Ah, meu leitor, nós declaramos ser filhos do Deus vivo, mas como estamos demonstrando aquilo que professamos? Há somente uma forma legítima de fazer isso: andando em "novidade de vida", evidenciando que somos novas criaturas em Cristo.

Agora, repare como isso que estamos tratando nos mostra uma outra característica da vida familiar de Elias. Quando consideramos a maneira que ele se conduziu na casa da viúva, notamos em primeiro lugar o *contentamento* dele, não murmurando contra a comida simples que lhe era posta à mesa. Em segundo lugar, a sua *docilidade*, recusando-se a revidar com raiva às palavras cruéis dela.

E agora contemplamos o abençoado efeito, sobre a sua anfitriã, do milagre operado em resposta às orações dele. A confissão dela: "Nisto conheço agora que tu és homem de Deus", era um testemunho pessoal da realidade e do poder de uma *vida santa.* Oh, viver na força do Espírito Santo, de forma que aqueles que entram em contato conosco percebam o poder de Deus operando em e através de nós! Dessa forma, o Senhor mudou a tristeza da viúva em bem espiritual para ela, estabelecendo-lhe a fé na veracidade da Sua palavra.



Capítulo 11

Frente a Frente com o Perigo

Para alguém tão zeloso pelo Senhor e amoroso com o Seu povo, a prolongada inatividade a que foi forçado submeter-se deve ter sido uma dura prova para Elias. Um profeta vigoroso e corajoso como ele naturalmente haveria de ficar ansioso por aproveitar-se do atual sofrimento dos seus compatriotas: ele desejaria despertá-los para perceberem os seus terríveis pecados e encorajá-los a voltar-se ao Senhor. Em vez disso — os caminhos de Deus são completamente diferentes dos nossos — foi exigido dele que permanecesse em completo isolamento mês após mês e ano após ano. Apesar disso, o seu Senhor tinha um sábio e gracioso objetivo em toda essa difícil disciplina do Seu servo. Durante a sua longa estadia no ribeiro Querite, Elias provou a fidelidade e a suficiência do Senhor, e não foi pouco o proveito que obteve da sua prolongada estadia em Sarepta. Como revela o apóstolo, tanto em 2 Coríntios 6.4 como em 12.12, a primeira marca de um servo aprovado de Cristo é a graça espiritual da "paciência", e isso é desenvolvido por meio da provação da fé (Tg 1.3).

Os anos que Elias gastou em Sarepta estão longe de terem sido perdidos, pois foi durante a sua estadia na casa da viúva que ele obteve a confirmação do seu chamado divino, por meio do extraordinário selo que ali foi dado ao seu ministério. Foi esse selo que o aprovou na consciência da sua anfitriã: "Então, a mulher disse a Elias: Nisto conheço agora que tu és homem de Deus e que a palavra do SENHOR na tua boca é verdade" (1 Rs 17.24). Era extremamente importante que o profeta recebesse um testemunho desses a respeito da origem da sua missão, que ele recebera da parte de Deus, antes de lançar-se à parte mais difícil e perigosa daquilo que ainda o aguardava. Felizmente o seu próprio coração foi confirmado e ele se viu capacitado a começar de novo a sua carreira pública com a certeza de que ele era um servo de Jeová, e que a Palavra do Senhor estava de fato em sua boca. Um selo dessa qualidade sobre o seu ministério (a ressurreição do menino) e a sua aprovação diante da consciência da mãe foi um enorme encorajamento para ele, quando foi para encarar a grande crise e o conflito no Carmelo.

Que mensagem temos aqui para todo ministro zeloso por Cristo, a quem a Providência, por certo tempo, removeu das atividades públicas! Eles estão de tal forma desejosos de fazer o bem e de promover a glória do seu Senhor na salvação dos pecadores e na exaltação do seu Senhor na salvação dos pecadores e na edificação dos Seus santos, que eles consideram a sua inatividade forçada como uma provação muito dura. Mas eles podem ficar descansados, bem certos de que o Senhor tem boas

razões para colocar sobre eles essa restrição, e por isso deveriam seriamente buscar graça para não se irritarem nessa situação, nem tomar o caso nas próprias mãos forçando uma saída da situação. Medite no caso de Elias! Ele não proferiu nenhuma queixa, nem se aventurou a sair do isolamento ao qual Deus o havia enviado. Ele aguardou com paciência a direção do Senhor, para dirigi-lo à liberdade, e para alargar a sua esfera de utilidade. Nesse meio-tempo, por meio de fervente intercessão, ele se tornou uma grande bênção para quem morava com ele.

"E sucedeu que, depois de muitos dias" (1 Rs 18.1 – RC). Repare bem essa expressão do bendito Espírito. Não é "depois de três anos" (como de fato era o caso), mas "depois de muitos *dias".* Temos aqui uma lição importante para o nosso coração, se quisermos dar-lhe ouvidos: devemos viver um dia por vez, e fazer as contas da nossa vida em termos de dias. "O homem, nascido da mulher, é de bem poucos *dias* e cheio de inquietação. Sai como a flor e se seca" (Jó 14.1,2 – RC). Essa era a visão da vida adotada pelo velho Jacó, pois quando faraó perguntou ao patriarca: "Quantos são os dias dos anos da tua vida?", ele respondeu: "Os dias dos anos das minhas peregrinações são cento e trinta anos" (Gn 47.8,9). Felizes são aqueles cuja oração constante é a seguinte: "Ensina-nos a contar os nossos *dias,* para que alcancemos coração sábio" (Sl 90.12). Contudo, quão propensos nós somos a contar os *anos.* Esforcemo-nos por viver cada dia como se soubéssemos que é o último de todos.

"E sucedeu que", ou seja, agora havia se cumprido a decisão predeterminada de Jeová. O cumprimento do propósito divino jamais pode ser retardado nem pressionado por nós. Deus nunca jamais se apressará nem por nossa petulância nem por nossas orações. Nós é que temos de aguardar a hora estabelecida por Ele, e quando chega a hora, Ele age — aí então as coisas "sucedem" exatamente como Ele preordenou. Desde toda a eternidade, a exata extensão de tempo que o Seu servo precisa permanecer em certo lugar foi predestinada por Ele. "E sucedeu que, depois de muitos dias" — ou seja, depois de mais de mil, desde que a seca havia começado — "a palavra do SENHOR veio a Elias" (1 Rs 18.1). Deus não esquecera o Seu servo. O Senhor jamais esquece alguém do Seu povo; pois Ele não disse: "Eis que nas palmas das minhas mãos te gravei; os teus muros estão continuamente perante mim" (Is 49.16)? Oh, que nunca O esqueçamos, mas que seja sempre verdade a nosso respeito o seguinte: "O SENHOR, tenho-o sempre à minha presença" (Sl 16.8)!

"... veio a palavra do SENHOR a Elias, no terceiro ano, dizendo: Vai, apresenta-te a Acabe, porque darei chuva sobre a terra" (1 Rs 18.1). Para termos uma melhor compreensão do tremendo teste à coragem do profeta que essa ordem envolvia, tentemos obter uma idéia da situação em que se encontrava a mente daquele rei perverso. Nós começamos o estudo da vida de Elias refletindo sobre as seguintes palavras: "Então, Elias, o tesbita, dos moradores de Gileade, disse a Acabe: Tão certo como vive o SENHOR, Deus de Israel, perante cuja face estou, nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a minha palavra" (1 Rs 17.1). Agora, temos de considerar as consequências disso. Já vimos o que aconteceu com Elias durante esse longo intervalo; agora temos de verificar como as coisas estiveram se desenrolando com Acabe, a sua corte e os seus súditos. De fato, a situação das coisas na terra deve ser terrível, quando os céus são trancados e não há nem orvalho por três anos. "... a fome era extrema em Samaria" (18.2).

"Disse Acabe a Obadias: Vai pela terra a todas as fontes de água e a todos os vales; pode ser que achemos erva, para que salvemos a vida aos cavalos e mulos e não percamos todos os animais" (1 Rs 18.5). A descrição aqui é a mais simples possível, mas não é difícil acrescentar os detalhes. Israel havia pecado gravemente contra o Senhor, e por isso eles foram levados a sentir o peso da vara da Sua justa ira. Que descrição humilhante do povo favorecido de Deus, ver o seu rei sair à procura de erva, se é que podia encontrá-la em algum lugar para que fosse salva a vida dos animais

que ainda sobreviviam. Que contraste com a abundância e glória dos dias de Salomão! Mas Jeová havia sido grosseiramente desonrado, a Sua verdade havia sido rejeitada. A vil Jezabel havia poluído a terra com a pestilenta influência dos seus falsos profetas e sacerdotes. Os altares de Baal haviam suplantado o altar do Senhor, e, por isso, como Israel tinha semeado ventos, eles tinham agora de colher tempestades.

E qual foi o efeito que esse severo julgamento do Céu produziu em Acabe e em seus súditos? "Disse Acabe a Obadias: Vai pela terra a todas as fontes de água e a todos os vales; pode ser que achemos erva, para que salvemos a vida aos cavalos e mulos e não percamos todos os animais" (1 Rs 18.5). Não se encontra aqui nem uma sílaba a respeito de *Deus!* Nem sequer uma palavra sobre o terrível *pecado* que provocou o Seu desgosto com a terra! Fontes, ribeiros e erva era tudo o que ocupava os pensamentos de Acabe — *alívio* das aflições vindas de Deus era tudo o que lhe interessava. É sempre assim com os réprobos. Foi assim com faraó: a cada nova praga que descia sobre o Egito, ele mandava buscar Moisés e lhe suplicava que orasse para que fosse removida, e tão logo isso acontecia, ele endurecia o coração e continuava a desafiar o Altíssimo. A não ser que Deus intervenha e confirme em nossa alma as Suas correções, elas de nada nos servirão. Não importa quão severos sejam os Seus juízos ou por quanto tempo se estendam, o homem jamais se quebrantará por meio deles, a não ser que Deus execute uma obra de graça *dentro* dele. "os homens remordiam a língua por causa da dor que sentiam e blasfemaram o Deus do céu por causa das angústias e das úlceras que sofriam; e *não se arrependeram* de suas obras" (Ap 16.10,11).

Em nenhum outro lugar se mostra de maneira mais grave a terrível depravação da natureza humana do que nesse ponto específico. Primeiro, os homens consideram uma prolongada estação de seca como uma anomalia da natureza, que precisa ser suportada, recusando-se a ver a mão de *Deus* naquilo. Depois, quando se torna evidente que estão debaixo do juízo divino, manifestam um espírito de rebelião, e enfrentam as situações de forma atrevida e descarada. Um profeta posterior de Israel queixou-se do povo dos seus dias por manifestarem essa disposição perversa: "Ah! SENHOR, não é para a fidelidade que atentam os teus olhos? Tu os feriste, e não lhes doeu; consumiste-os, e não quiseram receber a disciplina; endureceram o rosto mais do que uma rocha; não quiseram voltar" (Jr 5.3). Disso tudo podemos ver quão completamente absurdos e errôneos são os ensinamentos dos católicos sobre o purgatório, e dos universalistas a respeito do inferno[33]. "Nem o suposto fogo do purgatório nem os reais tormentos do inferno possuem efeitos depuradores, e o pecador, sob a angústia do seu sofrimento, haverá de crescer continuamente em perversidade e acumular ira e indignação por toda a eternidade" (Thomas Scott).

"Disse Acabe a Obadias: Vai pela terra a todas as fontes de água e a todos os vales; pode ser que achemos erva, para que salvemos a vida aos cavalos e mulos e não percamos todos os animais. Repartiram entre si a terra, para a percorrerem; Acabe foi à parte por um caminho, e Obadias foi sozinho por outro" (18.5,6). Que quadro nos apresentam essas palavras! Nos pensamentos de Acabe, não só o Senhor não tinha nenhum lugar, como ele também não diz nada a respeito do seu povo, o qual, logo depois do Senhor, deveria ser a sua maior preocupação. O seu coração perverso parecia incapaz de elevar-se acima dos cavalos e dos mulos: era isso que o preocupava no dia da mais terrível adversidade de Israel. Que contraste entre o baixo e abjeto egoísmo desse miserável e o espírito nobre do homem segundo o coração de Deus: "Vendo Davi ao Anjo que feria o povo, falou ao SENHOR e disse: Eu é que pequei, eu é que procedi perversamente; porém estas ovelhas que fizeram? Seja, pois, a tua mão contra mim e contra a casa de meu pai" (2 Sm 24.17) — essa era

[33] Sobre esse assunto, o leitor será grandemente edificado e desafiado com a leitura do livro "O CASTIGO ETERNO", também de A.W.Pink.

a linguagem de um rei regenerado, quando o seu país tremia sob a vara da correção de Deus por causa do seu pecado.

À medida que se estendia a seca, e os seus dolorosos efeitos se tornavam mais e mais acentuados, podemos bem imaginar o amargo ressentimento e a furiosa indignação que crescia em Acabe e na sua perversa consorte contra aquele que havia pronunciado a terrível sentença de não haver nem orvalho nem chuva. Jezabel estava enfurecida de tal maneira, que ela exterminou os profetas do SENHOR (1 Rs 18.4), e tão furioso estava o rei, que ele havia procurado Elias diligentemente em todas as nações circunvizinhas, exigindo dos seus governantes um solene juramento de que não estavam concedendo asilo ao homem a quem ele (Acabe) considerava seu pior inimigo, e a causa de toda essa aflição. E agora a Palavra do Senhor veio a Elias, dizendo: "Vai, apresenta-te a Acabe" (1 Rs 18.1). Se muita coragem fora necessária quando ele precisou anunciar a terrível seca, quanto destemor não seria necessário agora para encarar aquele que o procurava com fúria impiedosa!

"Passados muitos dias veio a palavra de Jeová a Elias no terceiro ano, dizendo: Vai mostrar-te a Acabe" (1 Rs 18.1 – BRA). Todos os movimentos de Elias eram determinados por Deus: ele não era "dele mesmo", mas era servo de outrem. Quando o Senhor lhe ordenou: "esconde-te" (1 Rs 17.3), ele teve de esconder-se conforme a ordem dEle; e quando Ele disse: "Vai mostrar-te", ele teve de sujeitar-se à vontade de Deus. Não faltou coragem a Elias, pois "o justo é intrépido como o leão" (Pv 28.1). Ele não recusou a presente comissão, mas saiu sem demora e sem murmurar. Humanamente falando, voltar a Samaria era altamente perigoso para o profeta, porque ele não tinha como esperar nenhuma saudação de boas vindas do povo que se encontrava em tão dolorosas dificuldades, nem misericórdia alguma da parte do rei. Mas com a mesma obediência sem hesitação que já o caracterizara antes, assim ele sujeitou-se às ordens do seu Senhor. Como o apóstolo Paulo, ele não considerou como preciosa a própria vida, mas estava pronto a ser torturado e morto, se essa fosse a vontade do Senhor para ele.

"Estando Obadias já de caminho, eis que Elias se encontrou com ele" (1 Rs 18.7). Alguns poucos extremistas ("separatistas") têm caluniado rudemente o caráter de Obadias, acusando-o de transigente infiel, alguém que tentava servir a dois senhores. Mas o Espírito Santo não declarou que ele fez mal em continuar a serviço de Acabe, nem declarou que a sua vida espiritual sofreu dano por causa disso. Em vez disso, Ele claramente nos diz que "Obadias temia muito ao SENHOR" (1 Rs 18.3), o que é um dos maiores elogios que lhe poderiam ser feitos. Deus tem, muitas vezes, concedido favor ao Seu povo à vista de senhores pagãos (como José e Daniel), e tem magnificado a suficiência da Sua graça ao preservar a alma deles no meio do mais desfavorável ambiente. Os Seus santos são encontrados nos lugares mais inesperados — como na "casa de César" (Fp 4.22).

Não há nada errado em um filho de Deus manter uma posição de influência, se ele puder fazê-lo sem sacrificar princípios. E de fato, isso pode capacitá-lo a prestar valioso serviço à causa de Deus. Onde estariam Lutero e os Reformadores, falando humanamente, se não fosse o príncipe-eleitor da Saxônia[34]? E qual não teria sido o destino do próprio Wycliffe, se João de Gante não lhe tivesse oferecido guarida[35]? Como mordomo da casa de Acabe, Obadias estava, sem dúvida, na mais difícil e perigosa posição; contudo, longe de dobrar o joelho a Baal, ele fora instrumento para salvar a vida de muitos dos servos de Deus. Embora rodeado de tantas tentações, ele preservou a integridade. Também devemos reparar que, quando Elias encontrou Obadias, o profeta não emitiu

[34] Frederico, o Sábio (1463-1525), desde 1486 príncipe-eleitor da Saxônia. Ficou historicamente conhecido por interceder incansavelmente por Lutero ante o papa e o imperador. (Fonte: "Martinho Lutero — Obras Selecionadas, vol.1, p. 62, n. 19.)
[35] João de Gante (24 de Junho de 1340 - 3 de Fevereiro de 1399) foi o quarto filho do rei Eduardo III de Inglaterra e de Filipa de Hainault, nascido na cidade belga de Gante. Foi protetor de Wycliffe. (Fonte: Wikipédia.)

nenhuma palavra de reprovação para com o mordomo do rei. Não sejamos tão apressados para mudar nossa situação, pois o diabo pode nos assaltar tão facilmente num lugar como em qualquer outro.

Quando Elias estava a caminho de confrontar Acabe, ele encontrou o piedoso mordomo da casa do rei. "Estando Obadias já de caminho, eis que Elias se encontrou com ele. Obadias, reconhecendo-o, prostrou-se com o rosto em terra e disse: És tu meu senhor Elias?" (1 Rs 18.7). Obadias reconheceu Elias, mas quase não pôde acreditar no que via. Era incrível que o profeta houvesse sobrevivido ao impiedoso e furioso ataque de Jezabel contra os servos de Jeová; e era ainda mais incrível vê-lo ali, sozinho, andando por Samaria. As mais diligentes buscas haviam sido feitas para encontrá-lo, mas em vão, e agora ele aparece inesperadamente ali; quem pode sequer imaginar a mistura de sentimentos de reverente temor e alegria quando Obadias viu o homem de Deus, por meio de cuja palavra a terrível seca e a penosa fome quase haviam desolado por completo a terra? Obadias de imediato mostrou o maior respeito por ele e lhe prestou reverência. "Assim como ele havia mostrado a ternura de um pai aos filhos dos profetas, assim ele mostrou a reverência de um filho para com o pai dos profetas, e por meio disso mostrou que ele de fato temia grandemente o Senhor" (Matthew Henry).

"Respondeu-lhe ele: Sou eu; vai e dize a teu senhor: Eis que aí está Elias" (1 Rs 18.8). Não faltou coragem ao profeta. Ele recebera ordens de Deus para "mostrar-se a Acabe", e por isso ele não fez nenhuma tentativa de ocultar a própria identidade quando interrogado pelo mordomo. Também nós, quando desafiados por nossos opositores, não recuemos de declarar ousadamente o nosso discipulado cristão. Também devemos reparar que Elias honrou a Acabe, embora o rei fosse um perverso, ao referir-se a ele, enquanto conversava com Obadias, como "teu senhor". É obrigação do inferior mostrar respeito aos seus superiores: os súditos para com os seus soberanos, os servos para com os seus senhores. Temos de conceder a todos aquilo que lhes confere o seu cargo ou posto. Não é indício de espiritualidade sermos vulgares em nossa conduta, ou brutos no falar. Deus nos ordena: "honrai o rei" (1 Pe 2.17) — por causa do seu *cargo* — mesmo que seja um Acabe ou um Nero.

"Respondeu-lhe ele: Sou eu; vai e dize a teu senhor: Eis que aí está Elias. Porém ele disse: Em que pequei, para que entregues teu servo na mão de Acabe, e ele me mate?" (1 Rs 18.8,9). Era simplesmente natural que Obadias quisesse ver-se livre de tão perigosa missão. Primeiro, ele pergunta *de que maneira* ele havia ofendido ou ao Senhor ou ao Seu profeta, para que lhe fosse solicitado que se tornasse o mensageiro de tão desagradável notícia para o rei — prova segura de que a sua própria consciência estava limpa! Segundo, ele faz Elias saber os grandes esforços do seu senhor para localizá-lo e descobrir o seu esconderijo: "Tão certo como vive o SENHOR, teu Deus, não houve nação nem reino aonde o meu senhor não mandasse homens à tua procura; e, dizendo eles: Aqui não está; fazia jurar aquele reino e aquela nação que te não haviam achado" (v. 10). Contudo, apesar de toda a sua diligência, não foram capazes de descobri-lo — tal fora a eficiência com que Deus o protegera das suas más intenções. É totalmente inútil toda e qualquer tentativa do homem de esconder alguma coisa quando o Senhor a procura; igualmente sem efeito algum é procurar quando Deus esconde do homem alguma coisa.

"Agora, tu dizes: Vai, dize a teu senhor: Eis que aí está Elias" (1 Rs 18.11). É evidente que não estás falando sério ao fazer um pedido desses. Não sabes que para mim serão fatais as consequências, se eu não puder comprovar uma notícia dessas! "Poderá ser que, apartando-me eu de ti, o Espírito do SENHOR te leve não sei para onde, e, vindo eu a dar as novas a Acabe, e não te achando ele, me matará; eu, contudo, teu servo, temo ao SENHOR desde a minha mocidade" (v. 12). Ele temia que Elias fosse desaparecer misteriosamente outra vez, e então o seu senhor ficaria

furioso por ele não ter prendido o profeta, e certamente mais furioso ficaria se descobrisse que não havia mais nenhum vestígio dele, depois de ter este chegado tão perto do rei. Finalmente, Obadias pergunta: "Acaso, não disseram a meu senhor o que fiz, quando Jezabel matava os profetas do SENHOR, como escondi cem homens dos profetas do SENHOR, de cinqüenta em cinqüenta, numas covas, e os sustentei com pão e água?" (v. 13). Ele refere-se a esses nobres e ousados feitos seus, não num espírito de jactância, mas para comprovar a sua sinceridade. Elias o tranquiliza, em nome de Deus, e Obadias obedientemente se sujeita ao que lhe é ordenado: "Disse Elias: Tão certo como vive o SENHOR dos Exércitos, perante cuja face estou, deveras, hoje, me apresentarei a ele. Então, foi Obadias encontrar-se com Acabe e lho anunciou; e foi Acabe ter com Elias".



Capítulo 12

O Confronto com Acabe

Nos capítulos anteriores, vimos Elias sendo chamado de repente da obscuridade para aparecer diante do perverso rei de Israel e entregar-lhe uma terrível sentença de juízo, ou seja: "nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a minha palavra" (1 Rs 17.1). Em seguida, depois de entregar esse solene ultimato, o profeta, em obediência ao seu Senhor, retirou-se da cena da ação pública e entrou num isolamento, gastando parte do tempo junto ao ribeiro Querite, e parte na humilde casa da viúva de Sarepta. Em ambos os lugares, as suas necessidades foram miraculosamente supridas por Deus, que não permite que ninguém seja prejudicado por cumprir as Suas ordens. Mas agora chegou a hora quando esse intrépido servo do Senhor novamente tem de aparecer em público, e uma vez mais ele precisa encarar o idólatra monarca de Israel. "... veio a palavra do SENHOR a Elias, no terceiro ano, dizendo: Vai, apresenta-te a Acabe" (1 Rs 18.1).

Em nosso último capítulo, observamos o efeito que teve a prolongada seca sobre Acabe e os seus súditos, um efeito que tornou tristemente clara a depravação do coração humano. Está escrito: "a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento" (Rm 2.4), e também: "quando os teus juízos reinam na terra, os moradores do mundo aprendem justiça" (Is 26.9). Quantas vezes vemos esses textos sendo citados como se fossem declarações absolutas e incondicionais, e quão raramente são citadas as palavras que as seguem. No primeiro caso: "Mas, segundo a tua dureza e coração impenitente, acumulas contra ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus" (Rm 2.5); e no segundo caso: "Ainda que se mostre favor ao perverso, nem por isso aprende a justiça; até na terra da retidão ele comete a iniquidade e não atenta para a majestade do SENHOR" (Is 26.10). Como haveremos de entender essas passagens, pois para o homem natural parece que elas se anulam mutuamente? A segunda parte da citação de Isaías parece contradizer frontalmente a primeira.

Se compararmos Escritura com Escritura, veremos que para cada uma das declarações acima encontraremos clara e definida demonstração. Por exemplo, não foi a percepção da bondade do Senhor — a Sua "benignidade" e "a multidão das Suas ternas misericórdias" — que conduziram Davi ao arrependimento e o levaram a clamar: "Lava-me completamente da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado" (Sl 51.1,2)? E outra vez, não foi a lembrança da bondade do Pai — o fato de que na casa dEle havia "pão com fartura"[36] — que levou o filho pródigo ao arrependimento e à confissão dos seus pecados? Assim também quando os juízos de Deus estavam sobre a terra a tal ponto que somos informados: "Naqueles tempos, não havia paz nem para os que saíam nem para os

[36] Lucas 15.17.

que entravam, mas muitas perturbações sobre todos os habitantes daquelas terras. Porque nação contra nação e cidade contra cidade se despedaçavam, pois Deus os conturbou com toda sorte de angústia" (2 Cr 15.5,6). Então Asa e os seus súditos (em resposta à pregação de Azarias) "lançou as abominações fora de toda a terra … e renovou o altar do SENHOR … Entraram em aliança de buscarem ao SENHOR, Deus de seus pais, de todo o coração e de toda a alma" (2 Cr 15.8-12). Veja também Apocalipse 11.15.

Por outro lado, quantos exemplos são registrados nas Sagradas Escrituras de indivíduos e povos que foram objeto da bondade de Deus de forma marcante, que desfrutaram abundantemente as Suas bênçãos, tanto temporais como espirituais, mas longe de essas pessoas privilegiadas serem adequadamente afetadas por isso e conduzidas ao arrependimento, os seus corações se endureceram e abusaram das misericórdias de Deus: "E, engordando-se Jesurum, deu coices" (Dt 32.15 – RC e cf. Os 13.6). Assim, também, quantas vezes lemos nas Escrituras dos juízos de Deus castigando tanto indivíduos como nações, unicamente para ilustrar a verdade da seguinte palavra: "SENHOR, a tua mão está levantada, mas nem por isso a veem" (Is 26.11). Um exemplo notável é faraó, o qual, depois de cada praga, endureceu o coração novamente e continuou desafiando a Jeová. Talvez mais notável ainda seja o caso dos judeus, que, século após século têm sido afligidos com os mais terríveis juízos do Senhor, e contudo não aprendem a justiça por esse meio.

Ah, não temos nós mesmos testemunhado impressionantes demonstrações dessas verdades em nosso próprio tempo, tanto de um como de outro lado? Os favores divinos têm sido recebidos como algo óbvio; sim, são estimados muito mais como frutos de nosso próprio labor do que da generosidade divina. Quanto mais as nações prosperam, mais Deus Se esvai do cenário.

Como, então, compreender estas declarações divinas: "a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento" e "quando os teus juízos reinam na terra, os moradores do mundo aprendem justiça"? Obviamente, elas não são para considerar de forma incondicional e sem limite. Elas devem ser entendidas com este pré-requisito: o Deus soberano tem de confirmá-las em nossa alma. É o propósito ostensivo de Deus (não dizemos secreto e invencível), a demonstração da Sua bondade que deveria conduzir os homens aos caminhos da justiça: essa é a sua tendência natural, e esse deveria ser o seu efeito sobre nós. Contudo permanece o fato que nem a prosperidade nem a adversidade por si mesmas haverão de produzir esses resultados benéficos, pois quando as dispensações de Deus não são expressamente confirmadas em nós, nem as Suas misericórdias nem os Seus castigos haverão de operar alguma melhora em nós.

Pecadores endurecidos desprezam a riqueza da bondade de Deus, e a Sua tolerância, e a Sua longanimidade[37]. A prosperidade serve para deixá-los menos dispostos a receber as instruções da justiça, e onde os meios da graça (a fiel pregação da Palavra de Deus) são livremente proporcionados entre eles, continuam profanos e fecham os olhos a todas as revelações da graça e santidade de Deus. Quando a mão de Deus Se levanta para gentis repreensões, não fazem caso dela; e quando vingança mais terrível é infligida, endurecem o coração contra ela. Sempre tem sido assim. Somente à medida que Deus Se agrada em trabalhar em nosso coração, tanto quanto diante dos nossos olhos, somente à medida que Ele condescende em abençoar e confirmar em nossa alma a Sua influência miraculosa, é que se opera em nós uma disposição ensinável, e somos levados a reconhecer a Sua justiça em nos punir, e somos levados a consertar nossos maus caminhos. Sempre que os juízos de Deus não são especificamente confirmados na alma, os pecadores continuarão a sufocar a convicção e avançarão na rebeldia, até que sejam finalmente engolidos pela ira de um Deus santo.

[37] Romanos 2.4.

Talvez alguém pergunte: "O que tem tudo isso aí a ver com o nosso assunto?" A resposta é: tem tudo a ver, em vários sentidos. Isso mostra que a terrível perversidade de Acabe não era nada excepcional, ao mesmo tempo que serve também para explicar por que ele estava totalmente insensível com a dolorosa visitação do juízo de Deus sobre os seus domínios. Uma completa seca que se estendia por mais de três anos assolava a terra, de forma que "a fome era extrema em Samaria" (1 Rs 18.2). Esse era de fato um juízo de Deus; teriam, então, o rei e os seus súditos aprendido a justiça por meio desse juízo? Teria o seu rei lhes dado exemplo ao humilhar-se debaixo da potente mão de Deus, reconhecendo as suas vis transgressões, removendo os altares de Baal e restaurando a adoração de Jeová? Não! Longe disso, durante esse tempo todo ele tolerou a sua perversa esposa, a qual "exterminava os profetas do SENHOR" (18.4), adicionando iniquidade a iniquidade, exibindo as terríveis profundezas do mal onde o pecador se precipitará a não ser que seja impedido pelo poder refreador de Deus.

"Disse Acabe a Obadias: Vai pela terra a todas as fontes de água e a todos os vales; pode ser que achemos erva, para que salvemos a vida aos cavalos e mulos e não percamos todos os animais" (1 Rs 18.5). Assim como a palha no ar revela a direção do vento, assim essas palavras de Acabe indicam o estado do seu coração. O Deus vivo não tinha lugar nos seus pensamentos, nem ele estava preocupado com os pecados que haviam desencadeado o Seu desprazer sobre a terra. E não parece que ele estivesse um mínimo preocupado com os seus súditos, cujo bem-estar — logo depois da glória de Deus — deveria ser sua principal preocupação. Não, as suas ambições não parecem ter se elevado acima das fontes e dos ribeiros, dos cavalos e dos mulos, para que os animais que ainda sobreviviam fossem salvos. Isso não é evolução, mas degeneração, pois, quando o coração se afasta do seu Criador, a sua direção é sempre para níveis mais e mais baixos.

Na hora da sua maior necessidade, Acabe não se voltou em humildade para Deus, pois ele era um desconhecido para Ele. Erva era agora o seu maior alvo — desde que pudesse encontrá-la, nada mais lhe interessava. Se houvesse comida e bebida, ele poderia ter permanecido no palácio, em companhia dos profetas idólatras de Jezabel, mas os horrores da fome o forçaram para fora. Contudo, em vez de dar importância às causas da fome, e corrigi-las, ele busca somente alívio temporário. Lamentavelmente, ele havia se vendido à perversidade e tinha se tornado escravo de uma mulher que odiava Jeová. Ah, meu leitor, Acabe não era um gentio, um pagão, mas um israelita favorecido; mas ele tinha casado com uma pagã e enamorou-se dos falsos deuses dela. Ele havia naufragado na fé e estava sendo levado à destruição. Que coisa terrível é apartar-se do Deus vivo e abandonar o Refúgio dos nossos pais!

"Repartiram entre si a terra, para a percorrerem; Acabe foi à parte por um caminho, e Obadias foi sozinho por outro" (1 Rs 18.6). A razão para fazer isso é óbvia: indo o rei numa direção e o mordomo em outra, eles cobririam duas vezes mais terreno do que se permanecessem juntos. Mas talvez possamos também perceber um sentido místico nessas palavras: "Andarão dois juntos, se não houver entre eles acordo?" (Am 3.3). E que acordo havia entre esses dois homens? Não mais do que existe entre a luz e as trevas, entre Cristo e Belial, pois enquanto um era apóstata, o outro temia ao Senhor desde a sua mocidade (v. 12). Era adequado, então; eles deveriam separar-se e tomar direções opostas, porque viajavam para destinos eternos completamente diferentes. Que essa associação de idéias não seja considerara como absurda; em vez disso, cultivemos o hábito de procurar o sentido e a aplicação espiritual sob o sentido literal das Escrituras.

"Estando Obadias já de caminho, eis que Elias se encontrou com ele" (1 Rs 18.7). Isso com certeza parece confirmar a aplicação mística feita do versículo anterior, pois com certeza há um significado espiritual no presente versículo. Qual era o "caminho" que Obadias estava trilhando? Era o caminho do dever, o caminho da obediência às ordens do seu senhor. É certo que era humilde a

tarefa que ele estava desempenhando: procurar erva para os cavalos e os mulos, contudo esse era o trabalho que Acabe lhe havia designado, e enquanto ele se submetia à palavra do rei, foi recompensado com o encontro com Elias! Um caso paralelo se encontra em Gênesis 24.27, onde Eliézer, em obediência às instruções de Abraão, encontra a moça que o Senhor escolhera como esposa para Isaque: "estando no caminho, o SENHOR me guiou à casa dos parentes de meu senhor". Assim também aconteceu com a viúva de Sarepta: no caminho do dever (apanhando lenha) ela se encontrou com o profeta.

No último capítulo, consideramos a conversa entre Obadias e Elias, mas gostaríamos apenas de mencionar aqui a mistura de sentimentos que deve ter enchido o coração daquele, quando viu uma tão inesperada mas bem-vinda figura. Temor respeitoso e alegria devem ter predominado quando viu aquele por cuja palavra a terrível seca e fome haviam desolado quase completamente a terra. Aqui estava o profeta de Gileade, vivo e bem, avançando calmamente, sozinho, de volta a Samaria. Parecia bom demais para ser verdade, e Obadias quase não podia crer no que via. Saudando-o com uma apropriada deferência, ele pergunta: "És tu meu senhor Elias?" Declarando-lhe a sua identidade, Elias lhe diz que vá e informe Acabe da sua presença. Isso foi uma incumbência indesejável, contudo foi obedientemente cumprida: "Então, foi Obadias encontrar-se com Acabe e lho anunciou" (1 Rs 18.16).

E quanto a Elias, enquanto aguardava a chegada do rei apóstata: estava a sua mente inquieta, vislumbrando o raivoso monarca cercando-se dos seus oficiais, antes de aceitar o desafio do profeta, e então avançando com amargo ódio assassino em seu coração? Não, meu leitor, não podemos supor isso nem por um momento. O profeta conhecia muito bem Aquele que havia tomado conta dele tão fielmente, e havia suprido as suas necessidades tão graciosamente durante a longa seca; Ele não falharia agora. Não tinha ele boas razões para recordar como Jeová havia aparecido a Labão quando ele perseguia com raiva a Jacó? "De noite, porém, veio Deus a Labão, o arameu, em sonhos, e lhe disse: Guarda-te, não fales a Jacó nem bem nem mal" (Gn 31.24). Era um simples caso de o Senhor infundir no coração de Acabe um temor respeitoso que o impediria de matar Elias, não importando quanto desejasse fazê-lo. Que os servos de Deus se animem com a lembrança de que Ele mantém os inimigos deles completamente debaixo do Seu controle. Ele mantém o Seu freio na boca deles, e os volta para onde quer, de forma que não podem tocar um fio de cabelo sequer sem o Seu conhecimento e a Sua permissão.

Elias, então, aguardou com espírito intrépido, e calma de coração, a chegada de Acabe, como alguém consciente da própria integridade e da sua segurança na proteção de Deus. Ele bem podia apropriar-se das seguintes palavras: "Em Deus, cuja palavra eu exalto, neste Deus ponho a minha confiança e nada temerei. Que me pode fazer um mortal?"[38] Muito diferente devia ser a situação da mente do rei, à medida que "foi Acabe ter com Elias" (1 Rs 18.16). Embora irado contra o homem cujo terrível anúncio havia sido tão perfeitamente cumprido, ele devia estar meio temeroso de encontrá-lo. Acabe já havia testemunhado a sua inflexível firmeza e admirável coragem, e sabendo que Elias agora não devia estar intimidado com o seu desagrado, tinha boas razões para temer que esse encontro não fosse honroso para si mesmo.

O próprio fato de o profeta estar esperando o rei, sim, de haver enviado Obadias para dizer-lhe: "Eis que aí está Elias" deve ter inquietado o rei. Os homens perversos são geralmente grandes covardes: a consciência deles é quem os acusa, e frequentemente gera neles temor quando na presença dos fiéis servos de Deus, mesmo que estes ocupem na vida posição inferior à deles. Foi assim com o rei Herodes em relação ao precursor de Cristo, pois somos informados do seguinte:

[38] Salmo 56.4.

"Herodes temia a João, sabendo que era homem justo e santo" (Mc 6.20). De forma semelhante, Felix, o governador romano, tremia diante de Paulo (embora este fosse prisioneiro daquele) quando o apóstolo dissertava "acerca da justiça, do domínio próprio e do Juízo vindouro" (At 24.25). Que os ministros de Cristo não hesitem na ousada entrega da sua mensagem, nem se amedrontem com o descontentamento dos mais influentes da sua congregação.

"… e foi Acabe ter com Elias" (1 Rs 18.16). Nós talvez esperássemos que Acabe, depois de verificar através de dolorosa experiência que o tisbita não era um enganador, mas um verdadeiro servo de Jeová cuja palavra se cumprira com exatidão, demonstrasse agora piedade, convicto do seu pecado e estupidez, e estivesse pronto a voltar-se ao Senhor em humilde arrependimento. Mas nada disso aconteceu: em vez de aproximar-se do profeta com um desejo de receber instrução espiritual dele ou para suplicar as suas orações em seu favor, ele ingenuamente esperava agora vingar-se de tudo o que ele e os seus súditos tinham sofrido. A maneira com que se dirigiu a Elias revela de imediato a situação do seu coração: "Vendo-o (a Elias), disse-lhe (Acabe): És tu, ó perturbador de Israel?" (1 Rs 18.17) — que contraste com a saudação feita a Elias pelo piedoso Obadias! Não saiu nem uma palavra de contrição da boca de Acabe. Endurecido pelo pecado, com a consciência "cauterizada"[39], ele deu vazão à sua teimosia e fúria.

"Vendo-o (a Elias), disse-lhe (Acabe): És tu, ó perturbador de Israel?" (1 Rs 18.17). Essa explosão não deve ser considerada como algo desmedido, a expressão petulante de alguém pego de surpresa; em vez disso, devemos considerá-la como indicativa do miserável estado da alma de Acabe, porque "a boca fala do que está cheio o coração"[40]. Era o antagonismo declarado entre o mal e o bem: era o silvo da Serpente contra um dos membros de Cristo; era o desafogar da maldade de um que se sentia condenado pela própria presença de um justo. Anos mais tarde, falando de um outro devoto servo de Deus, cujo conselho foi solicitado por Josafá, esse mesmo Acabe disse: "eu o aborreço, porque nunca profetiza de mim o que é bom, mas somente o que é mau" (1 Rs 22.8). Longe, então, de ser desfavorável ao caráter e missão de Elias, essa acusação era um tributo à integridade do profeta, pois não há testemunho maior da fidelidade dos servos de Deus do que despertarem o sincero ódio dos Acabes que os cercam.

ATENÇÃO

A obra completa deste livro, *A Vida de Elias,* é composta de **35** capítulos.
Se o Senhor permitir, pretendemos traduzi-los todos.

[39] 1 Timóteo 4.2.
[40] Mateus 12.34.